ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

E

MISSÃO DOS LIVROS ELEMENTARES;

CORRESPONDENCIA OFFICIAL,

RELATIVA AO

IRIS CLASSICO,

PUBLICADA

POR

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

2.ª EDIÇÃO

CORRECTA E AUGMENTADA.

RIO DE JANEIRO.

Typ. e Livraria de B. X. Pinto de Sousa.

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1860.

A primeira edição d'esta obra foi publicada pelo *Jornal das Alagoas*; na actual se junctaram muitos desinvolvimentos, na parte orthographica.

Ás Directorias de Instrucção Pública e Presidencia da Provincia, que adoptaram o *Iris Classico* para uso das escholas (como se-vê a pág. 15), cumpre accrescentar a Directoria da Provincia do Rio de Janeiro, de que é chefe o sabio sr. Dr. Thomaz Gomes dos Sanctos.

Ao Exm.º Snr.

DR. PEDRO LEÃO VELLOSO

Presidente da Provincia das Alagoas.

Julguei dever, por todos os titulos, collocar este escripto sob os auspicios do magistrado integro, e do sabio juiz. Acceite V. Exc.ª este tributo da alta consideração de

Jose Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

ADVERTENCIA.

UNANIME e illimitada benevolencia havia em todo o imperio adoptado o livro que intitulei *Iris Classico*. Nunca se-me-proporcionára occasião, sinão de me-ufanar com tanto favor, e de arraigar ainda por mais um título os meos sentimentos de sympathia para com este paiz. A' leal amizade do sr. Supardo, de Maceió, devo a cópia authêntica de dous pareceres, pedidos pela presidencia da provincia das Alagoas, nos quaes finalmente, entre palavras de generosa animação, apparecem alguns reparos, que, por si-mesmos, e pelas bôccas d'onde emanavam, não podiam deixar de ser por mim tomados na mais séria consideração. A justificação, que vai lêr-se, par-

tiu para o seo destino, no paquete immediato ao que me-trouxe esses pareceres. Amigos, que leram todos esses escriptos, intenderam que assumptos d'esta natureza são sempre accolhidos com boa tolerancia pelo público. Segui o seo conselho. Obtida venia do illustrado cavalheiro, que tão sabiamente governa a provincia das Alagoas, dou ao prelo tanto os referidos pareceres, como o meo officio ao nobre presidente, e a memoria que o-acompanhou. É de crer que eguaes reflexões hajam a outros occorrido: agradeço pois cordialmente aos doctos criticos a opportunidade que me -concederam de explicar os meos pensamentos. Longe da infallibilidade, posso laborar em êrro; mas assim habilitarei os meos juizes a melhor appreciarem a idea, antes de proferirem sentença.

PARECER

DO

senhor director da instrucção pública da provincia das Alagoas.

« Illm.º e Exm.º Snr. — Para poder emittir o
« meo juiso sobre o IRIS CLASSICO do conselheiro José
« Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, segundo
« me determinou V. Exc.ª, em sua portaria numero
« vinte e tres, de vinte de fevereiro d'este anno, afim
« de ser admittido nas escholas de instrucção primaria
« da provincia, ouvi o parecer do professor interino
« de portuguez e analyse dos classicos, no lyceo d'esta
« cidade, e que tambem é inspector parochial das
« aulas primarias 'nesta mesma cidade, e em officio
« de quinze d'este mez, que juncto por cópia, dá elle a
« sua opinião, pelo modo que se dignará V. Exc.ª de
« ver na cópia inclusa.

« Na verdade, desejava eu ver justificados por
« seo auctor aquelles defeitos ou inconvenientes de or-
« thographia, indicados pelo dicto professor e inspector
« parochial, inconvenientes que de modo algum po-
« dem, a meo ver, ser tolerados, em uma obra com-
« posta e adornada de todos os quesitos, e com toda a
« pretenção de um livro escholastico eminentemente
« classico, e por tanto destinado a ser modêlo de es-
« tylo, de linguagem, e de orthographia da lingua ver-
« nacula.

« Entretanto é innegavel e incontestavel o mere-
« cimento do livro, para os meninos mais adiantados
« em leitura, e para os que aprendem a regencia do
« portuguez, seja pelo estylo classico da linguagem,
« seja pela elevação de pensamentos e pureza de ideas

« que contém muitos trechos, e excerptos dos melhores
« escriptores da lingua, achando-se d'entre elles al-
« guns brasileiros, como o Dr. Thomaz A. Gonzaga,
« Padre A. P. de Sousa Caldas, Frei Francisco de S.
« Carlos, e o Dr. em theologia Padre J. de Sancta Rita
« Durão.

« É pena que se achem pois em tal livro aquellas
« innovações, notadas no officio inserto, de difficil
« justificação, pelo que me parece; e que entendo
« deverem obstar por ora á sua admissão nas aulas da
« provincia, em quanto seo digno e illustrado auctor
« não as justificar ao menos, convencendo-nos do êrro
« em que nos achâmos, com quanto saibamos que no
« Rio de Janeiro, na Bahia, em Pernambuco, no Rio
« Grande do Norte, e talvez em alguma provincia
« mais, se ache adoptado o predicto Iris Classico para
« as differentes aulas públicas de portuguez. Final-
« mente devo declarar a V. Exc.ª que me parece não
« dever admittir-se livro algum, para as aulas pri-
« marias da provincia, que não seja exposto á venda
« encadernado, excluindo-se as brochuras, e que
« nenhum deve custar mais de mil reis; condições indis-
« pensaveis para a sua duração em mãos de creanças,
« e para ficar ao alcance de todas as classes da socie-
» dade, ainda as menos favorecidas da fortuna.

« V. Exc.ª mandará como fôr servido. Devolvo
« a V. Exc.ª o officio d'aquelle conselheiro, que acom-
« panhou a supradicta portaria de V. Exc.ª, a quem
« Deus guarde — Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Manoel Pinto
« de Sousa Dantas, presidente da provincia. O di-
« rector da instrucção publica, *José Corrêa da Silva*
« *Titara.* — »

PARECER

DO

senhor professor de portuguez e anályse dos classicos, no lyceo de Maceió.

« Maceió 15 de março de 1860. — Illm.° Snr.
« Tendo examinado, segundo V. S.ª recommendou-
« me, o Iris Classico, ordenado e offerecido, para uso
« das escholas brasileiras, pelo conselheiro José Feli-
« ciano de Castilho, não acho inconveniente em ser
« elle admittido nas aulas de instrucção primaria
« d'esta provincia, como pretende seo auctor, depois
« de corrigidos, na segunda edição, os defeitos de
« orthographia que contém, e que podem introduzir
« vicios d'este genero nos alumnos. A pureza da lin-
« guagem dos escriptores classicos portuguezes o torna
« recommendavel para ser lido pela mocidade, com
« tanto que a sua leitura seja precedida de outras
« obras mais proveitosas para os meninos, pelos exem-
« plos mais frisantes de moralidade, no estylo proprio
« da idade pueril, como o Livro d'Ouro dos Meninos,
« escripto por J. J. Roquete (homem douto na lingua
« portugueza) e contendo até preceitos de civilida-
« de; — o Thesouro de Meninos, cheio de variada
« instrucção ;—e sobre tudo o Methodo Facillimo, de
« E. A. Monte-Verde, por onde me parece muito
« conveniente que deve começar a leitura dos prin-
« cipiantes, em quanto obra melhor não apparecer ;
« passando logo para algum resumo de historia sa-
« grada, a fim de cêdo adquirirem noções d'esta im-
« portante parte da educação christã. Os meninos
« gostam muito de contos ou historiasinhas, em que
« entrem personagens da sua idade, e dos dialogos ; e

« é por isso que, segundo me informam alguns profes-
« sores e professoras, são lidos com satisfacção nas
« suas aulas (entre outros) os livros de Bona e Simão
« de Nantua. Tanto este como aquelles estão geral-
« mente em uso nas escholas d'esta cidade, mas os ulti-
« mos não me parecem admissiveis : o de Bona por
« conter, entre contos reconhecidamente honestos, ou-
« tros de materia pouco modesta, embora haja mora-
« lidade na conclusão ; e o de Simão de Nantua, por
« tractar mais de politica que de objectos simplesmente
« moraes. Todavia este é de menor inconveniente, e
« portanto mais toleravel. A lei de 15 de outubro de
« 1827 manda preferir para a leitura nas aulas o re-
« sumo da historia do Brasil, e a constituição do im-
« perio. Esta se acha em frequente uso nas escholas
« não só d'esta cidade, como da provincia ; e é por
« onde se começa 'nellas a analyse grammatical, o que
« me parece mui conveniente, já pela observancia da
« lei, já por ser obra redigida pelos mais sabios ho-
« mens do Brasil no começo do imperio e escripta em
« uma linguagem pura e contemporanea. A historia
« do Brasil, porém, não se encontra nas aulas prima-
« rias, nem tenho visto resumo algum que por sua con-
« cisão seja adaptavel para os meninos lêrem ; existe a
« necessidade de uma obra que satisfaça semelhante
« lacuna na instrucção primaria. O Iris Classico,
« não satisfazendo nenhuma das necessidades prin-
« cipaes do ensino primario, tem com tudo a vantagem
« de fazer os meninos conhecedores dos varios escriptos
« que ha em linguagem classica portugueza, de que
« lhes apresenta excerptos ; e é mais um livro em que,
« a par da Vida de D. João de Castro, (de que abun-
« dam exemplares) podem estudar, com aturada lei-
« tura, a pureza do idioma vernaculo. E como é mais
« barato que aquelle livro, segundo o preço por que o
« promette vender seo auctor, entendo que o Iris Clas-

« sico pode, de preferencia á dita obra da Vida de D.
« João de Castro, ser admittida para a leitura dos
« meninos já muito adiantados ou provectos, como
« complemento do estudo sobre a lingua materna, ser-
« vindo principalmente (depois da Constituição do Im-
« perio) para a analyse de prosa e verso, em que se
« devem dar por promptos os alumnos de gramma-
« tica nas aulas de primeiras lettras; não sendo essa
« admissão exclusiva de outra obra mais util que
« nesse sentido por ventura se apresente, visto conter
« o Iris Classico sómente as vantagens da pureza da
« linguagem e barateza do preço; e outra talvez possa
« apparecer que contenha as mesmas e mais quali-
« dades recommendadas para uso das escolas. Tenho
« noticia de uma obra semelhante, a Selecta Classica,
« do Padre M. do S. Lopes Gama (bem conhecido por
« sua erudição e aferro á pureza da lingua nacional)
« mas ainda não vi nenhum exemplar della, e ignoro
« o custo de cada exemplar. Não ouso por isso pro-
« po-la em vez do Iris Classico; mas insisto em que,
« a ser admittido, o seja depois de corrigido dos de-
« feitos orthographicos na segunda edição. Assim
« como é de vantagem que os meninos aprendão a
« conhecer e se acostumem com a pureza da lingua-
« gem classica, tambem existe a mesma vantagem em
« que se lhes não introduzão vicios orthographicos ou
« systemas singulares contrarios á opinião geral dos
« proprios autores classicos, e á indole da lingua. As
« innovações sobre a orthographia são proprias de
« obras escriptas para adolescentes e nunca para me-
« ninos. Parece-me que o erudito autor do Iris Clas-
« sico não attendeu aos inconvenientes que no se-
« gundo caso se seguem; e colligindo excerptos das
« diversas obras classicas, lhes alterou a orthogra-
« phia, a seu bel praser, como se vê em certas pala-
« vras escriptas systematicamente com–*i*–em vez de-

« *e*–, e no uso da risca de união nos pronomes quando
« precedem aos verbos, o que não se acha nos me–
« lhores autores, nem antigos nem modernos. A
« razão de se usar d'aquella risca nos pronomes pes-
« soaes pospostos aos verbos, é para subordiná-los na
« pronuncia á palavra antecedente, formando figura–
« damente com esta uma palavra, cujo acento tonico
« fica na penultima ou antepenultima syllaba; e ás
« vezes tirar o equivoco do emprego do pronome.
« Por exemplo, em *Amo–te*, *Amaste-me*, fica o acento
« na antepenultima; em *Mandei–lhe*, *Deixai-nos*, fica
« na penultima, e em *Deixei-o doente*, *Achei-o bom*,
« tira o equivoco que podia haver se escrevessemos
« sem a risca, v. g., *Deixei o doente*, *Achei o bom* (isto
« é, o objecto bom). No uso contrario da risca de
« união não se dá utilidade alguma, e é ociosa; por
« quanto, quando se diz, v. g. *Eu o deixei doente*.
« *Eu o acho bom*, não pode dar–se equivoco ácerca
« do emprego do pronome; e assim como as conjun–
« ções e preposições precedendo aos substantivos e
« verbos, não precisão de risca de união para na pro-
« nuncia ficarem subordinadas (como palavras inclitas)
« ao acento da palavra seguinte, não existe razão para
» os pronomes precisarem. A mudança que faz o
« autor do IRIS CLASSICO, do–*e*–mudo de algumas
« palavras para–*i*–, é contraria á indole da lingua por-
« tugueza e reprovada por todos os nossos lexicogra-
« phos. Elle escreve *intender*, *idificar*, *intrar*, *inxer-*
« *tar*, *intregar*, *impenhar*, *incommendar*, *inganar*,
« alem de outras, em vez de *entender*, *edificar*, *entrar*,
« *enxertar*, *entregar*, *empenhar*, *encommendar*, *enga–*
« *nar*. A mesma alteração faz nos substantivos e
« adjectivos derivados desses verbos, contrariando as-
« sim a orthographia geralmente adoptada; ao passo
« que muda o —*i*— para —*e*— nas palavras *idade*,
« *igual*, *igreja*, escrevendo *edade*, *egual*, *egreja*. Esta

« segunda alteração (de que ha exemplos em ra-
« ros escriptores) com quanto pareça chegada á ety-
« mologia latina, e seja de pouco inconveniente, porque
« o —*e*— mudo se aproxima ao —*i*— na pronuncia,
« é comtudo reprovada por Constancio (o melhor le-
« xicographo da lingua portugueza) visto ser inutil e
« não ter outro fim que o de alterar uma orthographia
« mui razoavel e inveterada na lingua. É contra a
« boa razão porque não restaura a orthographia da
« palavra latina e altera a portugueza, formando uma
« especie de barbarismo; pois, v. g., *edade*, *egual*,
« *egreja*, nem é latim, nem portuguez: o latim é
« *aetas aetatis*, *aequalis aequale*, *aecclesia*, *aecclesiae*,
« donde se vê que se fez alteração não só na inicial da
« palavra primitiva, como em outras lettras della, mu-
« dando o—*t*—para—*d*—na primeira; o—*q*—para
« *g*—na segunda, e fazendo uma revolução completa
« na terceira. É opinião do mesmo Constancio que,
« quando a palavra derivada tem soffrido sensivel
« alteração nas lettras, deve escrever-se segundo a
« pronunciação, maxime quando o uso constante da
« lingua tem sanccionado uma orthographia neste
« sentido. Ainda mesmo em palavras cuja mudança
« foi somente de uma lettra, se respeita o uso invete-
« rado e razoavel da lingua portugueza (como em
« outras se pratica) e a esse respeito vê-se um bom
« exemplo em Alexandre Herculano, o qual escre-
« vendo *sancto*, *sanctidade*, *sanctificar* (com rigor ety-
« mologico) á semelhança de *acto*, *actividade*, *activar*,
« conserva a orthographia geral portugueza em *douto*,
« *doutor*, *doutrina*, &. que alguns extremados ety-
« mologistas querem mudar para *docto*, *doctor*, *doc-*
« *trina*, sem reflectirem que a pronuncia tem conver-
« tido o—*c*—latino em—*u*—na palavra portugueza,
« formando com a vogal antecedente o dipthongo—
« *ou*—, que bem distincto sôa em *douto*, e se faz

« perceber nos outros vocabulos deste derivado. Se
« a dita segunda alteração não se pode admittir, se-
« gundo as razões expostas, com maiores motivos
« deve ser reprovada a outra do—*i*—em—*e*—nas
« palavras já referidas, não só por contraria á indole
« da lingua portugueza (mesmo sendo a mudança so-
« mente do—*e*— mudo para —*i*—) mas tambem por-
« que em algumas (como no verbo *entrar*) viria ella
« a recahir sobre o accento tonico da palavra, for-
« mando um intoleravel barbarismo; por exemplo,
« escrevendo-se *intrar* no infinito, e por uniformidade
« nos outros modos e tempos, daria as seguintes vozes:
« Indicat:—Eu *intro*, tu *intras*, elle *intra*. Subjunct.
« — Eu *intre*, tu *intres*, elle *intre* etc. Isto basta
« para conhecer-se o inconveniente de tal orthogra-
« phia; e quando se quizesse oppor que o verbo ficaria
« irregular, para salvar esse inconveniente, dava-se
« outro maior, o de perder a regularidade de um
« verbo, e sem razão plausivel!

« É da indole do nosso idioma mudar o —*i*— da
« particula prepositiva *in* ou *im* das palavras latinas
« para *en* ou *em* quando o sentido é positivo, e conser-
« var aquella vogal inicial quando o sentido da parti-
« cula é negativo. Mui poucas palavras latinas exis-
« tem em portuguez com o *in* ou *im* positivo; e seria
« para desejar que nenhuma existisse afim de não cau-
« sar confusão aos principiantes, que aprendem a regra
« de que *in* ou *im* inicial significa *não* na composição
« das palavras.

« Ora a alteração que se vê no Ires Classico vai
« causar sobre tudo este inconveniente, pois muda o
« *en* ou *em* para *im* no sentido positivo, causando aos
« principiantes a confusão deste com o sentido negativo
« em palavras cuja orthographia o uso com muita ra-
« zão tem sanccionado.

« E nota-se uma vontade tamanha no autor do
« Iris Classico em fazer tal alteração, que até nas pa-
« lavras *edificio* e *edificar* muda o—*e*— para—*i*—,
« sendo ellas em latim escriptas com æ (*aedificium*,
« *aedificare*). Nestas affasta-se inteiramente da etymo-
« logia, em outras quer segui-la contra a boa razão!

« Tão notaveis inconvenientes de orthographia
« em uma obra destinada para leitura dos meninos, me
« fizeram ser mais extenso do que pretendia no presente
« parecer, do que peço desculpa a V. S.ª — Deos
« guarde a V. S.ª— Illm. Sr. José Corrêa da Silva Ti-
« tara, director geral da instrucção publica. — O ins-
« pector parochial, *José Alexandre Passos*. »

ADVERTENCIA.

Nos precedentes officios, não ousei alterar a orthographia, que parece adoptada por seos sabios signatarios. No que passo a dar, de propria lavra, sigo a minha— não ainda rigorosamente, pelos motivos que adeante expenderei, mormente em relação aos accentos—porém buscando approximar-me do typo de perfeição, a que poderá chegar, si a ramerraneira estranheza no graphar de alguns vocabulos, relativamente ao uso commum, não condemnar de antemão o systema sem ouvil-o.

OFFICIO

do conselheiro Castilho ao senhor presidente da provincia das Alagoas.

Illm.º e Exm.º Snr.

Tendo eu tido a honra, por convicte da provincia da Bahia, de dispor, sob o título de Iris Classico, para uso das escholas brazileiras, um livro que uma boa estrêlla alumiou, pois ja hoje me-consta haver sido adoptado, para o sobredicto fim, pelas provincias da Bahia, Ceará, Espirito Sancto, Goyaz, Maranhão, Minas, Pará, Parahyba do Norte, Pernambuco, Piauhy, Rio Grande do Norte, Sancta Catharina, Sergipe, e bem assim pelo Conselho de Instrucção Pública da côrte, e collegio de Pedro II, apressei-me a submetter egualmente essa obra ao alto juizo d'essa presidencia, sem todavia pedir, como inexactamente se-insinua, que a provincia das Alagoas lhe-liberalizasse egual distincção. Tenho por uso apreciar, agradecer, nunca provocar testimunhos de benevolencia.

A um amigo, porém, devo o conhecimento das occurrencias que se-seguiram. Scei portanto que essa presidencia, como lhe-cabia, convidou a Inspectoria da Instrucção Pública Provincial a emittir opinião sobre o referido livro; que o zeloso impregado que desimpenha aquellas elevadas funcções, consultou o sabio professor de portuguez e anályse dos classicos no lyceo de Maceió, e inspector parochial das aulas primárias d'essa mesma cidade. Tenho perante mim, por cópia authêntica, os pareceres de ambos esses competentes cavalheiros, que a V. Exc.ª constituem juiz de sua

conclusões, e dos fundamentos litterarios d'ellas ; e é tambem tribunal meo, com mil vontades, o tribunal da sua escolha.

Só poderia eu recear que se-averbasse de suspeito, para decidir em tal causa, V. Exc.ª, o conspicuo magistrado, que ja, dirigindo outra provincia do imperio, se-dignou ordenar alli egual adopção, distribuir avultado numero de exemplares pelos pobres , e (o que é mil vezes mais grato ao meo coração) honrar-me, pelo que se-dignou denominar *serviço relevante* a este pays, com palavras de bondade, bem proprias para alentar.

Acovardar-me-hia a desproporção das fôrças, si a provada generosidade de meos illustres censores me não servisse de animação, ou si podesse dar outro resultado, si não honra, o proprio ser vencido por taes athletas. De mais, o meo unico intuito é, não repellir a crítica, mas apenas pedir licença aos doctos cavalheiros para explicar os fundamentos das denominadas innovações, que os-impressionaram. D'estas placidas palestras litterarias são sempre as lettras que aproveitam.

Deus guarde a V. Exc.ª Rio de Janeiro, aos 14 de junho de 1860.

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Pedro Leão Velloso, presidente da provincia das Alagoas.

Jose Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

MEMORIA

sôbre varios reparos que á obra intitulada IRIS CLASSICO fizeram os srs. director geral da instrucção pública da provincia das Alagoas, e inspector parochial das aulas primárias de Maceió.

NÃO é minha mente impenhar-me no que pareça uma lucta litteraria com tão doctos antagonistas. Fallecem-me fôrças, e succumbiria. Só aspiro a persuadil-os de que os ponctos sôbre que suas censuras recairam não devem, talvez, ser qualificados de *erros* e *vicios*, sendo apenas resultantes de um *systema*; bom ou mao, não o-poderei eu decidir.

Procurarei, leal e litteralmente, transcrever todas as accusações, sob cujo pêso foi o livro condemnado, sem deixar uma só, que, por não tocada,

parecesse merecer menos consideração e respeito. Os nobres censores (que determinam me-justifique) sentenciarão finalmente como for de razão.

Fundem-se verdadeiramente em um os dous pareceres. A solidariedade de opiniões, proclamada pelo snr. inspector geral, induz a responder conjunctamente a ambos. Grato ás phrases de favor (e mesmo á adopção, por ambos, embora com restricções, aconselhada), passarei unicamente esses trechos em silêncio, limitando-me ao que precise justificação, defesa, ou pelo menos explicação.

Attenta dissecção d'estes pareceres auctoriza a incabeçar as críticas em quatro ordens, das quaes as tres primeiras foram levemente aponctadas, declarando-se que só á quarta se-dá elevada consideração. São as seguintes:

1.ª *Observações relativas á missão de taes livros.*
2.ª *Dictas á confrontação com outras obras.*
3.ª *Reflexões economicas.*
4.ª *Dictas orthographicas.*

Reunirei, sob cada rúbrica, as ponderações dos dignos censores.

PRIMEIRA PARTE.

OBSERVAÇÕES RELATIVAS Á MISSÃO DE TAES LIVROS.

« Devem procurar-se obras que, além dos requisitos da pureza de « linguagem e barateza do preço, juntem outras qualidades, que o *Iris* « menosprezou. Os meninos gostam muito de historiasinhas, em que « entrem personagens da sua idade. O *Iris Classico* não satisfaz a « nenhuma das necessidades principaes do insino primario. »

(Parecer dos censores.)

Tão peremptorias são todas éstas asserções, que outro refúgio me não resta sinão a humilde confissão de que errei. Eis-aqui, porém, as causas do meo êrro.

Pensava eu que nos-cabia a glória de falarmos uma das mais formosas e fidalgas linguas, que na terra se-conhecem, reunindo todas as condições de abundancia, facilidade, laconismo, harmonia, brevidade, euphonia, graça, mimo, gravidade, energia, elegancia, os dotes, emfim, que a-tornam primorosamente apta para brilhar em todos os stylos. Sem injuriar os outros idiomas, cada um dos quaes gosa de

peculiares dons, julgava eu todavia que a nenhum outro tinhamos que invejar (*). Rompendo o *Iris Classico* pela transcripção dos louvores á lingua portugueza, baixados das mais auctorizadas boccas,

(*) Na charta que a direcção da *Lysia Poetica* honrou, adoptando-a como introducção a tão valiosa obra, escrevi eu o seguinte:

No cortar lavores, no entretalhar poetico, nenhuma nos-leva a palma; nenhuma se-presta melhor, em dignidade, ao cothurno; em majestade, á epopeia; em graça, a esses versos que a lyra devêra sempre acompanhar; em voluptuosidade, á canção; no mordente, á satyra; no fino, ao epigramma.

Tudo quanto a poesia invoca, tudo quanto humano verbo comporta, o portuguez o-dá; mas, porque

tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes,

ahi se-armou contra elle uma cruzada sangrenta, cujos combatentes nasceram no mesmo torrão, e cujo motto de bandeira é: — *Deshonra da lingua nacional!*

Contam zelosos exercitos de terra e mar, cujas fôrças, combinadas ou não, tendem a um effeito commum. Os piratas que cingram pelo mar são os nove decimos dos traductores de francez, os nove decimos dos que impunham a penna para impobrecerem, mascararem e mascarrarem a lingua. Os porta-machados de terra firme são essas secias e esses leões de salla e botiquim, os quaes, com duas espadeiradas de lingua, prostram o pobre portuguez, e o-subterram, inscrevendo-lhe como epitaphio: — *Aqui jaz um idioma pobre, miserando, inculto, desharmonico, e indigno de sentar-se, como conviva, ao banquete da palavra.*

E depois, no tripúdio de sua victória, discutem sôbre o destino que dar-se deva á memória do finado...

Faz lembrar a scena horrorosamente sublime que a imaginação nos-pinta, ao recordarmos aquelle dia solemne em que Danton, Robespierre e Marat se-sentaram para deliberar sôbre o que da républica fariam que lhes-havia caido nas mãos!

Estes nossos Marats, Robespierres e Dantons do ridiculo imitam aquelles... menos no terror, que não inspiram, e na intelli-

mostrei ser aquella convicção o poncto de partida do meo trabalho.

Erraria eu? Talvez. Mas, si assim fôra, não

gência, que lhes-falta: no máis, são tão *entes supremos* como elles, e, tanto como a d'elles, sera duradoura a obra que perpetram.

Centuriões de procissão, depõem a lança e despem a catadura fera, depois de representado o papel de espadachins e mactarizes.

Quem conhece os recursos de que dispomos, para que mente á consciencia? Quem os não conhece, para que arremeda o cego, julgando de côres? Mais valêra que metade d'êsse ignaro ardor pela calúmnia se-convertesse em zêlo pelo estudo.

Aprecie-se bem o que é e o que póde tornar-se o portuguez, e (se não dispensam confrontações) o que são e podem tornar-se as vozes dos outros povos: sem isso, treguas ás declamações apaixonadas e stultas.

Repugnam, sem dúvida, aquellas comparações; mas, que remédio? Quando se-pretende levar a injustiça ao poncto de exiliar a lingua portugueza como pária entre suas irmans, fórça-se á contraposição, e talvez que então nos-brade a consciencia ser de todas a princesa.

Confrontando com as vulgarmente manuseadas —prestar-se-hão essas todas, em egual grau, aos mais variados e oppostos generos? Conforme a indole do assumpto, não peccará frequentemente — o mavioso italiano por excesso de doçura e não sei que alambicamento? o claro francez pela proscripção das inversões e multiplicidade de forçadas cunhas? o nobre castelhano por certa aspereza e guindado de suas gutturaes palavras? o inflexivel inglez e allemão pelo rispido, fugaz, e inharmonico soar? Não o-affirmo; não scei; mas, sim, que nenhuma d'essas accusações póde plausivelmente sustentar-se contra o dizer de nossos avós, que a todo o genero de composição se-presta, elegante, apropriado, euphonico.

Mas, que necessidade ha, para elevar o que é nosso, de deprimir o alheio?

Todos esses mares que abraçam as terras — os Atlanticos, os Pacificos, os Arcticos, e os Antarcticos—são egualmente oceanos, e para todos marcou Deus um logar de honra na superficie do globo.

desejaria eu, louco embora, que do meo pôrto pyreo me–arremessassem. Erros ha mais suaves e felizes que desingannos duros. O culto da lingua de nossos paes é um dever da grande herança, uma quasi-reli–

Pueril fôra pretender, por conveniencias de discussão, que taes pelagos sejam ribeiros, lagos, ou tanques.

Sancadilhas intellectuaes não transformam a natureza das cousas, nem epigrammas deslavados baixam uma lingua da altura que lhe–compete.

E que máis fidalga genealogia ha ahi que a da nossa ?

— O grego, o latim, o arabe !— isto é, a harmonia, a perfeição, a audacia.

Deu-nos o grego a sua euphonia admiravel, a sua concisão, o seo *jus de accrescer* nos vocabulos.

Deu-nos o latim o arredondamento da sua phrase, as suas inversões, os seus hyperbatos, a sua geometria linguistica.

Ás influencias arabes devemos a luxuosa opulencia de uma linguagem metaphorica.

Como poderia ser plebeia e mendiga a descendente de tão illustre linhagem, que, mantendo os dominios seculares, tem ido, de geração em geração, inriquecendo o seo apanagio ?

Esse cantinho da Europa, que avassalava mundos novos e rasgava estradas audaciosas para os mundos velhos, bem podia tambem ter nobremente conquistado o que fórma um complemento de patria — lingua sua. É essa que o sol, em seo gyro, ouve na redondeza constantemente falar.

Nunca d'ella se-queixaram os poetas dignos do patricio nome, sendo, antes, unisono o côro dos que a-proclamam suave, melodiosa, meiga, energica, popular, concisa, louçan, saudosa, variada. Si nem todos a-aproveitaram pela mesma fórma, dependeu isso ja dos tempos, ja dos assumptos, ja de sua propria organização.

Até no mesmo objecto os maiores escriptores exhibem dotes diversos, sem que essa variedade provenha do idioma que todos usam.

gião, um dos predicados do amor da patria, um sentimento nobre, la mesmo onde não fôsse uma funda convicção. Amo a lingua portugueza, porque a-considero admiravel; amo-a tambem, porque foram esses os sons que a meos ouvidos esvoaçaram, desde que á luz da razão se-abriram meos olhos.

Affigurava-se-me que isto, que eu sinto, era egualmente sentido por quantos nasceram nas terras, onde este idioma domina; julgava eu que instinctivamente fitavamos, todos, os olhos 'nessa tradição que brada: lingua morta, povo morto.

E porque o nosso patrimonio é rico, e sobretudo porque é nosso, doe-me o coração, ao ver como os filhos prodigos o-dissipam; como, de dia em dia, vão saltando d'esse diadema de glória as mais opulentas joias, substituidas por falsa pedraria.

Quem ha hi que desconheça os mil idiotismos (*), as mil especialidades, que os nossos bons escriptores sabem tão efficazmente aproveitar? Quem perfunctoriamente incara éstas cousas, apenas considera um modo, e é esse o mais inoffensivo, de abastardar o dizer de uma nação: o vocabulario alienigena. Não; o inriquecimento da terminologia é verdadeiro progresso, quando faltava a palavra, que vem pedir charta de naturalização; quando o termo nôvo exprime

(*) Assim os-denomina Seneca; *idiomas* os-chamam Cassiodoro, Macrobio, Charisio e Varrão.

idea nova, ou traduz a idea antiga de um modo diverso. Em circumstancias taes, sejão bemvindos os novos vocabulos, depois de cautelosamente carimbados com o sêllo da alfandega nacional.

De quatro principaes elementos se-compõe o estudo de uma lingua. Das *lettras* se-occupa mais particularmente a *orthographia* ; — das *syllabas* , a *prosodia* ; — das *dicções* , a *etymologia* ; — da *construcção,* a *syntaxe*. Todos esses quatro elementos devem ser objecto de constante estudo ; mas uma lingua só começa a descair, a transformar-se, a perder-se, desde que abandonna a sua peculiar syntaxe, a sua grammática, a sua logica, a sua indole, o seo genio. A construcção sobretudo, a nossa bellissima construcção vernacula, vai indo, de foz em fora, prestes a afogar-se 'num pelago de locuções transpyrenaicas, em todo o sentido inferiores ás de nossa donosa lingua. Importa que os competentes, em vez de acoroçoarem tendencias de suicidio, invidem esforços para oppor uma barreira ao ímpeto d'aquellas vagas ; e — longe de insinuar que nos-vamos costumando ao que ahi se-denomina *escrever hodierno*, isto é, ao selvagem periodo do agente, verbo e complemento, nas phrasesinhas miudas, sem succo ou ligação — bradem, com sua voz auctorizada e grande, que reajamos contra a torrente devastadora ; que convençamos a nova geração de que, não raro, o progresso está no retrocesso, porque o progredir em caminho errado é afastar cada vez mais do alvo da jornada.

Não é certamente a chamada *lingua hodierna* (não a dos escriptores distinctos, mas a vulgar),—essa imitação servil do francez, construcção viciosissima, pallida, frouxa, mendiga,—que ha-de jamais equiparar-se, como ja ponderei, ao nosso periodo verdadeiramente portuguez, em donaire, e em effeitos de composição, em variedade de córtes, em número e música, em razão logica, em prestigios rhetoricos e poeticos, e até mesmo em clareza, pois que onde se-observa a falta d'este dote, culpa não é do instrumento, da voz, mas sim do instrumentista, do escriptor.

Nem sempre são latinismos essas peculiaridades do portuguez. Comquanto a immensa maioria dos termos, e a índole geral da boa construcção e syntaxe nacional, lance raizes no Lacio, restam-nos vestigios de outros dizeres, especialmente grego, arabe e francez. Si a estas diversidades de origens junctarmos a da primitiva lingua lusitana (que não póde deixar de ter legado palavras e construcções), bem se-explica a independencia e liberdade de um falar, que, em proveito proprio, tem jus de perpetuar as proprias bellezas.

E porque se não diga serem asserções éstas pouco fundadas, e que, no perder das peculiaridades do nosso idioma, não haveria perda deploravel, importa apresentar aqui várias, mais ou menos valiosas, e algumas de inestimavel preço. Por exemplo :

— Adoptaram os nossos antigos, na transformação

dos vocabulos, leis geralmente tendentes ao suavizamento e harmonia, sem comtudo descaír até á effeminação. Levaram esse methodo ao poncto de desterrarem as syllabas gutturaes e aspiradas nas palavras que aos arabes pediam.

— A phrase portugueza é naturalmente longa, roçagante, majestosa, como si o pensamento do leitor e do escriptor podesse facilmente espraiar-se, sem extravio, por mais amplos horizontes—d'onde resulta para a ligação do quadro falado um grande segrêdo de effeitos, familiar aos latinos e gregos, mas não comprehendido pelos francezes.

— O uso dos infinitos dos verbos em accepções substantivadas, augmentando a energia da acção, dá á phrase vernacula um colorido que as extrangeiras não conhecem.

— O mesmo direi do substantivar de participios e geralmente de adjectivos.

— O direito de crear, á moda grega, vocabulos compostos, centenares dos quaes formam hoje uma das bellezas que nos-são exclusivas.

— Accepções artisticamente várias no singular e no plural.

— Importante jôgo de diminutivos, augmentativos, e superlativos.

— Não raro, pelas desinencias, a designação de obra, impulso, extensão, producção, grandeza, número.

— A singular propriedade de se-poderem conjugar os infinitos por pessoas e números.

— A avultada quantidade de termos imitativos e onomatopaicos.

— A facilidade com que a lingua se-presta á formação de novos verbos, simplesmente creados de nomes.

— A infinda variedade nas relações dos nomes e maravilhoso cambiante na accepção dos verbos, nascendo do imprêgo das preposições.

— A singularidade das locuções adverbiaes.

— A diversidade dos accentos, produzindo não dous, mas tres generos de effeitos, isto é, cinquenta por cento sôbre o francez, com os vocabulos agudos, graves e esdruxulos ou dactylicos.

— A propriedade que a lingua tem de ser accentuada e prosodica.

— Os effeitos provenientes das repetições, e arbitrárias transposições, etc., etc.

Estes e outros idiotismos, são os grandes traços physionomicos da lingua portugueza, os que lhe-con-

ferem logar de honra na assemblea das nações. A convivencia incestuosa com as outras linguas, especialmente francez, vai-nos, uma a uma, despojando de todas essas bellezas. Abastardada com gallicismos, degenerada com solecismos, ai d'ella, si os pontifices maximos, incumbidos de presidir á conservação do fogo de Vesta, forem os proprios que lhe-derrubarem o altar! Si os directores da instrucção não commandarem cruzadas contra ésta invasão da barbarie, vão preparando epitaphio para o nobre idioma, subterrado em alluviões de termos, phrases, locuções, construcções, antipodas do seo genio.

Nada mais commum que ouvir deplorar a *pobreza* da nossa lingua. Thâmyres, o cego, assim julgava das côres. Não a-injuriarei, rebatendo tão monstruosa asserção; mas ponderarei que essa propria accusação revela a intensidade do mal a que cumpre accudir. Os trabalhos academicos, os glossarios, e ja mesmo a reacção tentada pelos primeiros escriptores modernos, tudo ha sido impotente contra os tres aríetes assestados ás muralhas da lingua: 1.º, a leitura exclusiva do francez; 2.º, as detestaveis versões, em que a phrase franceza vem resupinar-se na desinencia portugueza; 3.º, a falta de bons livros, copiosamente diffundidos, sobretudo nas mãos da mocidade.

Assim o-pensava o zeloso e mui competente director geral, que foi, da instrucção pública, da provincia da Bahia, quando me-consultou sôbre o que

elle denominava relevante serviço, que deviamos prestar ás lettras (phrase reproduzida, depois de examinado o trabalho, por quasi todos os presidentes de provincias, e directores de instrucção, no imperio). O nosso primario fim foi contribuir, cada um dentro de sua sphera, para a realização de um alto problema social—o retemperar da lingua, tão ameaçada de dissolução, apresentando modelos de puro dizer. Era um pensamento analogo ao que me-animou, quando commetti, com meo irmão Antonio Feliciano de Castilho, a imprêsa da *Livraria Classica Portugueza.*

Ja sería esse, de per si, um alto beneficio; mas outros, pouco menos valiosos, tive em vista, e passo a commemorál-os :

1.° Por taes livros é que verdadeiramente se-póde estudar a índole da lingua, e conhecer a sua idiosyncrasia (*). São estes os textos, que habilitam mestres, dignos d'esse nome, a fazer notar aos discipulos, não só as regras da grammática geral, mas as peculiaridades da lingua, os preceitos de sua construcção, o valor de seos vocabulos.

2.° O systema chrestomathico offerece, para tal fim, immensa vantagem sôbre o da leitura de um auctor unico. É na infancia que a cera molle da memoria recebe mais fundas e duradouras impressões.

(*) Deu isso origem a que um nosso philologo, o sr. Valentim Jose da Silveira Lopes, tomasse o *Iris Classico* para thema da importante obra, de que se-occupa, sob o titulo de *Estudos Grammaticaes.*

Leva, portanto, vantagem aquelle que, 'nessa edade, recebeu ja, em materia de lingua, essas impressões correctas, elevadas, variadas. Um auctor unico insina um só stylo, circumscreve a um só circulo a imitação das bellezas, arriscando ao alumno muito mais á dos defeitos. Ésta variedade, porém, de modelos, ésta galeria de stylos, multiplica as vantagens da leitura — extendendo a órbita d'aquellas bellezas, congenitas a cada escriptor — annullando, por exemplificações diversas, o perigo das imitações viciosas — e sobretudo predispondo os animos d'esses tenros depositarios do saber, para, um dia, convertidos em escriptores tambem, preferirem, para a sua penna, frisar a elocução, que mais lhes-houver toado. Quantos carvalhos não resultarão de glandes taes!

3.º Em vez de um só assumpto, sempre monotono para taes edades, por mais indústria que em tractál-o se-ponha, ahi acharão essas intelligencias traslados primorosos, na índole, no tom, no colorido, na fórma e na substancia.

4.º Difficil é, sem dúvida, destacar de uma obra longa, travada, um excerpto, que, assim deslocado, possa ainda formar, de per si, um corpo, e interessar, em tão curtas dimensões, separado da scena onde o auctor o-collocára, rodeado dos mil effeitos de luz, que o-antecedem ou se-lhe-seguem. Ignoro si venci ésta enorme difficuldade, mas o certo é que o-tentei. Si, pois, cada um d'esses excerptos fórma corpo, bem intelligivel, claro, frisante, então preimchi outra

das condições attendiveis para a intelligência infantil. Sua nervosa mobilidade, seo ardor, sua impaciencia, exigem que se lhes não imponha ao espirito aturada contensão. É mister que, em vez de obras longas, e ja so por isso fastidiosas, se-lhes-dêm estes trechos grandes em sua mesma pequenhez—pedras preciosas de elevado valor em diminuto volume.

5.º Áquellas piedosas fraudes se-junctaram as da variedade dos typos, para insensivelmente se-irem aperfeiçoando em toda a leitura — e bem assim as illustrações e estampinhas, que, falando tambem aos olhos, augmentam o amor ás lettras, aos livros, ao livro, e especialmente aos objectos que este tracta.

6.º Egual, superior talvez a todas éstas vantagens, outra me-parecia estar'nessa selecta requerendo approvação e bençams. Esforcei-me para que este mentor da linguagem o-fôsse egualmente de sentimentos. Em fórmas suaves, attractivas e magistraes, desejei que as creanças adquirissem muitos conhecimentos proveitosos, e obtivessem um largo repositorio para exercicios de memória; mas ainda por sôbre isso, ambicionei que estes excerptos fecundassem o natural terreno, onde todas as virtudes prosperam. O leitor do *Iris*, impressionado da mais severa moral, predispõe-se a ser bom christão, bom pae, bom amigo, bom cidadão, porque se-torna familiar com os exemplos e excitações dos amores sublimes de Deus, da humanidade, da familia, da patria, das virtudes e da virtude.

Imaginava eu, pois, que o *Iris Classico* havia satisfeito a todas as principaes necessidades do insino primario, sem que precisasse abaixar tal insino ao nivel de historiasinhas, em dialogos de meninos. Imaginava que, além do ja impagavel requisito da pureza de linguagem, outros muitos reunia: — contribuindo para o restabelecimento ou antes aperfeiçoamento do idioma — habilitando para bem se-conhecer, além da grammática geral, as peculiaridades da da lingua que falâmos — diminuindo o perigo das imitações viciosas — extendendo o ambito da imitação das bellezas — predispondo para, futuros escriptores, conhecerem, apreciarem stylos diversos, entre elles escolhendo — dando, em larga cópia, variedade de generos — seguindo, nas dimensões, e nos meios mechanicos, a natural propensão da infancia — e preparando, além de bons leitores, bons christãos, bons paes, bons amigos, bons cidadãos e homens bons.

Si ha ainda algum outro problema para resolver, bem quizera eu que m'o-insinassem, pois o não conheço, e nem os nobres censores sahiram do vago de sua asserção (*).

(*) Cumpre todavia, antes de passar avante, declarar que não comprehendo bem o pensameuto, quando se-diz que o *Iris* só serve para *meninos provectos*. É claro como a luz meridiana que elle não foi composto para servir de chartilha. Si assim fôsse, teria de principiar, o que não succedeu, pelo abcedario, e elementar combinação de lettras e syllabas. Suppõe esse livro que de antemão se-prepararam os meninos para intrar ou se-aperfeiçoar na leitura, depois que os rudimentos d'ella lhes-fôrem familiares.

Eis-ahi, pois, o modo como incarei a missão de um livro d'ésta ordem ; eis como a-preimchi. Si acaso errei, peço venia para a curteza da intelligência , repousando sôbre a pureza da vontade.

SEGUNDA PARTE.

OBSERVAÇÕES RELATIVAS Á CONFRONTAÇÃO COM OUTRAS OBRAS.

« A leitura do *Iris* deve ser precedida pela de outras obras mais pro-
« veitosas, como o *Livro de Ouro dos Meninos* por J. I. Roquette, que
« contém até preceitos de civilidade; o *Thesouro de Meninos*, cheio
« de variada instrucção, e o *Methodo Facillimo*, passando logo para o
« *Resumo da Historia Sagrada.* São lidos com prazer o *Livro de Bona*
« e *Simão de Nantua*, mas aquelle não é honesto, e este é politico.
« A *Constituição do Brazil* é a obra mais conveniente para analyse
« grammatical. O *Iris* deve ser lido a par da *Vida de D. João de*
« *Castro.* »

(PARECER DOS CENSORES.)

Será este o poncto em que, indefenso, deixarei a descoberto o peito ás frechas da crítica. Que se-diria, si, deprimindo as obras alheias, viesse exaltar a propria? Farei antes côro com quantos intendimentos altos proclamam ess'outros auctores benemeritos das patrias lettras. Pertence o *Iris Classico* ao dominio do público. Si esse livro tem logar marcado entre os subsidios do insino, ninguem lh'o-arrancará; si na execução o pensamento falhou, não ha de voz obscura imbeber-lhe qualidades imaginárias.

Preimcherão todos esses livros, por mais perfeitos que sejam, muitas das condições que tenho por fundamentaes? Não ousaria affirmál-o, nem contradizêl-o (*).

(*) Dirige o erudito censor elevados encomios á *Vida de D. João de Castro*, como livro proprio para a instrucção da mocidade. Sêl-o-ha? Como não deve saír de minha bocca a decisão em tal lide, ouçamos, entre muitas, a palavra potente que, no anno de 1837, tocava esta materia, 'numa *Memoria acêrca dos gallicismos*, em que se-propunham os meios de levantar a lingua portugueza *do lodaçal em que está mergulhada*. Ahi se-lê:

« Quanto á chrestomathia, ou pedaços selectos dos escriptores portuguezes, ha muito propôs a Academia um prémio a quem a-apresentasse; mas até hoje ninguem appareceu a receber o prémio. Demanda este genero de trabalho duas cousas que raramente se-incontram reunidas no mesmo subjeito — gôsto e vasta licção —; mas, si tal obra se-escrevesse, de certo o govêrno, si fôsse illustrado, pagaria bem tão util livro, mandando que nas escholas primárias de nenhum outro se-usasse para insinar a ler as creanças. E assim sería por elle substituido o panegyrico de D. João de Castro, de que vulgarmente os mestres se-servem, sem attenderem a que é este o mais improprio livro para similhante edade. »

O sr. Leoni, no *Genio da Lingua Portugueza*, argumentando sôbre o conchegada que é á nossa indole a construcção inversa, e apontando, como exemplo, a *Vida de D. João de Castro*, observa comtudo o perigo d'esse stylo, dizendo que participa do rebuscado dos seiscentistas, pela frequencia das antitheses, especie de *conceitos*, involtos com a collocação inversa.

O bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lôbo, na sua memoria acêrca de Fr. Luis de Sousa:

« Logo na primeira e segunda linha perde Jacintho Freire o conceito de moderado: imprega uma agudeza, e uma agudeza que não é muito facil de intender..... Um stylo tão discreto, tão agudo, tão affectado, não diz com heroe tão grave; diria melhor, por exemplo, com *Persiles e Sigismundo*. Quer ser eloquente o auctor, e não é senão inchado.... Até o número e cadência das palavras em todo o livro são pouco intendidos, porque fogem do que é dado á prosa, e vão intrar no que pertence á poesia. A cada paragrapho, e quasi a cada oração, topâmos com versos. »

O *Diccionario Bibliographico Portuguez*, expondo textualmente 'neste assumpto as opiniões dos philologos-criticos de maior nomiada,

O sr. J. I. Roquette merece ao nobre censor particular predilecção, e, com rasão de sobra, o-denomina: *homem docto na lingua portugueza.* Digne-se pois tambem ouvil-o:

« Os paes e os mestres que, durante a educação de seos filhos e alumnos, lhes-fizerem apprender todos os dias alguns pedaços bem escolhidos de nossos classicos, dar-lhes-hão um thesouro de eloquencia, cuja utilidade ao deante conhecerão e saberão apreciar quando houverem de compor ou falar no patrio idioma; e lhes-darão ao mesmo tempo o melhor antidoto contra a peste de linguagem peregrina, mormente franceza, que impunemente tem desfigurado a formosa lingua que nos-legaram Barros, Camões, Luis de Sousa, Vieira, e Bernardes. »

O conselheiro Jose Silvestre Ribeiro, na sua *Resenha da Litteratura Portugueza*, depois de haver indicado os perigos que a lingua está correndo, exprime-se d'est'arte: « Poderemos remediar até certo poncto estes inconvenientes? Sim, tornando mais

conclue com as seguintes palavras, de João Bernardo da Rocha, o artigo relativo a J. Freire:

« Jacintho Freire de Andrade, tido em conta de classico por a degeneração de nossos ultimos escriptores, é monotono em suas descripções, tenue ou exiguo no stylo, e muitas vezes inchado, sobremodo affectado, e mui dado ao uso de figuras perigosas, como é a antithese. O historiado D. João de Castro, segundo o que tenho lido d'elle, escrevia e falava melhor que o seo historiador; e haja vista á carta escripta por elle á camara de Goa, e á sua fala a pedir alimentos na última doença, as quaes peças são a melhor riqueza na *Vida de D. João de Castro.* »

accessiveis as fontes da lingua classica portugueza, por meio de uma collecção de pedaços selectos dos escriptores portuguezes, — pela reimpressão economica dos nossos melhores classicos, — e finalmente por meio de traducções bem castigadas de boas obras extrangeiras(*). »

(*) O sr. Mendes Leal, Junior, subjeitando a um luminoso exame as grandes questões da instrucção pública, dizia em 1858 :

« Si o estudo das selectas latinas se-julga obrigatorio no curso respectivo, porque não ha de reputar-se egualmente obrigatorio o estudo de uma selecta portugueza no curso elementar ?

« Si é necessario o exemplo da França, tal exemplo está dado, e está dado tanto alli como nos povos mais adeantados.

. . . .

« Uma collecção selecta das passagens mais variadas e deleitaveis dos auctores nacionaes que passam por mestres da lingua, sería um optimo exercicio de leitura, sobretudo nas mãos de professores versados, que acompanhassem este exercicio com observações adaptadas á intelligência dos alumnos.

« Assim adquiririam elles o conhecimento práctico das riquezas e bellezas do idioma patrio, generalizando-o por todas as classes a que os-levasse a sua ulterior distincção. Assim se-infiltraria, digamos assim, por todas as camadas do corpo social o amor da correcção e a pureza do gôsto. Assim se-creariam finalmente leitores intelligentes, e se-fundaria o julgamento público, primeiro elemento de toda a renascença litteraria, e de todos os progressos do espirito.

. . . .

« Ha nos livros nacionaes, que não só são bem escriptos, sinão ainda bem pensados, grande cópia de san doctrina e de judiciosos preceitos. Entre estes incontram-se alguns uteis para todos os tempos, e de uma evidente actualidade práctica. 'Nesses se-póde fazer a selecção.

« Meça agora a reflexão do legislador sizudo o que provavelmente ha de vir a resultar d'estas leituras substanciaes, lançadas com a educação nos espiritos juvenis ; meça-o, como exige a gravidade da sua missão, e concluirá de certo que interessa 'nellas tanto a educação como a instrucção. »

De uma longa serie de artigos publicados pelo snr. B. J. de Senna Freitas sob a epigraphe : *Necessidade de uma selecta portu-*

Poderia indefinidamente multiplicar esses extractos, demonstrando que, ainda após a publicação dos livros aponctados pelo docto censor, os homens competentes deploravam a lacuna do insino, e pediam como valioso serviço uma obra, com as condições do *Iris*.

Assuberbado pela falsa posição em que me-acho collocado, deixo á sabedoria de meos juizes desinvolvimentos que me-repugnariam.

---

gueza para uso das escholas primárias, extractarei por derradeiro as ponderações que se-seguem:

« É evidente a todas as luzes a conveniencia de que nas escholas seja adoptado um livro de *leitura selecta*, no qual os meninos incontrem escolhidos excerptos das obras dos nossos classicos; devendo haver 'nesta selecção não só o cuidado de matizál-o de assumptos eloquentemente tractados, instructivos e amenos, mas egualmente de exemplos moraes, religiosos e patrioticos.

. . . .

« Si em muitas escholas do continente, e das ilhas dos Açores, está adoptado, como livro de leitura, o *Manual Encyclopedico*, valiosa offerenda feita á nação portugueza pelo nosso compatriota o sr. E. A. Monteverde, é incontroverso que em muitissimas outras fica ao arbitrio dos estudantes levarem para sua licção de leitura qualquer livro, e até algumas traducções içadas de *gallicismos* e de *inglecismos*, versando sôbre objectos alheios aos mais uteis fins do insino escholar. E este uso ou este abuso é um dos resultados da carência de uma *Selecta Portugueza*, falta ésta que os mestres mais illustrados reconhecem ser uma lacuna que havemos mister de imcher.

« Importa, pois, muito que, desde o início dos estudos da puericia, comece a prolação dos meninos por palavras verdadeiramente portuguezas, evitando as vozes extrangeiras; ouçam e leiam as phrases dos nossos melhores escriptores, e não os redundantes e hybridos periodos de muitas d'essas versões que por ahi andam, e em grande cópia: prendam-lhes a attenção os heroicos feitos, e as meritorias acções dos nossos maiores; estampem-se-lhes na memoria factos revestidos de moralidade; finalmente amenize-se, e fertilize-se o estudo primario. »

TERCEIRA PARTE.

REFLEXÕES ECONOMICAS.

« Não deve admittir-se livro algum para as aulas primárias que não
« seja inquadernado, excluindo as brochuras, e nenhum deve custar
« mais de mil reis. É attendivel a barateza do *Iris.* »

(Parecer dos censores)

Confesso-me incompetente 'nestas, aliás momentosas, questões.

O que sei é que, para completar o meo pensamento beneficente, ordenei se-disposessem as cousas por tal arte, que este livro fôsse o que, *relativamente*, por menor preço se-vendesse no imperio. Determinei a distribuição gratuita de avultado número de exemplares, e a venda da obra, pouco mais ou menos pelo seo custo, ás presidencias das provincias, inspectorias de estudos, e estabelecimentos de instrucção publicos e particulares.

Os pormenores mais miudos serão tomados na devida consideração pelos livreiros e inquadernadores.

QUARTA PARTE.

REFLEXÕES ORTHOGRAPHICAS.

Eis-nos emfim a braços com o assumpto que verdadeiramente desafiou as íras de meos sabios censores; aquelle em que sou accusado de invenenador da puericia, *á qual propago o contágio de meos defeitos, inexactidões, erros e vicios orthographicos.*

A extensos desinvolvimentos me-constrangerão, pois, a energia de similhante linguagem; — a cavalleiro d'essa consideração, o jus que aos doctos censores assiste de me-exigirem prova do quanto suas asserções são, a meos olhos, dignas de apreciação; — por sôbre tudo, a altissima importancia litteraria da controversia que os nobres auctores do *Parecer* suscitam.

O modo amplo como passo a debater a questão, patenteará o impenho que ponho em convencer, sinão da excellencia de minhas doctrinas, ao menos dos meditados fundamentos em que assentam.

Leva-me aqui a natureza da materia a adoptar methodo diverso. Imputa-se-me a êrro e vício o que tenho por verdade e systema. Versam as accusações sôbre ponctos secundarios, sôbre consequencias. É mister elevar o debate ao terreno dos ponctos primordiaes, dos principios. Facil será então baixar das regras aos exemplos, apreciar o fundamento das accusações que se-me-dirigem. Tolere-se, portanto, ao presente escripto, remontar a mor altura.

Dividiremos ésta *parte* em *artigos*, e, quando preciso, os-subdividiremos em *paragraphos*.

ARTIGO I.

É a orthographia parte integrante de uma lingua.

Não sería possivel associação de homens, sem que se-intendessem reciprocamente. Esse recíproco dizer constitue a lingua.

Quanto mais variada ésta for, mais extensa, mais harmoniosa, mais sábia; quanto mais elegante, curta, clara, euphonicamente reproduzir todas as ideas, a maior grau de perfeição attingirá.

Assim se-explica a nobre ambição de todos os

povos no limar das suas vozes, para que, ao passo que éstas sirvam a todos os intuitos, egualem a quaesquer outras, ou se-lhes-avantajem.

Sendo a lingua um dos principaes laços de uma nação, importa que ella seja, com a minima discrepancia possivel, falada por todos os nacionaes. Preimchido este *desiderandum* de uniformidade, grande passo ahi fica dado para a fraternidade, a unidade nacional.

Si para uma *nação úna* convem *lingua una*; é preciso esforçar para que ésta, solidamente constituida, concilie os dons de firmeza, e da possivel inalterabilidade nas bases.

Perpetuam-se as palavras, legando-se de seculo a seculo, muito mais exactas do que si essa transmissão fosse deixada ao só commércio oral, por meio da escripta.

É esse escrever que se-chama *graphia*; esse correcto escrever, *orthographia*.

Si cada palavra se-compõe de elementos, a orthographia, que insina a daguerreotypar esses elementos, insina a bem escrever a palavra, a bem conservar a lingua.

Antes que um dizer attinja á virilidade, tem

de atravessar quadras longas de infancia e adolescencia. Nada mais bello que a definitiva formação de uma lingua ; mas este problema não pode resolver-se , em quanto a quadra durar das apalpadellas orthographicas.

Os que alcançam fixar a graphia da linguagem vernácula são, pois, benemeritos de um pays.

ARTIGO II.

Da genealogia das linguas, como poncto de partida para os estudos orthographicos.

Onde? quando começou a fixar-se , em permuta de sons , o cambiar das ideas? Perde-se essa origem das palavras na noite dos tempos.

Avalia-se em dous mil o número das linguas conhecidas ; em cinco mil o dos dialectos ! Por contraposição a este facto , induzem os profundos estudos da ethnographia a crer que , sinão a totalidade das vozes , a condensação d'ellas em vastos gruppos provenha de uma origem commum , tanta é a analogia , tão claro o ar de familia, para quem sabe reconhecer os traços physionomicos do falar. Não sería impossivel á historia explicar esse phenomeno pelas migrações dos povos.

Problematica fique embora a questão de uma lingua-primitiva; não ha, porém, dúvida similhante, quanto á existencia das linguas-matrizes. Entre a immensidade das que hoje se-falam, apenas quinze extendem seo dominio sôbre a maior parte da redondeza. Seis pertencem á Asia: chim, arabe, turco, persa, hebreu, sanscripto: — oito á Europa: allemão, inglez, francez, hispanhol, portuguez, italiano, russo e grego; — uma á Oceania: o malaio. Todas e cada uma d'éstas linguas europeas (e tambem americanas), são ja, quaes hoje se-falam, filhas de outras.

Éstas investigações genealogicas, indispensaveis para a fixação e conservação das linguas, são ouriçadas de difficuldades. Quem viaja por taes regiões, não raro se-immaranha em tenebrosas florestas, cortadas de precipicios ou desvairadas por labyrinthos. Uma vez, perdeu-se o vestigio da palavra; d'outra, seguindo um peculiar systema de affinidades, imitou a árvore, que até ás propriedades vizinhas projectou ja avolumadas, já filiformes raizes; multiplicam-se finalmente as obscuridades das etymologias, ora porque a derivação não é exacta, ora pela hesitação entre várias origens, ora porque a alteração das palavras lhes-turbou a pureza, ora porque éstas modificaram a significação.

Nenhuma sciencia, porém, se-adeantaria, dado que a similhantes obstaculos fôsse o embargar-lhe o

passo: todas guardam seos mysterios, dos quaes reservam uns para prémio de lucubrações, cobrindo outros com veo impenetravel á humana intelligência.

Muito se-ha progredido nos estudos da ethnographia linguistica; ja se não conhecem idiomas ingeitados: ha para cada qual o commum patrimonio da respectiva familia. A linneana regra: *natura non facit saltus* egualmente se-extende a éstas applicações. Muitas vezes, mor distância separa a lingua hodierna da antiga, que essa antiga d'aquella de que descende. Essas mudanças que successivamente se-operaram são as que os etymologistas syntheticamente procuram, achando finalmente, em tal communhão, o laço que prende vozes ás vozes, povos aos povos, tempos aos tempos.

Em tudo é assim.

Varão que hoje prima por fôrça e intelligência, é aquelle que, hontem, adolescente, brilhou de mocidade e belleza, — antes de hontem, infante, balbuciou gracioso uns sons inarticulados; — é o mesmo que, amanhan, quando por sôbre as cans terceira geração lhe-houver passado, curvo arrastará seos annos; e entretanto nas linhas physionomicas do ancião o observador incontrará os vestigios d'aquella remota infancia. Taes as linguas.

Fixada que seja a relação entre as mesmas vozes no idioma progenitor e no derivado, d'ahi resultará harmonia, solidez, belleza. Nascida de

aguia, a aguia voará como ella; mal voaria, si de peixe houvesse provindo. Com estes estudos ganhará o povo, melhorando o que houver viciado; ganharão os sybaritas da intelligência, melhor que em calice opaco saboreando o liquor em bem lavrado crystal.

Adeante veremos como a orthographia, apparentemente tão desprezivel cousa, contribue para aquella harmonia, aquella belleza, aquella solidez; e como por ella alcançâmos converter em associação o que alias fôra isolamento.

ARTIGO III.

De como está ainda por fixar a orthographia portugueza.

Baixando porém ja á nossa especialidade, direi que infelizmente a orthographia, parte integrante da lingua portugueza, se-conserva não somente estacionária, mas na mais deploravel anarchia, de que importa quanto antes arrancál-a, firmando-a em bases rasoaveis, uniformes, que todos os escriptores devam sem scrúpulo acceitar.

Pertende o meo docto censor que o *Iris* impregára um *systema singular*, *contrário á* OPINIÃO DOS

PROPRIOS AUCTORES CLASSICOS. São duas theses, ambas pouco meditadas: nem o *systema é singular*, nem sôbre tal assumpto existe siquer cousa que se-assimelhe a uma *opinião dos classicos* (*). A não ser que

(*) É de crer que nunca o nobre crítico houvesse fixado sua attenção sôbre éstas insignificancias orthographicas das óbras dos nossos auctores classicos. ¿ Reflectiu porventura sôbre o que seja *opinião dos nossos classicos*, em materias de orthographia? Eu lh'o-vou dizer, não recorrendo a escriptos de Egas Moniz, ou do sr. rei D. Dinys, mas de auctores do seculo aureo, ou de indisputada superioridade. Patenteou o censor a alta competencia do sr. Roquette: estudemos, pois, a graphia dos que este, no ja citado trecho, denomina primeiros mestres, senhores da lingua; e porque não se attribuam taes erros a culpa de terceiros, abramos, á ventura, exemplares das primeiras edições:

Camões, *Lusiadas*, 1572.

Logo no comêço:

Valerosas, enueja, dezia, deuulgado, antre, sojugado, estamago, sotis, sospeito, molheres.

Nas últimas estancias do canto X:

Baxos, abaxo, debaxo, assi, despois, armonia, ciencia, superficia, aliphantes, trasunto, dozentos, sospira, esprimentados, apousentão, milhor, fruto, endereita, ydade, yra, yrado, ymaginarão, yrdes, benditas, pubrica, (publíca), *danais, enueja, encenço, mea, chea, nace, decem, pranta, titolos, pexes, dões* (dons), *resucite.*

Em outros logares — *Ho* por *o, supito, contrairo, agardecer, surugião, avorrecido.*

Sousa, *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres.*

Livro I, cap. I e II:

Sintindo, consintindo, ouve, avia, aver, eroycas, devação, desemparou, aventajandoa, oje, cronica, teveras, tevesse, deceo, crecer, nacimento, prontidão, prominencia, enveja, tresladacão, resão, sobião, sogeitar, descayda, sy, juyzos, saydo, bautismo, estremo, fogida, hya, fermosa, valeroso, Bertolameu, sembrante, Ingreses, Framengos, piadosa, advirtirão, jurdição, cotidianas, compreição, sono, desempura.

Freire, *Vida de D. João de Castro.*

Nas primeiras páginas:

pronunciassem mui diversamente de hoje, nem escreviam conforme a pronúncia, nem conforme a derivação, nem conforme um uso commum, nem conforme a rasão: não tinham cousa que se-pareça com uma

Sofrer, aplicase, veo (veiu), *cossario, surcárão, enveja, peleijar, Emperador, disculpar, vezinhos, alhea, Sintra, pays* (paes), *crecer, danos, cativou, valerosas, jugava.*

Fernão d'Alvares do Oriente, *Lusitania Transformada*, 1607.

Abondanças, aneixo (annexo), *apetito, arrezoar, bailo* (baile), *cales* (calix), *Caribde*, *descudo* (por *descuido*, frequentemente), *estamago, fabola, fertiles, forol* (pharol), *giolhos, malenconico, noda* (nodoa), *paracismo* (paroxysmo), *trosquiar, assender, Cathe'ina, Hypaminondas, cigueira, çossego, Emineo, eligias, derritido, firir, yrado, aynda, pidir, serviz, repitir, custume, disfraçar, menhan, piadoso, instromento.*

Vieira, *Sermões*, parte I, 1669.

Conciencia, deçamos, decer, acrecentavão, assi, fruto, emperador, debaxo, verdadeyra, eleyção, sayba, deyxou, jurdição, si (sim), *instituhio, ciencias, cetro, ventajens, sugeytos, valeroso, querome, poemna, abriose, peçovos, ponhalhe, lançaos.*

Parte II, Lisboa, 1682.

Ajuelhar, brazonar (blasonar), *calidade, devação, molher, prematicas.*

Barros, *Asia*, Lisboa, 1552 a 1615.

Passim:

Poer, leixar, assy, arrincar, tredor, enculcar, emperador, ingrez, ageolhar, esterele, esnoga (synagoga), *frol* (flor), *represaria, craro, contia, cantidade, etc.*

Bernardes, *Nova Floresta*, t. IV, Lisboa, 1726.

Nas primeiras páginas:

Sostenho, acodio, emperador, restituhio, instituhio, disculpar, hea, bautismo, ventagem, repostas (respostas), *torneo* (torneio), *pyrata, bovedas*, (abóbadas), *estrivando, valerosos.*

Imcher-se-hiam volumes in-folio só d'estas amostras dos nossos classicos, demonstrativas de dous ponctos: 1.°, que elles não tinham orthographia; 2.°, que o seo escrever, longe de nos dever servir de guia, geralmente nos-causa justa admiração.

opinião sôbre tal assumpto. Não póde servir-nos de norma o seo incorrecto graphar.

Mas seriam, ao menos, coherentes no seo systema de escripta os padres da lingua portugueza? Eram-n-o, mas á sua guisa, á guisa dos hypercriticos de hoje (*). A cada momento se-perdiam e contradiziam, não ja uns com outros, mas cada um comsigo mesmo. Por falta de base, vagando á mercê da memoria, do impulso do momento, do capricho, a si mesmos, a cada instante, se-contrariavam.

Eis como se-explica 'neste assumpto o illustre hellenista padre Joaquim de Foyos:

(*) Fernão d'Alvares escrevia, na mesma fôlha (12 da ed. de 1607) *porfiar*, *profiar*, *perfiar*, *e prifiar* (sem que isto significasse valor diverso do vocabulo, segundo as preposições). Em um só verso da mesma fôlha, *firia* e *ferio*. Em outro da fôlha 10, *mininos*, e logo no immediato, *menino*. *Emolo* e *emulo*, *estorvar* e *estrovar*, *ethereo* e *etherio*.

Camões, na mesma página, *homecidio*, *homicida*. Aqui *ciencia*, adeante *sciencia*. Agora *preminente*, *santa*, *emperio*, *esprimentão*, *sojeito*; logo *preeminente*, *sancta*, *imperio*, *esperiencia*, *sujeito*.

Vieira, *vitoria* e *victoria*, *nascer* e *nacer*, *diecese* e *diocese*, *jurdição* e *jurisdição*, *prematicas* e *pragmaticas*, *devação* e *devoção*, *premêa* e *premia*.

Sousa, a poucos passos, *hirmandade* e *irmãos*, *prenostico* e *pronosticar*.

E assim por deante.

« Por via de regra — diz o snr. Alexandre Herculano, na advertencia preliminar aos *Annaes de El-Rei D. João III* — os antigos escriptores não curavam de aprimorar 'nesta parte os seos livros: Fr. Luis de Sousa não se-esquivou á descuriosidade commum. Reina no manuscripto dos *Annaes* uma grande confusão orthographica: a mesma palavra apparece escripta de dous e tres modos diversos 'numa página. »

« É incrivel o descuido e negligencia com que
« se–acham impressos, pelo que toca á orthographia,
« os livros antigos dos nossos classicos, apezar da
« veneração, ou antes superstição, com que alguns
« estimam éstas primeiras impressões. Nem ésta
« pouca exacção nascia só das officinas: vinha ja
« dos mesmos auctores, genios profundos, que,
« occupados todos em crear pensamentos novos, e
« dar-lhes a belleza de que era capaz a lingua em
« que falavam, deixavam o outro cuidado, como pouco
« merecedor de se-impregarem 'nelle os seos grandes
« talentos. »

Fôsse essa, ou outra, a causal do desamparo em que os antigos deixaram a orthographia, reconheçamos o facto, como diametralmente opposto á asserção do nobre censor, isto é: que os classicos não tinham systema orthographico, e que esses admiraveis mestres do dizer seriam do escrever desgraçadissimos guias.

Haverá mais exactidão na asserção de que o meo systema seja singular, e extranho ao systema geral, na actualidade adoptado? É ainda outro inganno de facto. Systema geral! Onde o–viu o nobre crítico? Á fé que, si convocar vinte membros da Academia Real das Sciencias de Lisboa, ou do Instituto Historico do Brazil, e lhes-dictar uma só página, protesto que recolherá páginas vinte vezes diversamente graphadas.

Em que pez ao patriotismo, cumpre confessar que de todas as linguas nobres é infelizmente a nossa que mais variada, mais livre, mais multiplice, menos systematicamente se-escreve.

Mas todavia intenda-se bem que éstas successivas apalpadellas e transformações não são peculiares ao nosso idioma, nem demonstrativas de uma nossa excepcional negligencia: a todas tem succedido o mesmo; em todas o padrão orthographico variou, mais ou menos, de seculo para seculo.

Em inglez, por exemplo, abra-se qualquer livro impresso no reinado da rainha Anna, e centenares de vocabulos se-apresentarão escriptos mui diversamente de hoje, sem que os-possamos taxar de incorrecção, pois era essa a práctica das pessoas cultas d'esse tempo. Si formos subindo ao reinado de Izabel, augmentarão as differenças; e si remontarmos ao tempo de Caxton, e ainda além, ao de Chaucer e Wickliffe, acharemos innumeraveis termos, que, apezar de usados ainda hoje, estão por tal arte metamorphoseados em suas condições graphicas, que a custo se-poderão reconhecer através da máscara. Dir-se-hia que os actuaes inglezes são povo que fala mui diversa linguagem da de seos avós, de que apenas os-separa todavia uma duzia de gerações!

Proveiu isto da carencia de um padrão orthographico, um tanto fixo, e não cambiante ao infinito,

á mercê do uso. Mas si antes do tempo de Caxton, e da imprensa, se-dava essa immensa anarchia, começou ella a minorar desde então, adoptando-se progressivamente mais uniformidade. Ja os escriptos do periodo izabelino (apezar de cêrca de tres seculos volvidos) são quasi tão facilmente lidos como os da actualidade; e o mesmo succederá aos de hoje, d'aqui a quatro ou cinco seculos.

Aponcto o exemplo decisivo do inglez, por ser das linguas mais contradictorias entre o falar e o escrever, e até por tal isolamento das outras, no valor das vogaes, que bem póde em orthographia applicar-se-lhe o verso de Virgilio (egl. I):

Et penitus toto divisos orbe Britannos (*).

O modo, porém, de uniformar a orthographia, é assentál-a em bases taes que ao banquete commum da intelligência possam, como convivas, sentar-se os representantes d'ella, a despeito dos seculos que os-distanciam. É mais pela fórma que pela essencia, que livros e linguas transcendem evos. A nossa linguagem, nobilitada por nossa formosa poesia, ficará salva, por ella, de extincção e de radicaes mudan-

(*) O inglez, cuja orthographia é já estavel e uniforme, quer *em principio* que as palavras lhe-tragam certificado de origem. Por exemplo, a aspera palavra *through*, em que só se-escutam tres elementos, escreve-se com septe lettras. Essas que se não ouvem, servem para patentear a incadeação do vocabulo ao aspero e forte falar dos saxonios antepassados.

ças. Contribua pois a orthographia para solução do problema.

Si é certo, porém, que 'nesse arraigar da orthographia (por motivos não desairosos, mas fataes), nos-adeantamos mais vagarosamente que outras nações, infunda-nos brio esse conhecimento, 'neste distincto periodo a que as lettras ja tanto devem, para pormos hombros á imprêsa grande da fixação da orthographia, de um modo mais seguro e honroso que em outro algum idioma.

ARTIGO IV.

Algumas das circumstâncias que hão demorado a fixação da orthographia.

Diz o sr. Fernando Dinys:

« Ao lermos as obras-primas da portugueza litteratura; ao admirarmos, 'numa lingua harmoniosa e nobre, poetas, romancistas, historiadores, que floresceram mui antes dos nossos auctores francezes desinvolverem seos genios; ao rememorarmos a quantos povos levaram os portuguezes seos costumes e lingua, pasmâmos de ver quão pouco é conhecida litteratura tal, e enche de assombro que ella cessasse momentaneamente de ser cultivada, até no bello pays, de que é uma das glórias! »

E assim foi. Antes de definitivamente formada e radicada, houve, em sua cultura, um triste interregno, que lhe-retardou a perfeição. O que espanta é como, a despeito de tão variadas desvantagens, ella chegasse tão rapidamente ao elevado grau a que tem subido ja.

Mil tentativas honrosas foram preparando a lingua, a qual, si não contassemos alguns raros prosadores admiraveis de nossos dias, bem poderia dizer-se haver chegado, no *XV* seculo, ao apogeo de seo lustre.

Mas... d'onde nasceu a lingua dos portuguezes?

Carencia de monumentos especiaes veda conhecer o indigena lusitano; mas sem dúvida algumas das excepcionaes seculares peculiaridades, d'alli terão provindo. Das visitas dos phenicios se-derivaram locuções gregas. Os dominadores do mundo, a despeito de Viriatos e Sertorios, deram longo tempo á Lusitania leis, govèrno, usos, e lingua. Ja pela superioridade d'esta, ja pelo systema romano, nenhuma se-imbebeu tão profundamente no dizer dos habitantes do Tejo e Douro.

Descendentes de godos, suevos, alanos e mouros se-apoderaram dos campos da Lusitania, e a lingua arabe veiu opulentar o portuguez com vocabulos novos, e certa audacia de construcção. É certo que

circumstâncias políticas, taes como a nacionalidade das côrtes de reis da primeira raça, introduziram muitos vocabulos francezes. A lingua roman, nascida do latim (da decadencia) actuou tambem sobre este idioma. Tornando-se íntimas as relações entre a côrte de Portugal e a de Aragão (cujos monarchas imperavam em Provença, onde, desde Raymundo IV, floresciam as lettras, e especialmente a poesia vulgar), crearam os trovadores o Parnaso moderno, e entre esses se-extremaram D. Affonso o Sabio, de Castella, e D. Dinys de Portugal. D'esses degraus é immediato o que separa o seculo XIII do XV, e menor ainda o que do XV separa o XIX.

Camões, e Fernão Mendes Pinto, estes transformadores na prosa e verso, quasi escreveram ambos como ainda hoje o-fariam. Provém isto principalmente da fixação que as linguas, desde então, deveram á imprensa, e ao alargamento de instrucção popular, por ella proporcionado. Até esses dias, os productos da intelligência eram só conservados por copistas, mais ou menos destros, escrevendo cada um a seo talante; e eis como, além dos erros de palavras, se não podia immobilizar tão movel orthographia.

Fôra usada em Portugal, na calligraphia, a lettra gothica, lombarda ou toletana, que Ulphilas, bispo dos godos, posera em voga. Os tabelliães mouros lavravam escripturas em lettra arabica; os

judeos na hebraica ; a poncto de ser precisa uma lei do sr. D. João I, ordenando o uso exclusivo da lettra christenga portugueza, assim como ja no concilio de Leão se-prescrevêra para os livros ecclesiasticos a lettra qne ainda hoje é commum (*).

(*) Não deixaria de ter cabimento aqui o estudo das vicissitudes por que tem passado a escripta da nossa lingua, assaz ligado com a questão orthographica ; mas apenas superficialmente posso tocar este poncto, que outros mais competentes hão ventilado.

Dizem que Tubal falava a lingua chaldaica, e por isso quer fr. Bernardo de Brito, que trouxesse a Portugal as lettras chaldaicas, das hebraicas derivadas.

Tyrios, phenicios e hebreos, depois vindos ás terras dos turdetanos, transguadianos, alemtejões, etc., introduzíram lettras phenicias, nas quaes Contador de Argote, Cardoso, Leitão de Andrade, etc., asseveram que muitas inscripções se-acharam, anteriores á conquista romana. Até onde isso ascende, é obra de imaginação. Plinio (VII. 57), citando a respeitavel auctoridade de Epigenes, affirma que os babylonios inscreveram em tejolos observações astronomicas de 720 mil annos ; mas Strabão (*Geo.* l. 3) diz que ja antes da era christan se-gloriavam os nossos turdetanos de terem, desde seis mil annos, leis escriptas.

O character das lettras das referidas inscripções leva a crer que, nas terras do hodierno Portugal, se-usassem lettras similhantes ás phenicias, depois ás latinas, e finalmente outras, quiçá indigenas.

Nas proximidades do nascimento de Christo Senhor Nosso, houve uns dous seculos de invasão do Lacio. Então se-esforçaram os romanos para, a par com seos costumes e leis, arraigar lingua e lettras, prohibindo o uso de outras nos tribunaes.

A irrupção dos barbaros no imperio, durante o IV seculo, arrastou tambem a decadencia da lettra, d'onde nasceu um typo gothico-romano, si é que tal lettra differe da latina, pessimamente traçada.

Os africanos invasores de Portugal nunca puderam transplantar o seo character de lettra arabica ; e quando os mouros foram expulsos, ao começar a actual monarchia, no seculo XII, continuou-se com a lettra gothica, modificada pela alleman, que se-havia em suas alterações propagado na França.

Essa variedade, nas condições do character e talho da lettra, antes da imprensa, e até de certas convenções sôbre o valor de vogaes e consoantes, após ella, tudo isso explica bem a deplorada demora na fixação definitiva da orthographia.

O estudo, porém, d'essa successão de subsidios fornecidos á lingua de nossos avós, facilitará o orthographico problema que resta para resolver.

ARTIGO V.

Não ha opinião de classicos, nem uso, nem systema práctico, por onde a orthographia se-possa regular.

Numerosas tentativas hão sido feitas, em diversos tempos, para legislar em tal materia: outras

Seguiu-se a revolução da imprensa. Após ella, veiu nos manuscriptos a lettra bastarda (usada na Italia), e de que Manuel Barata publicou em Lisboa uma Arte, em 1572, sendo quem primeiro appareceu na Europa com originaes de lettras abertas em chapas.

Decaíu a calligraphia durante o dominio hispanhol; e em 1719 publicou Andrade a sua elegante *Arte de escripta*, usando-se esse talho de lettra, denominado portuguez, té o princípio do reinado do sr. D. Jose I. Desde então, adoptou-se o character moderno, como se-póde ver nas *Regras methodicas da lettra ingleza*, de Joaquim Jose Ventura.

Ésta multiplicidade de transformações, não menos que os diversos valores do *u* e *v*, do *i* e *e*, os erros do povo e dos copistas, etc., tudo isso explica bem as contradicções, oscillações e erros orthographicos.

tantas icarias quédas ! Um só lexicographo, um só grammático, um só orthógrapho não teve ainda a glória de arvorar uma bandeira, que todos abraçassem. A rasão universal se-tem revoltado contra a legislação de todos elles. Porque será ?

É porque a uns faltou o methodo, a outros a coragem. Aquelles offereciam principios inacceitaveis; estes, defendendo a verdade, fraquejavam nas applicações, aterravam-se das consequencias, assim vencidos, menos pela fôrça adversa, que pela propria fraqueza. Muitas vezes tambem contradictorios, alguns Hercules orthographicos derrubavam sôbre a propria cabeça a clava que impunhavam contra seos adversarios. Onde esses artistas cuidavam traçar um quadro, não raro fabricavam um espelho. Ficavam algemados nas suas regras, e Perillo, rugindo, succumbia no seo touro.

Fique pois assente :

— Que, contra nossos principios orthographicos, não é admissivel argumentar com a escripta dos classicos, contradictoria e irracional;

— Que tambem o não é com um uso, que não existe, constante e geral;

— Que nem tão pouco com as regras dos orthographos, pois d'estes uns não têm systema merecedor

de tal nome, outros destroem nas applicações o que estabeleceram nos principios.

Peço que todas éstas demonstrações vão sendo tomadas em conta, para evitar ver-me, a seo tempo, obrigado a reproduzil-as.

ARTIGO VI.

Apreciação das bases do systema orthographico.

Dês que a práctica dos padres da lingua nos não esclarece sôbre regras orthographicas; desde que um uso rasoavel e geral nos não guia; desde que os competentes bradam unanimes pela urgencia de uma decisão, que ja tarda, seja lícito estabelecer bases que se-me-afiguram verdadeiras, singelas, e fecundas em consequencias, suavemente productoras d'aquella almejada uniformidade.

Não distingo sinão tres columnas sôbre que possa assentar o systema graphico:

1.º *A derivação.*

2.º *A analogia phonica.*

3.º *Ora derivação, ora som.*

Para com segurança nos-pronunciarmos, estudemos os resultados de todas as tres hypotheses, pela ordem inversa da que ahi fica exarada:

§ I.

Será bom systema orthographico o que se-conforma ora com o som, ora com a etymologia?

Parece-me que não (*).

É até abuso de palavras denominar *systema* similhante anarchia. Systema é uma concatenação de proposições, de principios (embora verdadeiros ou falsos) collocados em certa ordem, e com taes referencias recíprocas, que, apenas admittidos, se -tirem d'elles consequencias, por cujo meio se-possa estabelecer uma opinião, uma doctrina, etc.

Como, pois, *systema*, onde não ha principios? lei, onde não ha preceitos, e nem siquer a sancção penal do ridiculo?

Quem nos-dirá quando ha de respeitar-se a etymologia, quando seguir-se a analogia do som?

(*) De taes mixturas desordenadas, nem só este alvitre tem apparecido, mas ainda outros, qual a qual mais absurdo, apezar de partirem de homens de vasto saber.

Silvestre Pinheiro queria, em primeira linha, que se não tocasse no que fôsse de uso geral; que se-preferisse a analogia quando houvesse dous modos de graphar; e, em falta d'éstas regras, a etymologia!

Jeronymo Soares Barbosa queria duas orthographias — uma etymologica para os sabios, outra phonica para o povo! Ja um afamado grammático, entre os romanos, aventara egual idea, excitando apenas a geral hilaridade.

E assim outros.

Desde que se-arvorasse a licença em princípio, produziria ella o que soe gerar em tudo quanto invade — desordem, dissolução.

Sería a continuação do estado de perturbação em que actualmente nos-achâmos; exactamente aquelle, contra o qual se-revoltam todos esses bons espiritos, que deploram a falta de freio para tão irracional liberdade (*).

Admittido o despotismo do arbitrio, que succederia? Parte das palavras da lingua seguiriam o som, hostilizando a derivação, parte a derivação, hostilizando o som. Está bem; mas como arregimentarieis essas duas cohortes inimigas? que preceitos estabelecerieis para as palavras se-grapharem como soam, ou como se-derivam? Absolutamente nenhuma regra poderieis traçar. Terieis, pois, de vos-submetter

(*) Uso! Supremo autocrata do mundo, e antipoda muitas vezes da rasão (como diz o sabio auctor do *Tractado de Metrificação)!* Esse uso anarchico, essa variedade, contra que todos os doctos se-revoltam, não é o *consenso dos eruditos*, que só (na phrase de Quinctiliano) poderia dictar lei:

« Unde enim tantum boni, ut pluribus, quæ recta sunt,
« placeant? Ergo consuetudinem sermonis, vocabo consensum eru-
« ditorum; sicut vivendi, consensum bonorum. »

Bem diz Tristão da Cunha Portugal: « Quem não vê que o uso é tão fallivel e variado, quanto o-são as edades, os homens, a cultura do espirito, e o progresso successivo das ideas? O uso, que commummente se-inculca como a unica lei reguladora das linguas, deve, elle mesmo, conhecer as leis que o-devem governar. Éstas leis não estão promulgadas entre nós. Depende isto de um bom diccionario da lingua, composto por pessoas, cujos conhecimentos scientificos abranjam todos os ramos de saber, de que a lingua tem os signaes e a expressão, e cuja auctoridade e celebridade litteraria imponha o saudavel jugo da obediencia, e a uniformidade, consequencia d'ella. »

a um capricho, a uma pueril tyrannia, a um escrever variavel, a uma cacographia.

Não ha na terra podêr (por mais despotico) que possa desarrasoadamente com a orthographia. Um Cesar pôde com o mundo; não pôde com uma lettra! Desde que legislasseis a desordem, a desordem renasceria, não ja no sentido previsto, mas, pelo contrário, no de uma reacção universal contra leis arbitrárias, e que logo nas condições da nascença trariam a sentença da morte.

Repetirei o que ja 'noutro logar escrevi: « Eclectismo é absurdo, pueril, vergonhoso. Com o surriso nos labios, póde consentir-se em que a *phonia* se-denomine systema; mas o *eclectismo!* Eclectismo é ausencia de systema; é revólta permanente; é lutheranismo graphico; é a rasão da sem-rasão; é o imperio da anarchia. »

Repillo, portanto, similhante expediente: — porque não é systema — porque não tem principios — por ser germen de confusão — porque é esse mesmo o vício da actualidade, que se-tracta de corrigir — porque não ha auctoridade que obtenha ser escutada, qnanto a uma divisão, que assenta sôbre o arbitrio, o despotismo, e não sôbre o raciocinio.

§ II.

Será bom systema a analogia phonica?

Respeitador de todas as opiniões sinceras e con-

victas, não será com epigrammas que aponctarei a minha divergencia, até porque este projecto ha tido por si talentos de primeira ordem, e em lingua portugueza meo querido irmão, o sabio entre os sabios, o philósopho entre os philosophos, entre os humanitarios o humanitario, Antonio Feliciano de Castilho (*).

O argumento capital contra a phonographia, de per si sufficiente, irrespondivel, é que não ha uma só palavra que se-profira com egual soar, nas cinco partes do mundo. O accento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brazil, outro nas Africas, outro nas Asias, outro na Polynesia. O portuguez de Lisboa differe, na pronúncia de muitos vocabulos, do de Coimbra, do do Pôrto, do de Tras-os-Montes, do do Algarve. O do Rio de Janeiro diversifica do do interior de S. Paulo; este do do Ceará ou das Alagoas. O de Mossamedes do de Goa. O de Macao do de Timor. Dentro da mesma cidade, o homem culto pronuncía de modo mui outro

(*) Este alvitre tem, sem dúvida, occorrido a muitos grandes homens, em distância de tempos e logares. Quinctiliano (*Inst. Or.* I. VII) o-preconizou; — varios o-imitaram na França e na Hispanha; — em portuguez, Barros decretava o imprêgo das lettras pronunciadas e destêrro das ociosas; — Franco Barreto comparava a introducção de lettras não ouvidas com perna de leão em corpo humano; — Verney expellia as lettras denominadas superfluas, escrevendo outras, que se-ouvem e que é de uso deixar; — o Padre Theodoro de Almeida defendia egual pensamento; — mas ninguem com mais ardor e superioridade do que Castilho, Antonio, meo mestre e amicissimo irmão, cujas opiniões são geralmente preceitos para mim. Avalie-se quão fundas raizes mergulha em meo espirito o dictame que ora emitto!

do analphabeto. Ha mais: a propria pronúncia vai-se constantemente alterando com os tempos (*).

Si é pois incontestavel que a pronúncia varía ao infinito, conforme os logares, os tempos, a cultura, e até o sexo, é evidente que, em vez de uma só lingua e um só vocabulario, seriam mister tantos vocabularios e tantas linguas, quantos os individuos

(*) As rhymas das *Trovas de el-rei D. Dinys*, e do *Cancioneiro* de Rezende, etc., provam a grande differença da pronúncia de então; mas eguaes vestigios se-têm ido successivamente deixando nos auctores até hoje: —

Camões lia: *fruito*, *inxuito*, *indino*, *malino*, *inico*, *esprito*; — Luiz Pereira: *ambrósia*, *teitos*: — Quevedo; *vea* (por *veia*, rhymando com *Galathea*), *detevemos*, *trença*; — R. Lobo: *fermoso*, *valeroso*, *Lianor*, *condestabre*; — G. Pereira de Castro: *corage*, *Prótheo*, *giolho*, *usso*; — Sá de Menezes: *aspeito*, *assi*, *gavo*; — Leitão de Andrade: *cudar*, *tizoura*, *detreminar*, *coleitor*; — muitos classicos (como Sá de Miranda, Camões, Fernão Alvares) rhymavam *lũa* com *nenhũa*, *algũa*, *commũa* — Bocage, que hontem morreu, lia *detente* as palavras *detem-te*, rhymando-as com *somente* e *omnipotente*, e assim apparece aquella palavra no *Diccionario de consoantes*, de Guerreiro, etc.

Camões rhymava *Magno* e *magnos* com *estranho*, *estranhos*, prova de que fazia na pronúncia, sem imbargo de escrever com *gn*, a mudança que se-fez em *anho* e *tammanho*.

Corte-Real e Camões escreviam *aliphantes*, *selvages*, *despois*; Barros, Mendes Pinto, *frol*; Fernão de Alvares e Camões *mouro* por *morro*.

Barros: *irtigo*, *pestenença*, *relampado* por *hirto*, *pestilencia*, *relampago*.

Não é prova de que assim pronunciavam?

« O uso geral de um povo (diz o *Tractado de metrificação portugueza*) altera, no correr dos annos, muitas palavras, por apherese, prothese, epenthese, paragoge, syncope e apocope. » Conseguintemente, os vocabularios de uma lingua se-tornariam obsoletos, no fim de cada década.

que as-falassem ou estropiassem (*). Ora, sendo a uniformidade uma das primeiras condições de um idioma, parece coherente a repulsão de um systema, que, longe de tender á centralização, obraria como a explosão das particulas ferreas na metralha da artilheria.

Parece que ésta impossibilidade dispensaria novos argumentos; mas peço licença para submetter ainda várias considerações.

Dado e não concedido que de lingua assim escripta podesse resultar um corpo uniforme, tal systema nos afastaria das derivações d'ella, acabando a harmonia que a-prende ao idioma anterior, o cordão umbilical por onde recebia de sua mãe o sangue vivificador, o meio de comprehender, e conservar perennemente o valor dos vocabulos.

As linguas nascidas de egual origem são ramos do mesmo tronco. Diversifiquem embora esses ramos e suas fôlhas em tammanho, fórma ou côr: apenas vistos, se-reconhecerá a árvore a que pertencem, e as leis de familia que entre si ligam essas communs

(*) Com rasão diz Carlos Nodier, na sua *Introducção ao vocabulario da lingua franceza de Akerman*: « A pronúncia é, por sua natureza, cousa arbitrária, e quasi individual, que ficará sempre equívoca entre duas pessoas, quanto mais entre cem mil. Orthographia exactamente apropriada á pronúncia, até em lingua que fôsse fabricar-se, e possuidora de um alphabeto completo, sería o chaos da palavra. Quando cada um escrever a sua propria pronúncia, em vez de escrever a lingua orthographica, ja não haverá mais lingua. »

dependencias de uma raiz commum. A phonographia tende a um problema contrário ao desiderando: a isolar as linguas, a divorciál-as cada vez mais, hostilizando assim o humanitario pensamento de irmanar, quanto possível, o homem ao homem, o povo ao povo (*).

(*) 'Numa charta, sôbre este assumpto, escrevi eu o seguinte:

« Para onde tu te-ajoelhas não scei; mas que eu curvo o joelho para o nascente, tenho-o por de fé. Escuta!

« Muitas antigas UTOPIAS se-vão convertendo em realidades; e 'neste phenomeno é pródigo o seculo actual. Pensou-se jamais em que um membro se-amputaria sem dor? em que o sol nos-retratlasse? em que o rifão, emblema da impossibilidade, *luctar contra vento e maré* se-tornasse mentiroso? em que nos-transportassemos em traquitanas submarinas? em que meia-hora bastasse para mudar a rua Victória 'num rio? em que se-fizessem viajar cedros do Libano, e montanhas? em que se-assuberbassem oceanos com leviathans de quinze mil habitantes? em que, finalmente, um minuto posesse em contacto com o amigo do pólo arctico o homem que epicureamente no pólo antarctico se-resupina?

« Muitos d'estes e outros milagres humanos se-consummaram, correntemente, sem haverem sido prophetizados, promettidos, esperados: cahiram de chofre, e foram devidos, as mais das vezes, a esforços de poucas individualidades brilhantes.

« Outra *utopia* ha, porém, ouriçada de difficuldades, mas que desde longo tempo a consciencia da humanidade proclama realizavel. Para essa realização convergem, de ha muito, não só as esperanças successivas das últimas gerações, mas a propria solução de todos aquelles maravilhosos problemas, de que este será coroa, complemento, symbolo, resumo, verbo: — *a fusão da humanidade.*

« No que se-trabalha com afan universal é em condensar o mundo 'numa só familia; aplainar as solitarias chordilheiras; devorar o roaz tempo; anniquilar o eremitico espaço; supprimir os dissociaes oceanos. 'Nesse dia, o homem terá dado passo de gigante para as, que ainda só descortina em nublado horizonte, almejadas regiões da perfectibilidade. A terra dará, pródiga, á terra todos seos productos, sem que a-contrariem climas, parallelos, latitudes, descivilizações. A universal associação dos braços para a obra commum centuplicará os effeitos, sem desherdamento do homem pelo homem,

O individuo de mediocre instrucção, e sobretudo o instruido, não descobre na palavra phonographada o valor, o cambiante, a gradação, que os elementos orthographicos lhe-revelariam. Sí nunca ouviu o vocabulo, não o-póde, assim transformado, addivínhar pelos elementos; sí o-conhece, perderá o fio

e gerando maravilhas a par com as quaes são nada as que, boquiabertos, presenciâmos.

« São, pois, benemeritos do futuro, ajoelham para o nascente quantos solettram uma syllaba d'esse splendido idioma do porvir; quantos approximam as nações das nações, as familias das familias, os genios dos genios, o trabalho do trabalho, a indústria da indústria, o homem do homem.

« Ajoelham para o nascente os constructores dos caminhos de ferro.

« Ajoelham para o nascente os directores das exposições universaes.

« Ajoelham para o nascente os ingenheiros dos telegraphos electricos.

« Ajoelham para o nascente os membros das assembleas para a uniformização de pesos, medidas e moedas.

« Ajoelham, sobretudo, para o nascente os *utopistas* que acreditam na possibilidade da adopção de uma *lingua universal*.

. . . .

« Si, em materia de orthographia, o escrever como se-fala é *um pensamento*; si esse pensamento é, como pertendes, logico, natural, progressivo, segue-se que todos os idiomas o-devem egualmente adoptar, pois não haveria senso-commum em proclamar o mesmo systema salvador 'numa lingua, e inacceitavel em todas as mais.

« Consequencia: as palavras que, nas várias linguas, se-assimelham hoje, por causa da communidade de origem; palavras que, quando ora se-incontram, se-conhecem e saúdam como amigas e parentas, passarão de largo umas das outras. Hoje, o portuguez que escreve *creatura* comprehende bem o *créature* dos francezes, e o *creature* dos inglezes; porém, si elle escrever *kriatura*, duvidará si é (aqui, por via de argumentação, figuro que se-adopta para a representação dos sons um padrão universal) o *krêátiur* dos francezes, e não acreditará em que seja o *kritchar* inglez. *Coronel*, *colonel*, *colonel*, são irmãos; mas nenhuma parecença ha entre *kurunél*, *kólónél*, e *kârnal*; e assim seguidamente em todas as palavras.

que o-guie nas várias significações que a derivação lhe-segredaria.

Ide a qualquer poncto da redondeza onde se-fale portuguez: vereis a unanimidade com que cada porção do globo, cada provincia, cada terra pertende ser ahi, e só ahi, que a lingua correctamente se-profere! É óbvio que quem julga exprimir-se melhor não ha de consentir em subordinar o seo dizer ao que considera locução peior e *extrangeirada*. D'ahi resultariam rivalidades nacionaes e de campanario, todas em revólta, exigindo o prevalecimento do seo soar, e nova especie de esquartejamento d'ésta Brunehalta orthographica!

E d'estes pleitos não acharieis um juiz possivel, pois sempre haveria quem lhe-desconhecesse a competencia.

« Portanto, o graphar cada lingua segundo o seo soar, tenderia a separar, a dissociar cada vez mais entre si os idiomas, commettendo um crime de lesa-progresso, poisque este recommenda trabalhar por unil-as quanto possivel, até que se-fundam. O operario que a tal se-applicasse contrariaria a nobre tendencia dos tempos, nem sería, por certo, arauto do porvir.

« O inverso se-dirá de quem estabelecer na orthographia o possivel rigor da derivação. Si em todas as linguas assim se-trabalhasse na approximação aos communs troncos, estreitar-se-hiam entre ellas os vinculos de parentesco, que as-ajudariam cada vez mais a solver o grão problema social.

« Em resumo: manda o progresso contribuir para a incorporação das linguas. O graphar phonico intervalla-as cada vez mais; o graphar etymologico approxima-as. Logo, o sacerdote d'este culto é só quem ajoelha para o nascente.... sem o alarde do abyssinio, que até lança pedra em quem suppunha ajoelhar para o occaso, que, todavia, é tambem sol.

As vozes e articulações são muito mais numerosas do que os signaes graphicos de que dispomos; d'onde se-conclue que, sendo impossivel essa graphia com os elementos actuaes, fôra mister desterrar o abcedario, substituindo-o por um novo systema elementar de characteres (*).

(*) Eis-aqui, *pelo menos*, os valores diversos dos *sons oraes* em portuguez: *a*, *â*, *á*, *e*, *ê*, *é*, *i*, *ó*, *ô*, *u* — 10. (Supprimo o *e* com valor de *i*, o *y*, *etc.*, assim como renuncio ás distincções entre *u* e *o* mudo e similhantes). *Sons nasaes: an*, *en*, *in*, *on*, *un*, *em? ãe? õe? uin? ão (?)* — *Diphthongos: Ai*, *áu*, *ei*, *êi*, *ôi*, *ói*, *ui*, *eu*, *ou* — 9. (Supprimo *ae*, *ao*, *eo*, e combinações que soam como aquellas; bem como a concurrencia de vogaes, que, por se-ouvir mui distinctamente cada uma sobre si, não constituem diphthongo). As *articulações* são: *b*, *p*, *m*, *v*, *f*, *gu*, *k*, *d*, *t*, *s*, *z*, *j*, *x*, *n*, *nh*, *l*, *lh*, *r*, *rr* — 19. (Embora algumas d'estas articulações se-escrevam com duas lettras, é isso por pobreza, pois são todas egualmente simplices e usuaes no idioma. Não aponcto alli sinão as que têm valor diverso, ommittindo as homophonas, como *ph* de *f*; *ch*, *c* e *s* duros de *k* e *z*; *th* de *t*; *g* de *j*; *ch* de *x*). Sobem pois os elementos, pelo menos, a 48. Ora, sendo 25 as lettras do nosso alphabeto (ainda compreendendo *h*, *y*, *k*, *etc.*), segue-se que não temos lettras simplices com que representemos metade dos sons da lingua. Salva a utopia de um nôvo alphabeto, sería portanto impossivel escrever o portuguez phonico, sem recurso ás convenções de valores diversos para o mesmo signal, e da accentuação.

Tolere-se-me todavia uma precaução, relativamente a um poncto do que acabo de expender.

A doctrina dos sons nasaes e dos diphthongos é toda para mim duvidosa. Uns querem que o diphthongo seja o concurso de vogaes pronunciadas como uma só emissão ou jacto de voz; — outros, que essas vogaes tenham de casar-se 'num som unico e indivisivel. Nem uma nem outra cousa se-dá nos diphthongos, nem nos sons nasaes *ãe*, *em*, *õe*, *uin*, *ão*. A regra para distinguir um som verdadeiramente elementar é prolongál-o com a voz; si o-ouvimos sempre distinctamente, como *a*, *o*, *ou*, *in*, *on*, *etc.*, tem sem dúvida essa natureza; mas si, prolongada a voz, se não ouve integralmente, só se-distingue um dos componentes do diphthongo ou dos sobredictos sons nasaes, ha êrro em os-denominar *elementos*. Prolongue-se *ai*, *au*, *ui*, *eu*, *em*, *õe*, *ão*, *etc.*: é impossivel ouvir simultaneamente as duas vozes. Portanto, não se-casaram, não se-fundiram;

O phonographar produziria tal chaos, que demasiadas vezes differentes palavras se-escreveriam do mesmo modo; outras, a mesma se-escreveria de modos varios.

E nem só isso. Visto que a escripta deve accompanhar o ouvido, a mesma palavra teria de graphar-se, saída da bocca do mesmo homem, *e sempre bene*, com differentes lettras, segundo o istylo fôsse altiloquo ou familiar, verso ou prosa (*)!

Similhante alvitre me-parece, portanto, inadmissivel.

formam uma alliança egual á das consoantes com as vogaes; são elementos que se-incostam, mas se não amalgamam. Nem se-pretenda que nos diphthongos haja uma certa brevidade, fugacidade, quasi instantaneidade de prolação, pois isso se-dá, quasi sempre que duas vogaes se-incontram, como em *piedade, saudade, furia, curioso, etc.*, em cujos casos o bom leitor applica a essas duas vogaes, não denominadas diphthongos, o mesmo tempo que á pronúncia d'estes. Todas essas plebeas vogaes soam no mesmo jacto de voz, e são tão divisiveis como as dos aristocraticos diphthongos. E nem se-esqueça que egual rasão teriamos para crear, na linguagem, uma nomenclatura, representativa de egual consôrcio de consoantes ligadas na rapidez, como *bl, cr, pr, etc.* Si usei, pois, de locuções consagradas, e si tractei esses diphthongos como elementos, foi para não multiplicar novidades, embora nutra opiniões diversas.

(*) Na tragedia, na academia, no parlamento, no pulpito, o actor, o academico, o orador, o prégador dão aos vocabulos extensão, accentuação, inflexão, sciencia, majestade, que os-fazem soar de um modo diverso do que o mesmo homem impregará na conversação desambiciosa e corrente.

No verso ainda isto se-torna mais sensivel. Diz o *Tractado de Metrificação* que a toada da práctica faz que, não só na recitação dos versos, mas ainda na leitura da prosa, e sobretudo na conversação familiarissima, se-ommittam sons, a cada passo, que aliás com a penna se-representam, e dá como prova versos de Filinto em que quinze syllabas grammaticaes dão apenas onze metricas e vocaes. É uma reducção oral a nada menos de tres quartos. Eis-ahi uma nova amputação a que a mesma regra arrastaria; e teriamos, em taes versos, de cercear a mesma palavra.

§ III.

Será bom systema o da derivação?

Quaesquer que as suas difficuldades sejam, fica já, por exclusão, reconhecido este systema como preferivel, em minha humilde opinião.

Este, sim, é *systema*, porque admitte um padrão seguro, principios, d'onde se-derivem consequencias, formando o todo uma doctrina; é uma especie de direito natural orthographico, *non facta, sed nata lex.*

O respeito á derivação tanto nos-avizinha do latim, que mil vezes nos-confunde com elle (*).

Egualmente nos-chega ao grego e ao arabe.

É sufficiente essa graphia para, em innumeraveis casos, nos-revelar o valor, a extensão, a gradação

(*) Diz Balbi, na *Introducção* ao *Atlas ethnographico:* « O « philologo que imprehender estudar de que povo tal ou tal socie-« dade recebeu a sua civilização, basta que examine os termos « do vocabulario, que significarem animaes domesticos, metaes, « fructos e plantas economicas, instrumentos aratorios, e simi-« lhantes cousas, e bem assim os que designam ideas moraes « ou metaphysicas, os que se-referem ás divindades, aos sacri-« ficios, festas, dignidades, govêrno, guerra, legislação, com-« mércio, navegação, litteratura e sciencias. Compare-os com « os vocabulos correspondentes em outras linguas, e, sendo « identicos ou similhantes, deduza d'ahi que essa nação recebeu « a sua civilização primitiva, religião, systema político, de tal « ou tal outra. »

Ha grande fundo de philosophia 'nesta observação finissima. Tão sabios estudos ficariam anniquilados dês que se-falsificassem as etymologias.

dos vocabulos (*), proporcionando á memoria um adjutorio, com que recorra á fonte d'onde emanam, attingindo á significação primitiva.

Facilita o apprendizado dos outros parentes em linha collateral, dos idiomas de origem identica.

Estabelece uma regra unica, pela qual a lingua se-escreva do mesmo modo no universo, ainda quando diversissima seja a fórma de a-proferir.

Applica á linguistica um dos importantes melhoramentos, que a chymica pneumatica (e bem assim a anatomia, historia natural, botanica, medicina) introduziu na sciencia, simplificando a acquisição do desconhecido pelo conhecimento dos radicaes, e da mechanica da lingua; e tambem simplifica a phraseologia d'essas sciencias.

Perpetuará inalterada a lingua, conservando o seo character, através dos tempos.

Com tal systema, facilmente se-comprehenderá sempre quanto até hoje se-tem escripto.

(*) Diz Court de Gébelin, no seo *Mundo Primitivo*: « A « etymologia revela na palavra uma fôrça admiravel, porque « patenteia a viva pintura do que significa. Classificando os « termos por familias, e referindo-os a um limitado número de « radicaes d'onde derivam, é de um precioso auxílio no estudo « das linguas. Estudando as raizes linguisticas, como que sur- « prende a natureza em seos mysterios. Esclarece as origens dos « povos, e a marcha e processos do espirito humano. É a pe- « dra de tocar, finalmente, pela qual se-podem avaliar os qui- « lates da perfeição actual de uma lingua, e conhecer os meios « de a-conseguir. »

Acaba com as questões de rivalidade na supremacia do falar, em relação com o escrever.

Uma vez seriamente estudado o systema, facillima se-torna sua execução.

Conservam-se os pergaminhos nobiliarios da honrada stirpe (*).

Nos casos de dúvida, os homens da sciencia terão base para a-solver.

Onde o uso tiver sanccionado incorrecções, a orthographia etymologica conduzirá os povos á orthologia (**).

(*) Escrevia o seguinte o marquês de Paranaguá:

« Uma das cousas que no meo intender contribue em grande parte para se-intrar no verdadeiro espirito das palavras e fixarem-se as ideas, é a orthographia ou recta escriptura, etymologica quanto seja compativel com a pronunciação, e uso dos doctos. Deixemos gritar embora esses genios exquisitos, que, inimigos das etymologias por celebridade ou ignorancia, e como que invergonhados de mostrarem nos rostos as feições de seos maiores, querem que tudo se-escreva do modo que pronunciam, descendo o sabio ao nivel do ignorante; como si o que possue riquezas não devesse fazer d'ellas conveniente uso, e até ostentál-as, só porque os outros não sabem ou não podem adquiril-as. »

(**) É a segunda serie da *Lysia Poetica* um trabalho de muito estudo e consciencia, e que collocou o snr. Manuel da Silva Mello Guimarães, seo principal redactor, em elevada posição no aprêço dos eruditos. 'Naquelle primeiro volume da segunda serie se-reuniram valiosos subsidios para a questão orthographica, decidindo-se essa benemerita associação pela orthographia etymologica, com ja briosa audacia, não obstante ainda recuar perante algumas irrecusaveis consequencias de seos principios.

Os trabalhos d'aquelle digno mancebo não raro me-foram de proveito, como verá quem aquelle livro percorrer.

Eis um trecho do desembargador Manuel Borges Carneiro, na sua *Grammatica e Orthographia Portugueza:*

Dialectos selvagens, sim, poderão subir das turbas para os poderosos; linguas nobres são obra dos sabios para os seos povos. Embora representassem aquelles uma onomatopeia toda physica; estas têm, na grandeza de sua origem, mais alta rasão de ser.

« Si os escriptores dos ultimos seculos, guiados pela luminosa regra das raizes e derivações, emendaram ja tantos erros que commettiam os antigos quando escreviam por exemplo *pessuir*, *valeroso*, *fermoso*, *malencolia*, *merencoreo*, *calidade*, *cantidade*, *calificar*, *cotidiano*, *sobir*, *sotil*, *ensordecer*, *rezão*, *devação*, *oje*, *mintir*, *sintir*, *avangelho*, *celorgião*, *çurgião*, ou *solorgião*, *estoriador*, *filosomia*, *purgaminho*, *roina*, *crelgo*, *creligo*; ¿ por que rasão, guiados pelo mesmo luzeiro, recearemos nós hoje corrigir outras muitas palavras, conformando-as com a dicta regra fundamental? Não seja o cego costume da multidão o que tenha o imperio das palavras e das lettras; seja a reflectida doctrina dos eruditos. A estes sigam, e não dictem lei os que, ignorando as linguas latina e grega, não podem bem conhecer a indole e contextura d'aquella, que se-lisongeia com o titulo de ser sua filha e neta. »

A este extracto junctam os editores da *Lysia Poetica* o seguinte:

Muitas outras vozes que ainda caem adulteradas da

antiga, veneranda fonte
Dos genuinos classicos

(Filinto)

têm sido trazidas á sua recta escriptura.

Esterele (João de Barros), *reção* (Vieira), *termentina* (André de Resende, Leonel da Costa), *collegir* (Duarte Nunes de Leão), *senoga* ou *esnoga*, isto é, *synagoga* (Barros), *licorne* (Antonio Galvão), *bautismo* (João de Lucena, fr. Luis de Souza, Gabriel Pereira de Castro, Vieira, Bluteau), *vespora* (Vieira), *farnesim* (fr. Simão de Sancta Catharina), *sojugar* (Amador Arraes, Camões), *sojigar* (Nunes de Leão), *usso*, isto é, *urso* (João Pinto Ribeiro, fr. Bernardo de Brito), *diecese* (Vieira, Bluteau), *socresto* ou *secresto* (Manuel de Faria), *frol* (Barros, Fernão Mendes Pinto), *simpreza* (Duarte Nunes, Souza, Camões), *arcepelego* (Barros), *prematica* (Jacintho Freire de Andrade, Bluteau), *fruito* (Barros, Lucena, Duarte Nunes, Francisco Rodrigues Lobo, Sá de Miranda, Ferreira, Camões), *represária* (Barros), *pranta* (Vieira), *craro* (Barros, Francisco de Moraes), *emprumado*, isto é, *emplumado* (Souza, Bluteau, João Franco Barreto,

Estabelecida uma orthographia singela, acabarão os schismas, e a uniformidade do escrever incurtará as distâncias que ora separam o erudito do popular.

Dar-se-ha um seguro-mútuo entre duas ordens

Pereira de Castro), *contia* (Barros, Souza, Lucena, M. Severim de Faria, Vieira), *disistão*, isto é, *digestão* (Brito, Jeronymo de Mendonça), *macanico* (Barros), *romão*, isto é, *romano* (Duarte de Resende, Barros, Arraes, Ferreira), *freima*, isto é, *phlegma* (Brito, Caminha), *almazoná* (Simão de Vasconcellos, Pereira de Castro, Vieira), *sancreschão* ou *sancristão* (M. Pinto, Sousa, Gaspar Barreiros, Freire, Bento Pereira), *contrairo* (Barros, Moraes), *cossairo* Barros), *cossario* (Jorge Ferreira de Vasconcellos, Freire, Vieira), *cangrena, cangro* (Arraes), *iffante* (Barros, Diogo do Couto, Lucena, Bento Pereira, Sá de Miranda, Ferreira), *e jurdição* (Barros, Fernão Alvares do Oriente, Freire, Vieira) pertencem a este número. »

Com muita rasão notam, pois, os intendidos que, pela orthographia, o idioma se-tem de dia em dia regularizado, uniformado; e é de esperar que 'nesse progredir se não esfrie. Ha ainda muito que emendar. Bem diz Tristão da Cunha, que o uso tem muitas vezes prevalecido sôbre os preceitos. Não só se-afastaram nossos maiores da derivação e conformidade com a lingua progenitora, mas até diversamente escreveram vocabulos derivados da mesma raiz, como por exemplo:

De *gula* se-derivou gulodice, gulosina, guloso — e glotão, glotoneria!
De *herba*: herva — herborizar.
De *labor*: laborioso, laboração — lavor, lavrar, lavrador.
De *minor*: menor, menoridade — minorar.
De *petra*: pedra — pederneira — petrificar.
De *persona*: pessoa — personalisar.
De *ecclesia*. — egreja — ecclesiastico.
De *aqua*: agua — aquatico, etc.
De *blason*: brasão — blasonar.
De *cœna*: ceia — cenaculo, cenatorio.

Egual singularidade se-observa em muitos nomes derivados do latim, que, tendo-se afastado um pouco da derivação no positivo, se-tornaram a incostar a ella no superlativo: agro, acerrimo — amigo, amicissimo — antigo, antiquissimo — aspero, asperrimo — celebre, celeberrimo — christão, christianissimo — doce, dulcissimo —

de ideas affins : pela etymologia se-saberá a orthographia ; pela orthographia a etymologia.

Centenares de palavras, que soam da mesma fórma , tendo aliás sentidos diversos , se-distinguem , á primeira vista , respeitando-se 'nestas homonymas a etymologia , pela differença das lettras com que se-escrevem (*).

Lastimando-se a actual incoherencia entre pronúncia e escripta, e pois que se-pede um termo ao mal , ¿ qual das duas deve sacrificar-se , onde isso

fiel, fidelissimo — frio, frigidissimo — geral, generalissimo — humilde, humillimo — nobre, nobilissimo — pobre, pauperrimo — sagrado, sacratissimo — salubre, saluberrimo — similhante, simillimo — negro, nigerrimo, etc.

Finalmente, e pois que, no texto, falo da firmeza da orthographia pura, direi haver-se observado que os surdos-mudos de nascença nunca perpetram erros orthographicos : como não ouvem os falsos dados da pronúncia, que ingannam os outros homens, não existem para elles. D'ahi nasce, por outro lado, a multidão de erros populares. Interrogae um ignorante, que saiba escrever, e achareis sempre, nos seos erros de orthographia, um dado falso na applicação , mas theoricamente logico.

(*) Fato e facto — ato e acto — accento e assento—cella e sella —aço e asso — anhelar e annelar — annular e annullar — apreçar e apressar—arrear e arriar—vale e valle—bucho e buxo—calla e cala —capear e capiar—caçar e cassar—ceda e seda—sega e cega—cem e sem—cerva e serva—cessão e sessão—ceva e seva—chama e chamma —cita, sita e scytha — concelho e conselho—collar e colar — collo e colo — cyclo e siclo — eça e essa — impennar e impenar — impoçar e impossar—estear e estiar—fita e fitta—gamma e gama—gemma e gema—haro e aro—hera e era—hora e ora—hostia e Ostia—imminencia e eminencia — incerto e inserto — incipiente e insipiente — intenção e intensão—intercessão, intersecção e intercepção—laço e lasso—maça e massa—massada e maçada—molle e mole—paço e passo —pelo e pello—pena e penna—piar e pear—selleiro e celleiro—summo e sumo—tenção e tensão—phase e faze—safo e Sappho, etc.

for indispensavel? Evidentemente a *pronúncia*, que é sempre variavel, á *orthographia*, que deve sempre ser permanente.

Convenço-me, portanto, de que só o respeito á derivação póde crear uma verdadeira orthographia, rasoavel, methodica, uniforme, duradoura, sábia, instructiva, singela, orthologica.

ARTIGO VII.

Que o graphar etymologico não é systema singular.

Tentei mostrar que não havia fundamento para se-me-reprehender por não me-conformar á *opinião dos classicos*. Resta aquilatar a asserção, frequentemente repetida, de que o meo systema etymologico é *singular*, e *perigosa innovação!*

Ja, em notas ao antecedente paragrapho, transcrevi as fervorosas recommendações, 'neste sentido feitas por Borges Carneiro, marquês de Paranaguá, etc. Direi ora que eruditissimas boccas têm repetido egual conselho; por exemplo: Duarte Nunes de Leão, Alvaro Ferreira de Vera, Madureira, R. Ferreira da Costa, Tristão da Cunha Portugal, os auctores do *Diccionario da Academia*, Figueiredo Vieira, P. J.

da Fonseca, morgado de Mattheus, Filinto, Garrett, e innumeros outros, para não citar sinão mortos.

Até peço venia para observar que nunca a orthographia etymologica incontrou menor opposição do que actualmente (*). Nunca, por isso, a lingua manifestou tão clara tendencia para uniformar-se. Sem

(*) Quem supporia, ao desponctar o seculo, que se-chegasse a generalizar o uso do *ph* nos vocabulos de matriz grega?

Dous dos mais ousados neographos portuguezes, Manuel Borges Carneiro, que, na sua *Orthographia*, em 1820, votava que se-escrevesse *minor*, *Anglaterra*, *rodondo*, *reinha*, *gingiva;* e Rodrigo Ferreira da Costa, nas *Reflexões prévias para a escolha do melhor systema de orthographia portugueza*, apresentadas á Academia Real das Sciencias em 1821, diziam:

O primeiro: — « Pelo que toca ao *ph* está geralmente obsoleto ainda nos nomes proprios; e se-escrevem hoje *Fedro*, *filosofia*, *frase*, *eufonia*, *etc.;* e justamente. »

O segundo: — « Porém hoje nenhum escreve coherentemente todas estas palavras (*archivo*, *archiduque*, *echo*, *monarcha*, *chimica*, *alphabeto*, *propheta*, *triumpho*, *apostrophe*, *phosphoro*, *etc.*) com *ph* e *ch;* e o geral da nação nunca assim as-escreverá! »

E todavia o gêral da nação, comprehendendo as classes mais extranhas aos estudos linguisticos, ja escreve uniforme e correctamente essas palavras como aquelles sabios orthographos desejavam, ainda hontem, sem jamais o-esperar.

Mas bem como as palavras *craro*, *cramor*, *incrinação*, *exempro*, *simpres*, *pubrico*, *infruencia*, antigamente escriptas d'este modo, *se-restituiram a seo primitivo ser*, assim a renovação do gôsto e dos estudos, trouxe, sem violencia, a etymologica remodelação da lingua.

Basta abrir as mil e uma polygraphias em que se-desintranha hoje a imprensa de Portugal e Brazil; basta pôr olhos nos monumentos capitaes da litteratura moderna — a *Historia de Portugal*, por exemplo, o *Genio da Lingua Portugueza*, o *Diccionario Bibliographico*, para conhecer que a reacção etymologica incontra ja inermes as sentinellas do uso desvairado.

debate, sem opposição, tem a gotta ido excavando a pedra, o exemplo dos doctos infiltrado insensivelmente nas maiorias um *systema*, por meio da approximação ás origens, que se-vai generalizando. O meio seculo findo é o precursor da regeneração confiada ao meio seculo em que vivemos.

O que ainda falta, não ha dúvida, é a necessaria ousadia para romper com certos usos inveterados—o que tanto a mal se-deve levar aos mestres como se-levaria ao facultativo que cruzasse braços ante a infermidade debellavel, motivando a sua inacção em ser chronica a molestia!

Não é, pois, innovação, systema singular; é antes tendencia da maioria dos homens de saber, o graphar segundo as regras etymologicas.

ARTIGO VIII.

De como são imaginarios os inconvenientes do escrever etymologico.

Procurarei infeixar aqui as accusações dos eclecticos e dos phonographos, em toda sua fôrça, procurando apreciál-as.

§ I.

Dizem ser um impecilho prejudicial o uso das lettras dobradas ou que se não proferem.

Nem tudo quanto se-traça tem de ser representado por voz, pois muitas convenções (como virgulas e mais signaes) só explicam ao leitor o conceito de quem escreve; e é assim que lettras muitas vezes não ouvidas insinuam ao leitor a etymologia, e propria significação dos vocabulos, para que perceba claramente o conceito do escriptor.

Si essas lettras nos-conduzem á origem da palavra, resultam as vantagens expendidas no artigo VI, § 3.º; e nada pésa o delatado inconveniente na outra concha da balança. Nunca jamais se-ingannou pessoa que saiba ler, ao proferir as palavras: *chloro*, *imminente*, *hoje*, *sceptro*, *activo*, *elle*, *baptismo*, *aggravo*, *grammática*, e milheiros em que apparecem lettras, excusadas, sim, para a pronúncia, mas uteis para outros intuitos. Onde, pois, não existe perigo de confusão, não podem esses significativos characteres ser taxados de *impecilhos*, e muito menos de *prejudiciaes*.

O leitor, que lança os olhos sôbre a palavra, não a-solettra, não a-decompõe: absorve-a 'num só corpo, apodera-se d'ella instantaneamente, assimila-a. Não se-imbaraça com o trajo extrinseco, para affectar desconhecêl-a. Duvidais vós da identidade

da pessoa, vossa muito familiar, porque a-vêdes diversamente vestida? Não; a despeito d'essas alterações exteriores, a pessoa é para vós a mesma. Assim os vocabulos: essas lettras que se não ouvem são os trajos, os infeites da palavra, que lhe não mudam a natureza, que a não mascaram. A experiencia vos-mostra que, em milheiros de casos, a leitura corre, geral e suavissimamente, sem que os denominados impecilhos impeçam cousa alguma, ou prejudiquem a orthophonia. O espirito opéra momentaneamente uma deducção, uma extirpação, como succede em innumeraveis vocabulos de uso commum, e até nos proprios elementos da palavra, que para a incorporação em syllabas têm necessariamente de realizar uma instantanea suppressão de som.

Não se-dá, pois, o minimo prejuizo no imprêgo das lettras dobradas ou não ouvidas que proponho, como o não tem havido no das que universalmente hão sido adoptadas em circumstâncias identicas.

§ II.

Dizem que éstas lettras não pronunciadas difficultam o noviciado da leitura.

Nem scei, nem me-importa. Dado, sem conceder, que assim acontecesse, ¿ que val na vida do homem esse relampago dos primeiros annos d'ella, quando a intelligência curta mal póde entregar-se a mais elevadas applicações? 'Numa vida de cinquenta annos,

foram tomados dous com o apprendizado da leitura, e quarenta e oito com a propria leitura. Não sacrificaremos o duradouro ao ephemero, o util ao facil. As simplificações para leitura são expedientes que morrem, obtido que o resultado seja. Elevae um palacio; exteriormente o-circumdarão andaimes; outros por dentro servirão á pintura, e aos accessorios; mas, concluida que a obra seja, lançam-se ao fogo esses madeiros informes, não obstante haver sido devida a elles a erecção do monumento. Estragar uma lingua, para rapidez de leitura, sería, em vez de sacrificar os andaimes ao palacio, sacrificar o palacio aos andaimes.

§ III.

Dizem que não póde ser invariavel a derivação, onde não é incontrovertivel a etymologia.

É verdade que, mesmo nas formosas linguas grego e latim, apparecem dúvidas sôbre o mais perfeito modo de escrever vocabulos. Desde grande antiguidade se-conhecem esses pleitos linguisticos. Varrão, Macrobio, Aulo-Gellio, estão cheios d'essas dúvidas (*).

(*) Por exemplo: *littera* ou *litera? Destillare* ou *distillare? Tiberis* ou *Thybris? Solpuga* ou *solipuga? volt* ou *vult? coolesco* ou *coalesco? apertivus* ou *aperitivus? lacrima* ou *lachryma? Vergilius* ou *Virgilius? ancora* ou *anchora? silva* ou *sylva? Quintilianus* ou *Quinctilianus?*

Constituem ellas, porém, excepções proporcionalmente mui raras, por isso que a imprensa, em podêr dos doctos, ha fixado geralmente uma orthographia latina e grega uniforme. Quando éstas dúvidas se-suscitarem, adopte-se como graphia do vocabulo originario a que os mais competentes grammaticos houverem preferido. Ainda ahi, pois, 'nessa falta de regra, incontraremos uma regra efficaz.

E quando a origem for desconhecida totalmente, conformemo'-nos, mas só então, por fôrça de indeclinavel necessidade, ao som, ao uso, ou á indole natural do systema orthographico.

§ IV.

Dizem que, para insinar o povo a bem escrever assim, sería mister doctrinál-o primeiro no grego, latim, arabe, francez, italiano, etc.

A isto responde Filinto 'num artigo publicado em 1815 no *Observador Lusitano em París*, e depois annexo ás suas obras, sob o título de *Coarctada :*

« Assim aconselharei aos que escrever queiram com ajuizado teor, que se-imbebam nos livros latinos, como o-fizeram os bons classicos portuguezes, e la, junctamente com o bom phraseado, apprenderão concorde orthographia.

« Si me-objectam, que é obrigar todo o povo a saber latim, para bem escrever em portuguez,

direi que tiram, de mui agudos ou de mal-intencionados, ruim conclusão, de genuino assêrto.

« Sigam os doctos a etymologia latina, e dêm-se as mãos para proscrever toda e qualquer outra; e de seos escriptos em portuguez apprenderá o povo a bem orthographar, sem que seja obrigado a apprender latim. »

Salta aos olhos (perdoe a imagem o venerando San' Luis) o que ahi se-argúe. O povo escreverá como lh'o-insinarem: acceitará os effeitos sem perscrutar as causas. Procederá nisto como em tudo. É elle sempre o braço que obra; os privilegiados são as cabeças que dirigem. Sabe grego toda a gente que por ahi escreve *philosophia*? Sabem latim todos os que traçam a palavra *affecto*? Não: impregam essas lettras porque lh'as-mandaram impregar. A nossa questão não é com os soldados, fôrça essencialmente obediente e passiva; é com os generaes, centro da intelligência e acção.

Em resumo: para escrever etymologicamente não é preciso que o escriptor saiba latim, etc., mas só que saiba a sua lingua *como os doctos lh'a-houverem delineado.*

Quando uma vez se-houver rasgadamente admittido a escriptura orthographica; quando apparecer um tractado ousado e intelligente; quando o-seguir

um vocabulario, convenientemente orthographado, com a exposição dos motivos, em cada vocabulo; quando os livros, as correspondencias officiaes, os periodicos tiverem abraçado a causa da reforma, não será mister uma geração, mas apenas meia duzia de annos, para todos machinalmente escreverem com correcção (*).

§ V.

Dizem que, sendo o portuguez um dialecto do castelhano (!) cumpre seguir a este, que proscreveu a orthographia etymologica.

Alguem, confessemol-o, aventou este argumento. Assenta em dous dados falsos: 1.°, nem o portuguez é dialecto do castelhano; 2.°, nem, que o-fôsse, ficava, depois da sua independencia, obrigado a adoptar as leis posteriores da sua antiga metropoli.

Não: o portuguez é incontestavelmente filho

(*) É do exemplo, que taes vicios soem originar-se, e por isso urge que desde a infancia comecem a inocular-se as boas doctrinas. Diz Cicero (De leg. I. 17): « Animos nostros parens, « nutrix, magister, poeta, scena depravat; multitudinis consen- « sus abducit à vero. » Quinctiliano accrescenta (I. 1.) « Ante « omnia ne sit vitiosus sermo nutricibus. Has primum audiet « puer, harum verba effingere imitando conabitur. Naturâ tena- « cissimi sumus eorum, quœ rudibus annis percepimus. Et hæc ipsa « magis pertinaciter hærent, quæ deteriora sunt. Nam bona facilè « mutantur in peius; at quando in bonum verteris vitia? Non « assuescat ergo, nedum infans quidem est, sermoni, qui dedis- « cendus sit. »

directo do latim (na maxima parte), de quem é tambem filho o castelhano (*hispanhoes* somos nós todos, e talvez mais ainda a Lusitania que Castella).

Era natural que duas linguas formadas nos mesmos tempos, dos mesmos troncos, pelos mesmos mestres, em terras limitrophes, offerecessem numerosissimos traços de analogia, de similhança, até de identidade, como parentesco de idiomas irmãos.

Mas, apezar de ser formosa a lingua castelhana, varonil, elegante, permitta-se dizer que, si, sem apoio em tradições, se-pertendesse forçar, pelo raciocinio, a uma filiação entre as duas, o estudo attento e comparativo talvez antes induzisse a pensar que o castelhano é filho do portuguez do que o portuguez do castelhano.

Tomando como poncto de partida a commum origem latina, parece que si uma d'estas linguas modernas é mãe da outra, deve a mãe ser a que mais do latim se-approxima, e não aquella que mais se -afasta. Ora, sendo o portuguez frequentemente mais chegado ao latim que o castelhano, deveria, segundo tal regra, considerar-se esta lingua como descendente d'aquella (*).

(*) Ésta confrontação, si alguem a-fizesse para todas as palavras das duas linguas derivadas do latim, redundaria quasi sempre em proveito do portuguez. Eis alguns exemplos, concor-

Não conheço outro algum argumento contra a orthographia, e parecem-me, portanto, estes totalmente desprovidos de fôrça.

des (como nos-deixará o art. XI § 1, supponho) nas derivações do ablativo, para a grande maioria dos casos:

PALAVRA LATINA	PORTUGUEZA	CASTELHANA
Abbate	Abbade	Abad
Advocato	Advogado	Abogado
Abominabili	Abominabil	Abominable
Avo	Avô	Abuelo
Affinitate	Affinidade	Afinidad
Alieno	Alheio	Ageno
Aer	Ar	Aire
Alumen	Alumen	Alumbre
Amplo	Amplo	Ancho
Anno	Anno	Ano
Antiquitate	Antiguidade	Antiguedad
Arbore	Arvore	Arbol
Folio	Folha	Hoja
Archangelo	Archangelo	Arcangel
Ardente	Ardente	Ardiente
Arsenico	Arsenico	Arsenique
Aspide	Aspide	Aspid
Austeritate	Austeridade	Austeridad
Auctoritate	Auctoridade	Autoridad
Adjuvare	Ajudar	Ayudar
Jejunium	Jejun	Ayuno
Baptismo	Baptismo	Bautismo
Bibere	Beber	Bever
Bene	Bem	Bien
Proavo	Bisavô	Bisabuelo
Volare	Voar	Bolar
Volvere	Volver	Bolver
Bono	Bom	Bueno
Calido	Calido	Caliente
Castello	Castello	Castillo
Captivo	Captivo	Cautivo
Zelo	Zelo	Celo
Cinisa	Cinsa	Ceniza
Cœco	Cego	Ciego
Cœlo	Ceo	Cielo
Centeno	Cento	Ciento

ARTIGO IX.

Principios e regras do systema orthographico.

Si os principios expostos tiverem a fortuna de ser acceitos, ousarei submetter o systema, que,

PALAVRA LATINA	PORTUGUEZA	CASTELHANA
Certo	Certo	Cierto
Cervo	Cervo	Ciervo
Ciconia	Cigonha	Ciguena
Cemento	Cemento	Cimiento
Cupiditas	Cubiça	Codicia
Caule	Caule	Col
Cumulare	Cumular	Colmar
Convivio	Convite	Combite
Comento	Comento	Comiento
Cognoscere	Conhecer	Conocer
Consilio	Conselho	Consejo
Curto	Curto	Corto
Collo	Collo	Cuello
Chorda	Chorda	Cuerda
Cornu	Cornu	Cuerno
Corio	Couro	Cuero
Corpus	Corpo	Cuerpo
Corvo	Corvo	Cuervo
Culmen	Cume	Cumbre
Complemento	Complemento	Cumplimiento
December	Dezembro	Deciembre
Dicere	Dizer	Decir
De ante	Deante	Delante
Deserto	Deserto	Desierto
Debitor	Devedor	Deudor
Dicto	Dicto	Dicho
Dentes	Dentes	Dientes
Decem	Dez	Diez
Deus	Deus	Dios
Diminuere	Diminuir	Disminuir
Exequi	Executar	Egecutar
Exercitio	Exercicio	Egercicio
Exercere	Exercitar	Egercitar
Exercitu	Exercitu	Egercito

unico, me-parece rasoavel. Dividamos as considerações em geraes e particulares.

PALAVRA LATINA	PORTUGUEZA	CASTELHANA
Gelare	Gelar	Elar
Imbibere	Imbeber	Embever
Involvere	Involver	Embolver
Imperator	Imperador	Emperador
Incendere	Incender	Encender
Scribere	Screver	Escrivir
Auscultare	Auscultar	Escuchar
Schola	Schola	Escuela
Speculo	Spelho	Espejo
Stamen	Stame	Estambre
Sterco	Sterco	Estiercol
Fera	Fera	Fiera
Festa	Festa	Fiesta
Foco	Fogo	Fuego
Folle	Folle	Fuelle
Fonte	Fonte	Fuente
Foras	Fora	Fuera
Forte	Forte	Fuerte
Faba	Fava	Haba
Fabulare	Falar	Hablar
Facere	Fazer	Hacer
Fato	Fado	Hado
Falcone	Falcão	Halcon
Fame	Fome	Hambre
Farina	Farinha	Harina
Fago	Faia	Haya
Facto	Feito	Hecho
Fœno	Feno	Heno
Formoso	Formoso	Hermoso
Ferrato	Ferrado	Herrado
Fervere	Ferver	Hervir
Fel	Fel	Fiel
Ferro	Ferro	Hierro
Filo	Figo	Higo
Filio	Filho	Hijo
Filo	Fio	Hilo
Homine	Homem	Hombre
Funda	Funda	Honda
Formica	Formiga	Hormiga
Orphano	Orpham	Huerfano
Horto	Horto	Huerto

ARTIGO X.

Considerações geraes.

Apresentarei tres ordens de estudos.

1.° *Regras prévias.*

PALAVRA LATINA	PORTUGUEZA	CASTELHANA
Hospite	Hospede	Huesped
Ovo	Ovo	Huevo
Fugire	Fugir	Huir
Fumo	Fumo	Humo
Impedimento	Impedimento	Impedimiento
Incerto	Incerto	Incierto
Inferno	Inferno	Infierno
Hyberno	Hynverno	Invierno
Joco	Jogo	Juego
Judice	Juiz	Juez
Lambere	Lamber	Lamer
Lancea	Lança	Lanza
Lacte	Leite	Leche
Lecto	Leito	Lecho
Legumen	Legume	Legumbre
Lingua	Lingua	Lengua
Lepore	Lebre	Liebre
Clave	Clave	Llave
Pleno	Pleno	Lleno
Lucta	Lucta	Lucha
Maledicto	Maldicto	Maldicho
Mansuetudo	Mansuetude	Mansedumbre
Marmor	Marmor	Marmol
Melior	Melhor	Mejor
Mendicitate	Mendicidade	Mendiguez
Mercator	Mercador	Mercader
Merenda	Merenda	Merienda
Metu	Medu	Miedo
Mel	Mel	Miel
Membre	Membro	Miembro
Milio	Milho	Mijo
Muco	Muco	Moco
Monstro	Monstro	Monstruo
Multitudine	Multidão	Muchedumbre
Molle	Molle	Muelle

2.° *Bases fundamentaes.*
3.° *Principios secundarios.*

PALAVRA LATINA	PORTUGUEZA	CASTELHANA
Morte	Morte	Muerte
Mulier	Mulher	Muger
Musculo	Musculo	Musclo
Nervo	Nervo	Nervio
Nebula	Nevua	Niebla
Nocte	Noite	Noche
Nominare	Nomiar	Nombrar
Nomen	Nome	Nombre
Novem	Nove	Nueve
Novo	Novo	Nuevo
Octo	Oito	Ocho
Oculo	Olho	Ojo
Auro	Ouro	Oro
Palea	Palha	Paja
Periculo	Perigo	Peligro
Prœsepe	Presepe	Pesebre
Pede	Pé	Pié
Petra	Pedra	Piedra
Pelle	Pelle	Piel
Putredo	Pudridão	Podredumbre
Proprio	Proprio	Propio
Ponte	Ponte	Puente
Porco	Porco	Puerco
Porta	Porta	Puerta
Portu	Portu	Puerto
Revolvere	Revolver	Rebolver
Recente	Recente	Reciente
Horologio	Relogio	Relox
Rota	Roda	Rueda
Sanguis	Sangue	Sangre
Serpente	Serpente	Serpiente
Servo	Servo	Siervo
Sœculo	Seculo	Siglo
Sinistro	Sinistro	Siniestro
Superbo	Suberbo	Sobervio
Surdo	Surdo	Sordo
Suspecto	Suspeito	Sospechoso
Subterraneo	Subterraneo	Soterraneo
Socero	Sogro	Suegro
Solo	Solo	Suelo
Somno	Somno	Sueno

§ I.

Regras prévias.

Quando se-estabelecem regras, não se-admittam desnecessarias excepções; nem se-tolere infracção onde ha lei.

PALAVRA LATINA	PORTUGUEZA	CASTELHANA
Sorte	Sorte	Suerte
Suo	Seo	Suyo
Tabula	Tabula	Tabla
Tecto	Tecto	Techo
Tilia	Tilia	Teja
Taxo	Teixo	Tejo
Tempus	Tempo	Tiempo
Terra	Terra	Tierra
Tuo	Teo	Tuyo
Vindicare	Vindicar	Vengar
Vitro	Vidro	Vidrio
Vetulo	Velho	Viejo
Vento	Vento	Viento
Ventre	Ventre	Vientre
Vimen	Vime	Vimbre
Equa	Egua	Yegua
Gelu	Gelu	Yelo
Eremo	Ermo	Yermo
Herba	Herva	Yerva
Gypso	Gesso	Yesso
Jugo	Jugo	Yugo

E todas as terminações em *bili*, que o correcto portuguez troca em *bil*, e o castelhano em *ble?* e as em *ute*, *ate*, que o portuguez troca em *ude*, *ade*, e o castelhano em *ud*, *ad?*

Outra circumstância se-dá, em que o portuguez se-inriquece com um mechanismo peculiar, não seguido pelo castelhano. Por meio de diminuicões, deu muitas vezes ingrandecimentos á lingua, duplicando as significações.

No castelhano, pae temporal e espiritual é *padre;* mãe natural e religiosa é *madre;* geral de uma religião e de um exército é *general*, *etc.* Mas com distincta e dobrada noção chamamos nós, ao pae temporal *pae*, e ao espiritual *padre;* á mãe na-

Leve-se até o fanatismo a exigencia etymologica, sempre que o som do vocabulo o-permittir, sem consentir um só inutil desvio, aliás se-desmoronaria o edificio, precipitando-o no labyrintho do eclectismo.

Arraste a reforma da escripta o melhoramento da palavra, todas as vezes que o uso universal não houver transformado o seo valor.

Denomina-se melhoramento da palavra toda a mudança que, sem violencia, tender a ligál-a mais intimamente á lingua-matriz, ou ainda a tornál-a mais harmoniosa.

§ II.

Bases fundamentaes.

Poucas bastam.

Conformar-nos-hemos com a derivação, ou seja completamente calcando o vocabulo sôbre o vocabulo,

tural *mãe*, e á religiosa *madre*; ao geral de uma religião *geral*, e ao de um exército *general*.

Omittindo centenares de outros casos analogos, e sendo raros os inversos, creio chegar á opinião contrária d'essa, ahi geralmente passada em julgado. Si é forçoso (o que nego), que uma das linguas seja dialecto da outra, creio ficar provado que o portuguez é o filho do latim, e o castelhano dialecto do portuguez.

Não tem, portanto, que receber leis quem as-pode impor. Vivamos em paz, separados e independentes, que si se-imboccasse esse clarim de guerra, o Deus de Affonso Henriques nos-reservaria um Montes-Claros, Trancoso, Ameixial, ou uma Aljubarrota... orthographica.

ou approximando-nos, o mais possivel, das fórmas primitivas, sempre que o valor dos signaes elementares permittir essa conformidade, attenta a analogia de identico soar em casos similhantes (*).

(*) Diremos *liberdade* em vez de *libertate*, porque o *t* não póde soar *d*; mas diremos *character*, *chirographo*, *charta*, *chorda*, visto que assim nos-approximamos da derivação, sem aliás contrariarmos o som *k*, que ja damos ao *ch* em *cholera*, *christão*, *chronica*, *chlamyde*, *chorographia*, *echo*, *epocha*, etc.

Só para exemplificação, apontarei alguns outros casos:

MODO COMO DEVE ESCREVER-SE.	ANALOGIAS DO USO COMMUM, QUE ADMITTE IDENTICO VALOR
Juncto, defuncto, prancto, cincta, lucto, poncto.	Aspecto, victoria, affecto, producto, assumpto.
Rhyma, rhasgar.	Rhinoceronte, hemorrhagia, rhetorica.
Mactar, practicar.	Acto, delicto, contrato, objecto.
Tammanho, symmetria	Chamma, gemma.
Outomno.	Hymno, damno.
Abhorrecer, hynverno, emb'hora, outr'hora.	Horrido, hóspede, hoje, homem, hora.
Schismar, schedula.	Schisma.
Comptar, inceptar, septe, rôpto, absorpto.	Prompto, baptismo, optimo, absorpção, escriptor, redemptor, assumpto, excepto.
Fitta.	Attender, prometter.
Satisfacção, licção.	Acção, traducção.
Inquadernar, numqua.	Quatorze.
Phrenesi, phantasia.	Phrase, physica.
Joseph.	Diphthongo, phtysica.
Joachin.	Rachel.

Bem poderá ser que se-me-lance ás faces um epigramma de máo gôsto, dizendo que, visto alterar eu a graphia consagrada

Quando a palavra nos-tiver sido provavelmente offerecida por uma lingua, embora ess'outra a-herdasse de anterior, seguiremos, si diversificarem, a orthographia da matriz, e não da lingua-avó.

Quando, porém, o respeito etymologico produzir inevitavelmente perigosa confusão no valor do vocabulo, sacrifique-se a lettra, que origina tal confusão (*).

Onde, na pronunciação, a palavra houver sido tão transmudada, que o som portuguez não possa alcançar-se com as lettras da origem, respeite-se essa

pelo uso, esquecido de que palavras extrangeiras mudaram sua natureza, aportuguezando-se, deveria, para ser consequente, escrever: *London*, *Bale*, *Anvers*, *Bordeaux*, em vez de *Londres*, *Basiléa*, *Antuerpia*, *Bordeos*.

Pecca a reflexão por demasiadamente aguda. Estabeleço como condição da graphia etymologica haver ja casos incontroversos na lingua, em que se-dê egual silêncio ou egual valor de lettras. Escrevemos sem escrupulo *Rachel* por causa da derivação, dando ao *ch* o som *k;* por que rasão não faremos o mesmo com *Joachin*, em identidade de circumstâncias? Por causa da derivação, escreve-se, sem se-ouvir o *ph* de *diphthongo;* por que incongruencia nos-horrorizaremos do mesmo *ph* etymologico do nome *Joseph*, embora tambem o não pronunciemos?

E assim nos mais casos.

(*) Por exemplo; *côro*, canto de várias pessoas, deveria escrever-se *chôro*, por vir do ablativo latino *choro*, χορος no grego; mas escreva-se *côro*, para distinguir de *chôro*, pranto.

Madureira quer que se-escreva *chôro* em ambos os casos, argumentando que, aconteceria com esta palavra o que succede com o vocabulo *rio* e muitos outros, que só pelo sentido do discurso se-reconhece si são nomes ou verbos. O certo é que o discurso faz ás vezes distinguir instantaneamente um verbo de um nome, porem não dous nomes entre si, de diverso soar, e que ao primeiro aspecto muitas vezes se-confundem,

transformação, afastando então ahi da etymologia, e phonographando (*).

Todas as vezes que se-der 'num verbo a irregularidade de offerecer, nos varios tempos, dous effeitos diversos para o ouvido, tome-se como base a regra da filiação, com derivação correcta, impregando-se a excepção somente nos casos em que o soar torne inevitavel seguir a corrupção do radical (como adeante explanarei, falando dos verbos).

§ III.

Principios secundarios.

Assim qualifico o que passo a expor, porque das seguintes proposições, umas se-derivam das precedentes, outras são *convenções*, *não fundamentaes*, mas destinadas á harmonia, simplicidade, ou clareza. Alpondras e passadeiras denominem embora estas questões; 'nellas assenta o correcto escrever.

Estribam-se estes principios, pela mor parte, nos seguintes axiomas: Lettras, ponctuação, accentos, riscos, e outros signaes, devem ser impregados, sempre que o seo uso tornar a leitura mais instantaneamente clara, dissipando equivocos, seja no soar da lettra, seja na intelligêucia da phrase.—Serão, de todas as condições, perfeitissimas, aquellas que,

(*) Por exemplo: *inter*, *entre*, em que ha a mudança da 1.ª vogal, e a troca das últimas lettras.

respeitando os principios da derivação, insinarem ao mesmo tempo o proprio ignorante, a creança, o extrangeiro, a bem pronunciar.

Supponho estes problemas resolvidos com as singelas regras, que passo a aponctar, e que em obra de mais vulto projecto desinvolver.

ARTIGO XI.

Applicações e convenções.

Facil será discriminar a que classe de principios pertence cada um dos seguintes preceitos: todos elles dimanam de já conhecidas e descriptas fontes. Para melhor elucidação, consagrarei um paragrapho a cada regra que o-merecer.

§ I.

A derivação do latim, na quasi totalidade dos nomes, vem do ablativo.

Pelo anno de 1842, ferindo-me este pensamento, quiz verificál-o, e, tomando um Calepino, dispus com a lettra A uma tabella dos nomes, substantivos e adjectivos, tomados pelo portuguez ao latim. Depois, conforme os preceitos da analogia, fiz segunda tabella, classificando os casos do latim, d'onde cada

vocabulo descendia. Em cada caso, subdividi essa derivação em tres ramos: 1.°, quando a palavra portugueza se-escrevia exactamente com as mesmas lettras da latina; 2.°, quando a actual palavra portugueza transformou da relativa latina algumas vogaes ou consoantes, seguindo regras geraes, ou usualmente peculiares ao nosso idioma (*); 3.°, finalmente, quando a

(*) Ha certas transformações de lettras, que, seja pelo intimo parentesco d'éstas, seja pela indole das linguas derivadas, se-dão com frequencia tal, que estabelece uma quasi lei. O sr. Leoni, no *Genio da lingua portugueza*, tracta este assumpto com abundancia e criterio. Eis-aqui alguns exemplos d'essas mais frequentes transformações:

A em *O*: *fame, fome; crasso, grosso; cerato, ceroto.*

Au em *ou*: *Auro, thesauro, mauro, rauco, tauro, autumno, laudare, audire.*

I em *E*: *Littera, infirmo, cista, siti, virga, capillo, crispo, nigro.*

U em *O*: *Bucca, tussi, lumbo, turdo, musca, lupo, trunco, furno, puppi, unda, mundare.*

Omittindo outras mudanças de vogaes, menos frequentes, e passando ás consoantes, são em todas as linguas communs as trocas, entre si, das lettras dentaes, labiaes, gutturaes, e linguaes. Eis-aqui as mudanças mais frequentes, em portuguez:

B em *V*: *Arbore, libro, faba, albo, scribere.*

C, Q, em *G* (todos gutturaes): *Fico, musco, formica, verruca, secreto, amico, laco, spica, acuto, decollare; aquila, æquale, antiquo, equa, sequi;* — ou em *Q*: *Caseo, porcario, calente.*

C em *Z* (ambos linguaes): *Lucerna, judicio, decembro, aceto, inducere, jacere.*

Cl, Pl, Fl em *Ch*: *Clave, clamare; plaga, pleno, pluvia, plumbo, plorare, implere; flamma, inflaio, inflare.*

Gn, N em *Nh*: *Agno, ligno, pugno; farina, linea, sardinia, lino, ingenio, vino.*

troca d'esses elementos foi arbitrária, ou adoptou menos seguras bases.

Methodicamente, considerei, pois: — *ordem*, a serie de nomes derivados do latim; — *genero*, a dos que são totalmente similhantes á origem; — *especie*, a dos que diversificam, segundo leis regulares; — *variedade*, a dos que se-transformam mais caprichosamente.

D'estes trabalhos (de que muitos dos meos amigos têm conhecimento; sôbre que alguma cousa corre impresso; e que, 'numa sessão do anno de 1849, fizeram assumpto de uma animada conversação, no Instituto Historico do Brazil) resulta approximadamente: — que de cada dez palavras recebidas do latim, seis são similhantes ao ablativo latino, com as mudanças naturaes de lettras; duas são totalmente o mesmo ablativo, lettra por lettra; uma é ainda o

L em *R*: *Clavo*, *lilio*, *plaga*, *blando*, *flacco*, *duplo*; — ou em *Lh*: *Palea*, *ervilia*, *melior*, *julio*, *coagulo*, *speculo*, *milio*.

P em *B*: *Capra*, *lupo*, *vipera*, *lepore*, *aprili*, *superbia*, *opera*, *duplo*, *sapere*.

S em *J*: *Caseo*, *ceraso*, *ecclesia*, *cisio*, *cervisio*, *basio*, *faselo*.

T em *D*: *Hospite*, *marito*, *fato*, *rota*, *metu*, *prato*, *vitro*, *petra*, *vita* (é esta a transformação mais constante).

Ct, *Pt* em *It*: *Facto*, *pectore*, *nocte*, *rector*, *elector*, *respectu*, *octo*, *secta*.

As mais usuaes transmutações do latim são *c* em *g* e *z*; *l* em *lh*; *n*, em *nh*; *p* em *b*; *t* em *d*; suppressão das consoantes, *d*, *g*, *l*, *n*; substituição da aspiração pela lettra *f*.

ablativo adulterado; uma de outros casos, especialmente nominativo: portanto, de cada gruppo de dez palavras, nove descendem do ablativo (*).

(*) Interrogando a mim-mesmo a explicação de um facto certissimo, mas extranho ás ideas communs (que usam, como Simão de Vasconcellos, no excerpto que transcrevi no *Iris Classico*, sôbre *Linguas do Brazil*, indicar a derivação por vinda do nominativo), creio tel-a descoberto.

O ablativo, caso que os gregos não tinham, era ao contrário o mais frequentemente repetido na locução latina. Verifiquei, 'numa página de Cicero, que, de todos os substantivos e adjectivos ahi impregados, dous terços estavam no ablativo, e um terço apenas em todos os outros cinco casos! Perguntei-me tambem a rasão d'este facto, ainda mais extranho, e julgo ser a seguinte:

Era da natureza dos casos latinos, que o ablativo fôsse o mais commum, *por ser o que offerecia mais extenso e variado imprêgo.*

Limitavam-se geralmente:

O *nominativo* a nomiar o objecto seccamente, como sendo ou operando alguma cousa;

O *genitivo* á geração e possessão;

O *dativo* á attribuição;

O *accusativo* á designação do ente, que recebe a acção;

O *vocativo* ao chamamento ou exclamação.

Tudo isso são impregos mui restrictos, o que se não dá com o ablativo. Este indicava (fôsse por si ou pelas preposições) extracção, separação, privação, afastamento, comparação, origem, causa, maneira, instrumento, união, ligação, etc. Juncte-se a isto a locução grammatical, denominada *ablativo absoluto*, tão rica de effeitos e tão frequente; finalmente, a variedade dos valores, ja sem preposição patente, ja com o *a*, *ab*, *abs*, *e*, *ex*, *de*, *absque*, *sine*, *cum*, *pro*, *præ*, *coram*, *in*, *sub*, *super*, *subter*, *etc.* e ja não admirará que Varrão chame, por excellencia, o ablativo *o caso latino*, e bem assim que, pertencendo a este os quatro quintos das applicações mais diversas, e até as mais usuaes, apparecesse quatro vezes esse caso, por uma que outro qualquer surgisse, no latim escripto ou falado.

Cada uma das quatro linguas (portuguez, hispanhol, francez e italiano) saídas d'aquelle commum tronco, separaram-se na indole

Si é ésta a lei geral da derivação, fica evidente que ainda do ablativo, e não do nominativo, descende a os vocabulos que nos dous casos se-escrevem com eguaes lettras, como: *arma*, *rosa*, *patria*.

Ouso ir mais longe: suspeito que, — em muitas circumstancias em que o portuguez dá exactamente o nominativo, e parece diverso do ablativo, — ainda ahi é do ablativo e não do nominativo a origem da palavra! Persuado-me de que o *e* mudo, do final das palavras romanas, tinha a natureza do nosso: sendo elle quasi sempre breve, não, ou apenas se-ouvia. Assim como nós leriamos da mesma fórma, escrevendo-se ou não o *e* final, as palavras: *aquelle*, *forte*, *padre*, *mestre*, outro tanto succederia aos latinos (*). É certo que hoje nos-insinam a ler o latim, proferindo *amárè*, *irè*, *dormirè*, *amórè*, *ful-*

das suas alterações (a seo tempo, submetterei um quadro d'essas confrontações); mas o certo é que éstas linguas todas nasceram mais do latim falado que do escripto; e isso tambem aconteceu com os nossos avós.

Adoptaram estes, *infelizmente* (bem como as outras linguas modernas e muitas antigas), preposições, com exclusão de casos. Embora, pois, os lusitanos ouvissem, aos seos vencedores e mestres, desinencias diversas, como lhes não era licito escolher mais do que uma, é óbvio que acceitariam a que ouviam com muito mais frequencia, antes do que outras, desvairadas, e que só por excepção lhes-feriam o tympano.

Eis-ahi, pois, supponho, os factos e suas rasões.

(*) Linguas, desde longo tempo mortas, e nas quaes por isso as tradições se não legaram de seculo a seculo, deixam muitas dúvidas, em materia de pronúncia. Diz, porém, Quinctiliano que os latinos tinham *longas mais longas*, *breves mais breves*, umas que outras, comquanto os poetas não deixassem de lhes-attribuir um valor egual.

gòrè, *etc.*; mas affigura-se-me que esse *e* final não se-ouvia, e tiro argumento do modo como a nossa lingua se-formou. Recebemos milheiros de verbos do latim; foi a lingua falada que nol-os infiltrou: parece evidente que, si o ouvido percebesse tal lettra final, a não sacrificaria. Todas as outras lettras foram respeitadas; ¿ porque rasão unanimemente omittiriamos só aquella que, pelo contrário, última ferisse o ouvido? Não; é porque os discipulos não ouviam aos mestres proferir tal *e* (*), e por isso dispensa-

(*) D'isto convencem as quatro conjugações em *ar*, *er*, *ir*, *or* (si é que verdadeiramente existem em portuguez mais que duas conjugações), não só pela harmonia com o systema romano, mas porque, admittida ésta explicação, muitos centenares de infinitivos, ficam exacta, ou muito approximadamente, similhantes nas duas linguas. Por exemplo: *Damnar*, *intrar*, *errar*, *amar*, *estar*, *dictar*, *dignar*, *dobrar*, *cantar*, *dotar*, *honrar*, *jactar*, *firmar*, *applicar*, *armar*, *approvar*, *coarctar*, *arrogar*, *consolar*, *educar*, *approximar*, *consultar*, *notar*, *procrear*, *recrear*, *arbitrar*, *consagrar*, *degenerar*, *perjurar*, *argumentar*, *consignar*, *saturar*, *temperar*; — *Apprehender*, *escrever*, *succeder*, *arder*, *splender*, *imcher*, *dizer*, *tender*, *beber*, *fazer*, *haver*, *correr*, *jazer*, *subscrever*, *crescer*, *poder*, *romper*, *vender*, *ser*, *temer*, *defender*, *accender*, *intender*; — *Consentir*, *exhaurir*, *expedir*, *vestir*, *ir*, *medir*, *sentir*, *unir*, *impedir*, *cobrir*, *mentir*, *servir*, *punir*, *prevenir*, *dormir*, *sair*, *ouvir*, *definir*; — *Pôr*, *compor*, *depor*, *expor*, *impor*, *suppor*, *transpor*, *oppor*, *interpor*, *etc.* Quasi todas essas palavras (restituido o *ne* que na quarta conjugação se-syncopa) seriam a mesma cousa nas duas linguas; e centenas de outras. É, portanto, motivo mal se-ouvir o *e* final.

Outra observação me-occorre ainda. Dizemos *redemptôr*, *rigôr*, *senhôr*, *lavôr*, *etc.* Ora, si é certo que tomámos éstas palavras aos latinos, que as-tinham exactamente similhantes, houveramos seguido a prosodia d'elles, os quaes, no nominativo, proferiam breve a ultima syllaba: *rĕdēmptŏr*, *rĭgŏr*, *senĭor*, *lābŏr*; mas, visto que a-proferimos longa, e que, em rasão do incremento, é, no ablativo latino, longa a penultima de *redemptōre*, *rigōre*, *seniōre*, *labōre*, concluo que a nossa derivação ainda ahi veiu do ablativo, sendo para isso mister que o *e* final se não ouvisse.

ram escrevêl-o (*) ; e eis como o *amar* , *ir* , *dormir* , são exactamente o verbo latino , e o *amor* , *fulgor* , *redemptor* , o ablativo , que não o nominativo , apezar da apparente diversidade.

A desinencia em *ão* , hoje mui frequente , vem tambem por certo, o mais das vezes, do ablativo latino. Este *til* , hoje tendente a significar aquelle energico, tão formoso como calumniado , som nasal , tinha , na escripta antiga , a missão de representar que alli se-dera a suppressão de uma lettra , quasi sempre o *n* (**). É em harmonia com esse valor do *til* que as palavras portuguezas em *ão* se-derivam ainda do ablativo , neja do nominativo.

(*) Disse que *mal* se-ouvia o *e* final, pois suspeito que os ouvidos delicados seriam a elle sensiveis ; e talvez d'ahi nasça o uso popular da Beira, e outras localidades , onde se-profere *amari*, *buscari*, *etc.* ; e a este proposito bem pondera Bluteau, que « nos infi« nitivos dos verbos falam os nossos Ratinhos melhor que os « Palacianos, que, em logar de *amar*, *andar*, dizem *amare*, *an*« *dare* , *etc.* »

(**) Note-se como os antigos escreviam : *nõ*, *põte*, *nũqua*, *fõte*, *nẽhũa*, *tã*, *grã*. *cõforto*, *lã*, *rã*, *irmã* , *homẽes*, *dões* ; *tu pões*, *tẽes*, *etc.* Outras vezes representava TALVEZ *m* : ũa, *algũa*, *nenhũa*, *que*, *nẽ*, *bẽ*, *sõ*, ũ, *etc.* Todas as palavras, pois, que terminâmos em *ão*, revelam, pelo *til*, que alli houve outr'ora um *m* ou *n*, o que succede sobretudo com os ablativos latinos em *one*, e não com os respectivos nominativos, como se-vê em : *acção*, *benção*, *lesão*, *nação*, *licção*, *noção*, *questão*, *rasão*, *tradição*, *addição*, *attenção*, *concepção*, *redempção*, *instrucção*, *infecção*, *adopção* , *legião*, *locução*, *impressão*, *religião*, *oppressão*, *eleição*, *deducção*, *confusão*, e centenares de outros vocabulos. Note-se tambem que muitas palavras, hoje invariavelmente terminadas em *ão*, findavam em *on* : *coraçon*, *perdon*, *razon*, *sazon*, *etc.* , o que confirma que sempre o *til* substituiu o *n* ; e conseguintemente fica estabelecido que ainda taes palavras em *ão* procedem do ablativo, onde só existe o *n* , e não do nominativo, onde elle falta.

Esta importante regra de derivação facilita muito a philosophia orthographica (*).

§ II.

Regras para orthographar verbos.

Nos verbos, poucas são as peculiaridades, que ora me-occorre commemorar.

Desde que seguimos invariavelmente a derivação, 'nella acharemos seguro guia, que dispensa mais recommendações. Todavia, eis-aqui algumas elucidações, talvez uteis.

É frequente, como atrás se-viu, trocar ou supprimir lettras, no transmutar das linguas. Por exemplo: De *salio* tirámos o *l*: devemos escrever *saio*; e pelo mesmo motivo, de *salis*, *salit*: *sais*, *sai*. Em *cado* trocamos o *d* em *i*, *caio*; mas *cadis*, *cadit*: *tu cais*, *elle cai*. Vós *amais*, no presente, com *i*, por vir de *amatis*; mas, como o imperativo latino é *amate*, escreva-se *amae!* com *e*.

Dá-se geralmente anarchia no escrever das terceiras pessoas dos preteritos, que uns terminam em *u*, outros em *o*. Persuado-me de que a devida orthographia é o *u*. Quando não houvesse fundamento algum em derivação, devia assim mesmo usar-se *u*, pois é ainda regra que (na falta de regra) se-siga o soar, e a lettra

(*) Eis-ahi a rasão porque escrevo *meo*, *seo*, *teo*, *pae*, *mãe*, *etc.*, em logar de *meu*, *seu*, *teu*, *pai*, *mãi*, *etc.*, que é mais commum.

u é a unica representativa, por sua indole, do som final de taes terceiras pessoas.

Mas, creio que ainda aqui a derivação nos -orienta.

A conjugação portugueza seguiu mui de perto a latina:

Amo, *amas*, *amat*, *amamus*, *amatis*, *amant*.
Amo, *amas*, *ama*, *amamus*, *amais*, *amam*.

Venhamos, porém, ao preterito. Supprimido o *v*, e trocado o *a* em outra vogal forma-se regularmente todo esse tempo. Quanto á terceira pessoa, como o *it* final nunca se-transporta (*), ficou em vez de *amavit*, *amav*; ora não se-distinguindo antigamente, na escripta, o *v* do *u*, essas lettras *av* valiam tanto como *au*, e ja vimos a lei que transformava habitualmente o *au* latino em *ou* portuguez: eis-ahi o *amavit* convertido em *amou*.

Em innumeraveis preteritos (especialmente da terceira e quarta conjugação) se-segue a mesma lei. *Audivit*, supprimido o *it*, dá o *ouviu*, tomado indistinctamente o *v* pelo *u*. Si *intravit*, *erravit* é *introu*, *errou*; *implevit*, *vestivit*, *aperuit*, deve ser *imcheu*, *vestiu*, *abriu*, *etc*. Assim fixada etymologicamente a escripta d'essas terceiras pessoas do preterito, devem todas as outras imitál-as, adoptando-se

(*) Porque tambem era provavelmente pouco ou nada ouvido esse *t*, visto que a final em *t* era breve, como *capŭt*, *velŭt*.

invariavelmente a lettra *u*, mais propria no soar, e que d'est'arte se-harmoniza com a derivação.

Quando a pronúncia do verbo for irregular, ora conformando-se com a derivação, ora afastando-se d'ella, tome-se como base da escripta a derivação, e curvemo'-nos á preexistente irregularidade do verbo, escrevendo-o como a pronúncia forçar nos tempos irregulares. Por exemplo: o verbo *imcher* vem de *implere*; escreva-se, pois, com o *i* etymologico em todos os tempos em que sôa como *i*, mas não haverá remedio sinão variar no indicativo, imperativo e subjunctivo, traçando: *eu emcho, emche tu, eu emcha!* (Note-se que esta irregularidade não nasce do systema, porém, sim, de que o verbo é ja irregular na pronúncia).

Quando soam do mesmo modo as terceiras pessoas do singular e plural, diversifiquem, usando no plural o *til* ou *circumflexo* (*). Por exemplo: *elle tem*, *mantem*, *vem*; *elles têm*, *mantêm*, *vêm*. (Este ultimo escreva-se assim, no verbo *vir*, e *veem*, no verbo *ver* (**).

Alem da óbvia conveniencia d'este alvitre para evitar equivocos, ha ainda rasão etymologica.

(*) Ja vimos que o *til* significa em portuguez que alli se-supprimiu um *n:* portanto aqui fica em seo devido valor, *tenet;* no singular, dá *tem*, pela suppressão do *et*; mas no plural, *tenent*, ha dous *n;* o primeiro é o que se-troca pelo *m*, como no singular; o segundo é aquelle cuja suppressão indica então o *til* sobre o ê. Pela mesma rasão: *vem*, no singular, por *venit; vêm*, no plural, pela suppressão do segundo *n* em *veniunt*, *etc.*

(**) Em *vident*, sendo natural a mudança de *i* em *e*, e *n* em *m*, bem como a suppressão de *d t*, fica *veem*.

Tambem se-póde concordar em distinguir os presentes e preteritos homophonos, pondo no preterito accento, como: *sentimos*, *percebemos*, no presente; e *sentímos*, *percebêmos*, no passado.

Os sons *z* e *s* (de que especialmente tractarei no paragrapho IV) merecem particular attenção na conjugação dos verbos. Adeante se-estabelece: que o *t* trocado em *s* (no soar) se-escreve em portuguez com *ç*; o *s*, embora sôe *z* na lingua-mãe, conserva-se na derivada; quando, porém, sôa *z* em portuguez, sem que o latim dê *t* nem *s*, deve escrever-se com *z*.

Portanto os infinitos dos verbos em *zer*, *zir* devem todos escrever-se com *z*, bem como a maioria dos em *zar*, exceptuando um diminuto número que vai buscar o *s* inicial (*).

(*) Eis-aqui a applicação das regras aos infinitos de que se -tracta, segundo a probabilidade que attribuo ás respectivas etymologias.

INFINITOS EM ZAR.

Escrevem-se os seguintes com *z*:

1.° Palavras derivadas do grego, onde se-escrevem com *z*, ou compostas com a desinencia *izo*, que é um verbo grego, usado nas composições e significa: assentar, estabelecer, crear, fazer, fundar: *baptizar*, *abrazar*, *estazar*, *matizar*, *abalizar*, *canonizar*, *agonizar*, *inthronizar*, *fabulizar*, *feitorizar*, *fiscalizar*, *finalizar*, *latinizar*, *martyrizar*, *moralizar*, *organizar*, *penalizar*, *dogmatizar*, *exorcizar*, *prophetizar*, *tyrannizar*, *auctorizar*, *desauctorizar*, *solemnizar*, *suavizar*, *utilizar*, *formalizar*, *characterizar*, *contemporizar*, *escandalizar*, *inholerizar*, *alcoholizar*, *immortalizar*, *allegorizar*, *anatomizar*, *prodigalizar*, *aromatizar*, *singularizar*, *atemorizar*, *evangelizar*, *anathematizar*, *especializar*, *familiarizar*, *particularizar*, *espiritualizar*, *catechizar*, *legalizar*.

Ás vezes o *x* latino transformou-se em *s* portuguez; então acompanharemos essa mudança, usando um ou dous *s*, conforme for mister para a phonia; como: *dixi*, *disse*.

Sendo em final de palavra, adoptaremos o *s* etymologico, como em *posuit*, pôs; nos restantes casos o *z*, como em *fecit*, fez.

2.° Palavras derivadas de latim, e outras linguas, ou formadas de raiz portugueza, mas que, por não terem o *s* radical, se-escrevem com *z*: *rezar*, *cruzar*, *prezar*, *tapizar*, *invernizar*, *inviezar*, *inraizar*, *banzar*, *jaezar*, *desprezar*, *avezar*, *afreguezar*, *ajuizar*, *inlabuzar*, *desazar*.

Escrevem-se os seguintes com *s*:

1.° Derivados do latim, onde tem *s*: *casar*, *glosar*, *causar*, *pausar*, *pesar*, *repesar*, *contrapesar*, *sisar*, *pousar*, *abusar*, *accusar*, *esposar*, *excusar*, *vasar*, *invasar*, *extravasar*, *pesquisar*, *intesar*, *recusar*, *precisar*, *subpesar*, *subpresar*, *represar*, *avisar*, *ousar*.

2.° Derivados do francez, ou de combinação portugueza, mas originariamente com *s*: *guisar*, *devisar*, *aprasar*, *gisar*, *pisar*, *tosar*, *ingransar*, *alisar*, *arrasar*, *impresar*, *incasar*, *indeusar*, *aportuguesar*, *parafusar*.

INFINITOS EM ZER.

Não ha um que se-derive, por qualquer fórma, de palavra, que tenha *s*, ou *z*, mas sim: um *h*, e todos os mais *c*; devem pois todos escrever-se com *z*, isto é: *dizer*, *predizer*, *desdizer*, *condizer*, *maldizer*, *bemdizer*, *contradizer*, *fazer*, *perfazer*, *desfazer*, *refazer*, *satisfazer*, *rarefazer*, *contrafazer*, *benzer*, *jazer*, *cozer*, *incozer*, *recozer*, *prazer*, *aprazer*, *trazer*.

INFINITOS EM ZIR.

Todos se-devem escrever com *z*, porque o primeiro é onomatopaico talvez; todos os outros vem do latim, onde se-escrevem com *c*, sendo todavia digno de observação que, tendo nós uma conjugação em *ir*, todos estes infinitos se-filiam do latim, não da 4.ª conjugação em *ire*, mas da 2.ª ou 3.ª em *ere!* : *zurzir*, *luzir*, *reluzir*, *transluzir*, *deduzir*, *induzir*, *produzir*, *conduzir*, *introduzir*, *reduzir*, *traduzir*, *reproduzir*, *franzir*.

§ III.

Derivações de outras linguas que o latim.

Nos termos de origem arabica, ha frequentemente duplicações de lettras, que importa conservar, e bem assim cumpre, não raro, impregar lettras, que na lingua matriz existem, apezar de entre nós se não ouvirem, sempre que taes lettras não venham tornar impossivel a leitura, segundo o som que hoje damos á palavra.

Nos vocabulos de origem grega, adoptaremos, para significar o som *i*, vindo do *u* grego, o *y*, para distinguir do *i* (*iota*); o que no grego for escripto com θ, o daremos com *th*; com *ps* o ψ; com *ch* o χ; com *ph* o φ; por exemplo:

de θεωρια, theoria;
» ψαλμος, psalmo:
» χριϛος, christão;
» φυσις, physica.

§ IV.

S e Z.

Um dos ponctos em que reina maior confusão é quanto ao uso do *z*, ou do *s* quando sibilla duro como *z*. Affigura-se-me que, em nosso systema, se-põe termo a essa anarchia.

Si a derivação nos-leva a um vocabulo-pae, que

impregue a lettra *z* ou *s*, *tollitur quæstio*; prevalece o primordial principio etymologico.

Quando, porém, a lettra *originária* não for nem *s* nem *z*, e todavia soar em portuguez como *s* ou *z*? Eis-aqui regras singelissimas.

Quando o *t* latino sibilla *s* (como de *actione*, *gradatione*, *functione*; *acção*, *gradação*, *funcção*, e casos identicos), tome-se para co-relativo portuguez do *t* latino o *ç* (cedilhado ou não, conforme a vogal a que se-antepõe).

Si elle soa duro, escreve-se ainda assim com *s*, si o-manda a origem (*).

A regra geral etymologica explicará, em alguns casos, variações de escripta, apezar de identidade de sons. Escreveremos *horizonte*, *agonizar*, porque a lettra grega é o ζ; mas *surpresa*, *imprêsa*, porque ahi ha um *s* na matriz franceza ou italiana.

(*) É por isso que as palavras portuguezas, acabadas com o soar *zão*, todas se-devem escrever com *são*, pois geralmente se-derivam do *sione* latino, a saber: effusão, occisão, decisão, conclusão, exclusão, infusão, irrisão, confusão, profusão, diffusão, illusão, collisão, evasão, provisão, incisão, suffusão, divisão, precisão, contusão, circumcisão, persuasão, phaisão. Poucos outros vocabulos ha findos em *zão*, e ainda esses podem, mais ou menos indirectamente, considerar-se gerados do latim, a saber: intrusão, reclusão, corrosão, folgasão. Ha mais tres, derivados do francez: sesão, tosão, brasão. Conheço apenas uma palavra portugueza com a desinencia *zão*, que não tenha legítima origem de *s*, a saber: *rasão*, que vem de *ratione*, e que por conseguinte a regra da analogia manda escrever com *s*, porque tão uniformes arestos, em caso identico, devem prevalecer sobre a regra convencional que, si elles não fôssem, nos-levaria ao uso do *z*.

Sons ha latinos, que se não podem escrever com as lettras do latim, porque o portuguez lhes deu um valor diverso. Por exemplo: de *vicino*, *acido*, *judicio*, *duodecim*, *prœda*, *prœjudicio*, *pigere*, fizemos: *vizinho*, *azedo*, *juizo*, *dôze*, *prêza*, *prejuizo*, *pezar*, *etc.* Com que lettra devemos escrever? ¿ será com o *s*, que entre duas vogaes sóe valer *z*? ou com o proprio *z*? Respondo que com esta última: 1.°, porque nem sempre o *s* entre duas vogaes tem som *z* (*); 2.°, porque, não podendo nós conservar lettra etymologica, e sendo forçados a trocál-a por outra de convenção, é mais rasoavel escolher uma que tenha invariavelmente o som pedido, como o *z*, do que outra que, como o *s*, possa, por sua duplice natureza, confundir-se com valor diverso (*).

(*) Como succede em vocabulos compostos: presentir, resuscitar, resoar, proseguir, polysyllabo, preságio, etc.

(*) Constancio, que (perdôe-me o sabio censor) prestou relevantes serviços á lexicographia, mas só legislou antinomia, confusão e arbitrio em materia de orthographia, decreta 'neste assumpto cousas inadmissiveis. Claudica, na sua regra sexta, que ainda pondo de lado a derivação, se-considere *absurdo* (nada menos) o uso do *z* no meio das palavras. . . . Esqueceu-se de dar a rasão, por uma boa rasão, a saber: que essa regra é que é absurda. Accrescenta que se-escreva com *z*: *razão*, *sazão*, *cinza*, «por virem do castelhano!»

Elle mesmo, na palavra *rasão* do seo vocabulario, diz que vem do latim, e na *sesão* diz que vem do francez; e certamente que são o *ratione* e do *saison*. Quanto a *cinsa*, tambem vem do latim, pois de *cinis*, segundo o nosso systema (alias tambem alatinado) de terminar geralmente em *a* os termos femininos, fizemos *cinisa*, ou *cinsa*, pela usual syncope, acconselhada pelo concurso cacophonico de dous *i*, assim como se-fez de *frigido*, frio—de *digito*, dedo—de *navigio*, navio—de *vig-inti*, *triginta*, vinte, trinta, etc.

Portanto: 1.°, nenhuma das tres palavras deve escrever-se como Constancio manda, com *z*; 2.°, devem ao contrário escrever-se com *z* muitas das em que elle o-prohibe.

Quanto aos sons *s* e *z*, em verbos, refiro-me ao que escrevi no paragrapho II.

Excusado é lembrar que se-devem escrever com *z* as palavras de desinencia em *eza*, *etc.* (*), pois

(*) Ésta desinencia em *eza* (um dos idiotismos prosodicos da nossa lingua) afasta-se, na maioria dos casos da das linguas progenitoras. Diz Constancio algures vir ella do latim *itia*, de *ire*, ir, e que denota *actualidade*, dando como exemplo os vocabulos *certeza*, *firmeza*, *grandeza*, *destreza*. Tudo isto me-parece arriscado.

Fala este lexicographo sempre tão superficialmente em materias orthographicas e frequentemente nas etymologicas, oscillando tanto em suas faltas de systema, que não admira contradizer-se a cada passo. Sob a rúbrica *eza* do seo diccionario, diz que esta desinencia vem de *itia*, e esta de *ire*, *ir*; diz, sob a rúbrica *alteza*, que vem de *sisto!* sob a rúbrica *aspereza*, quer que a desinencia venha do verbo ιζω! sob a rúbrica *natureza*, o *eza* denota existencia ! e si mais mundo houvera, lá chegára !

Porque viu a possibilidade de que *avaritia*, *duritia*, *tristitia*, houvessem dado nascimento a *avareza*, *dureza*, *tristeza* (unicas em nossa lingua com tal analogia), decretou que a nossa desinencia *eza* era o *itia* latino! Podia, com egual fundamento, dizer que era o *ate*, pois ao lado de *cruditate*, *integritate* acharia *crueza*, *inteireza*; ou *issa* (*ducissa*, *duqueza*); ou o *a* (*natura*, *natureza*); ou o *one* (*largitione*, *largueza*); ou o *ensa* (*defensa*, *mensa*, *expensa*; *defesa*, *mesa*, *despesa*, *etc.*)

E em que denotam ACTUALIDADE as palavras indicadas? Equivocou-se o illustre lexicographo. Esta desinencia portugueza vem do verbo grego *ezo*, variante de *izo*, e *izano*, no sentido de residir : é pois um meio de revelar a *qualidade* que reside na palavra. Por exemplo : as palavras—braveza, esperteza, baixeza, fraqueza, belleza, agudeza, crueza, estreiteza, barateza, aspereza, dureza, clareza, molleza, fortaleza, afoiteza, limpeza, fraqueza, magreza, ligeireza, firmeza, fereza, largueza, delicadeza, gentileza, lindeza, lhaneza, pobreza, pureza, frieza, nobreza, subtileza, redondeza, tristeza, rudeza, singeleza, viveza, vileza, tibieza, torpeza, etc.—significam as qualidades, de ser bravo, esperto, baixo, fraco, bello, agudo, cru, estreito, barato, aspero, duro, claro, molle, forte, afoito, limpo, franco, magro, ligeiro, firme, fero, largo, delicado, gentil, lindo, lhano, pobre, puro, frio, nobre, subtil, redondo, triste, rude, singelo, vivo, vil, tibio, torpe, etc. Ésta desinencia muitas vezes ainda supprimiu o *a* final, como em intrepidez, pequenhez, languidez, viuvez, surdez, dobrez, mudez, solidez, pallidez, etc.

tudo isso segue a regra geral, assim como com *s* muitas que o uso termina em *z*, especialmente na desinencia *ês* (*).

§ V.

Finaes em ace, ice, oce, az, iz, oz.

Dizia-se, não ha muito, e com mais propriedade, *felice, fugace, loquace, vorace, audace, matrice, precoce, calice, indice, etc.*; ainda hoje se-escreve, *rapace, appendice, etc.* Não errará certamente quem voltar áquella graphia, que nem afasta muito do som (**); mas si a pronuncia se-considerar diversa, impregue-se o *z*.

(*) Com *s* mês (*mensis*), arnês (*arnese*), *etc.* E será certo que a desinencia *ez* em nossa lingua veiu, pela analogia, da *ensis* romana? e que ésta em *ensis*, *enses*, representava *gentis*, *gentes?* Que caurenses, agathenses, parisienses, attalenses, calubrigenses, olysipponensis, corinthiensis, cyrenensis, falerienses, significando habitantes de Caurio, Agatha, París, Attalia, Calubriga, Lisboa, Corintho, Cyrenaica, Faleria, etc., tambem a desinencia em *ez* é contracção d'esse valor do *ensis?* Sendo assim, devemos escrever português, francês, inglês, escocês, hollandês, genovês, irlandês, etc.

(**) Impressionava-me a seguinte observação:

A' primeira vista, improvisar-se-hia de chofre que as palavras em *az*, *iz*, etc., nasceram do nominativo e não do ablativo, pois, em número de lettras, mais se-approxima paz, capaz, loquaz, voraz, vivaz, efficaz, audaz, fallaz, raiz, cerviz, matriz, verniz, imperatriz, etc.,—de pax, capax, loquax, vorax, vivax, efficax, audax, fallax, radix, cervix, matrix, vernix, imperatrix—que de pace, capace, loquace, vorace, vivace, efficace, audace, fallace, radice, cervice, matrice, vernice, imperatrice, etc. Mas, 1.° embora aqui haja duas lettras e alli uma, o som de *x* e do *ce* toma egual tempo na pronunciação; 2.° a regra geral da derivação dos ablativos, torna mais natural que d'alli viessem estas palavras; 3.° algumas ha, da mesma familia,

§ VI.

Sk, sp, st, em principio de palavra.

Nas palavras que começam por *s*, seguido das articulações *k*, *p*, *t*, etc. como *schola*, *spiritu*, *strella*, dar-se-ha a esse *s* ou o valor sêcco, ou o approximado do *is*, como approuver ao leitor, podendo no primeiro caso formar esse *s* uma syllaba com a seguinte, ou constituir syllaba sobre si. Na poesia principalmente poderá, por exemplo, o verbo *star* contar-se, *ad libitum*, como composto de uma ou duas syllabas. Mas, respeite-se a derivação.

§ VII.

Pronomes e adverbios compostos.

Imitemos os latinos que fundiam 'numa palavra os pronomes e adverbios compostos, como *quicumque*,

que manifestamente vieram do ablativo, como *juiz*, que nasceu não de *judex*, mas de *judice*, d'onde, por analogia, se-conclue que *raiz* veiu de *radice* e não de *radix*; 4.° ha ainda analogia na transformação, que em alguns casos se-deu, com outras linguas, como no francez: *impératrice*, *calice*, *appendice*, etc., que são exactamente o ablativo latino, e ser-nos-hia vergonha que nós nos-afastassemos, onde os francezes se-approximam; 5.° pronunciamos *raiz*, e esse accento predominante no *i* só se-acha no ablativo e não no nominativo; 6.° os antigos escreveram *efficace*, *audace*, etc., no que elles pronunciavam e graphavam melhor que nós; 7.° é para notar que os superlativos de todos esses adjectivos tomam como base a terminação *ce*: capacissimo — loquacissimo — voracissimo — vivacissimo — efficacissimo — audacissimo — fallacissimo —; 8.°, si o uso adulterou para *z* muitas desinencias de origem *c*, como: *diz*, *faz*, *fez*; *dicit*, *facit*, *fecit*, é de crer que 'nestes nomes egual transformação se-desse. E porque ella não é racional, proponho que se-volte 'neste poncto á boa orthographia de nossos antepassados.

quisque, *interea*, *quapropter*, *etc.* (e até incostavam á palavra as conjuncções incliticas: *terraque*, *tune*, *etc.*) e digamos: *cadaum*, *qualquer*, *quemquerque*, *comtudo*, *entretanto*, *todavia*, *aindaque*, *porquanto*, *tambem*, *sinão*, *porque*, *atéqui*, *atégora*, *comquanto*, *etc.*

§ VIII.

Das terminações em ão.

Constituem uma das difficuldades da leitura, porque essa desinencia é algumas vezes breve, e muitas aguda; como em *benção*, *amárão* (no passado); e *coração*, *amarão* (no futuro).

Poderia distinguir-se este soar por meio dos accentos, na penultima ou última; porém, como 'neste caso, se-daria a monstruosidade de collocar sôbre a mesma lettra dous signaes (*til* e *accento*), sigo um alvitre singelissimo:

Todas as vezes que *ão* final é breve, escrevo *am*; quando agudo, *ão*: *bençam*, *amaram*, ; *coração*, *amarão*.

Note-se que este nosso *ão* é mudado, na mór parte dos casos, sinão em todos, de um som assaz diverso: om. *Amárão*, *fizerão*, *virão*, leram-se outr'ora: *amaron*, *fezeron*, *viron*, que era corrupção de *ama-*

verunt, *fecerunt*, *viderunt* (*). Longe, pois, de se-acoimar a graphia *am*, equipollente do valor *ão*, como contrária á indole do idioma, é ésta mui conchegada com elle (**).

Nem se-diga que antigamente se-traçava só de um modo, pois ahi temos mil provas do contrário, especialmente nos *Cancioneiros* de Rezende, e do sr. D. Dinys. Este, no manuscripto da Vaticana, escreve por exemplo: *galardon*, *perdon*, *razon*, *coraçon*, *non*, *sazon*; *certão*, *paixão*, *vão*, *mão*, *chão*, *loução*, etc. Si hoje confundimos éstas terminações 'num soar commum, ha entretanto harmonia com o prisco escrever em adoptar duas formas, ambas rasoaveis, e cada uma das quaes fica tendo sua missão.

Houve quem me-opposesse uma dúvida, apparentemente valiosa. Dizia-me: « Evitas Scylla, mas

(*) Ésta repulsa da terminação *on* ja em latim se-havia dado. Diz Quinctiliano (1. 4) que *dederunt*, *probaverunt*, etc., se-escrevêram antigamente *dederont*, *probaveront*, etc.

(**) Horroriza-se Constancio de que se-figurem por uma vogal e uma consoante dous sons vogaes, denominando isto *erro manifesto!* e de tão manifesto erro, como similhante observação, me-horrorizo eu. Proveiu elle da usual distincção elementar em *vogaes e consoantes*, quando a autopsia linguistica insina a dividir em *sons e articulações*. Ora o chamado diphthongo *ão* muito se-aproxima dos sons nasaes *an*, *en*, *in*, *on*, *un*, que embora, pela pobreza dos signaes elementares, se-escrevam com duas lettras (como acontece com os denominados diphthongos) representam um soar tão unico, que é possisel prolongar a voz, ouvindo-se distinctamente os chamados dous elementos de que se-compõe. Longe, pois, de ser uma anomalia o escrever *am* com vogal e consoante, é uma nova harmonia com os sons nasaes affins da nossa lingua.

« despenhas-te em Charybdis. Para te-forrares a uma
« confusão, suscitas outra, pois não deixarás meio
« de distinguir as desinencias, que soarem *ão* d'aquel-
« las que soarem *am.* » A isto responderei que, na
orthographia rigorosamente etymologica, uma só pa-
lavra não existe, em lingua portugueza, que sôe *am*,
e deva escrever-se com *am* (*): conseguintemente,
não ha possibilidade d'essa confusão, pois onde se
achar o final *am*, fica sabido ser *ão* breve.

(*) Costuma escrever-se *lam*, mas a orthographia é *lan*, pois vem de *lana*. Do mesmo modo: *albarran*, do arabe *albarran; ran*, do latim *rana; marran*, do castelhano *marrana;* estrada-*coimbran*, contracção de *coimbrana; sartan*, do latim *sartagine; avellan*, de *avellana; hortellan*, de *hortullana; maçan*, do arabe *muz*, de que o castelhano fez *manzana;* febre *quartan*, de *quartana* (palavra usada no nosso sentido por Celso e Plinio); *terçan*, de *tertiana* (idem por Cicero): *roman* do arabe *romman*, do egypcio *roman*, formado de *ro*, bocca, *moh*, imcher, e *ini*, similhante; *tolan*, variante de *tolina; barbacan*, do italiano *barbacane*, que o-derivou de *barba* e *canis; gran*, contracção de *grande: ferran*, de *ferulagine; sacristan*, do latim barbaro *sacrista*, de que se-fez *sacristano*, *sacristana; milhan*, a herva que se-chamava *milhãe*, isto é, *milhane*; *manhan*, de *mane*; *irman*, de *germana; van* de *vana; anan*, de *nana; meian* de *mediana; chan* de *plana; comarcan* de *co* e *marca*, e se-diz: terras *comarcans; temporan* de *temporanea; cortesan*, do francez *courtisane* e *courtisan; afan*, de *ahano; can*, de *cana; galan*, contracção de *galante; san* de *sana; christan*, de *christiana.*

Não me-recordo de outra alguma palavra de similhante terminação, salvo nomes de terras e ainda ahi, quanto é possivel perscrutál-o, seguem a mesma lei. Regra é, pois, esta sem excepção. Não ha uma só palavra, acabando em *an*, que em portuguez se-deva orthographar com *am*, e portanto não resta perigo de confusão em applicar a desinencia *am* para o *ão* breve.

Aproveito o insejo para ponderar que, na orthographia rigorosa, irá o uso do *n*, em vez de *m* final, muito mais longe, e que, si, desde ja, assim não escrevo, é para não multiplicar sobrerodas ao meo carro. Todavia é certo que ja todos concordavam em que *am, em, im, om, um*, formavam, no plural, com

§ IX.

Sobre a lettra h.

É o *h* frequente em nossa lingua ; e, conforme os aconselhados principios, não o-devemos supprimir, ainda quando se não ouça. Esta lettra (?), segundo Varrão, Macrobio, Aulo-Gellio, etc., ja entre os antigos foi objecto de violentos debates.

Elles nos-informam que os primeiros romanos, para imprimirem a um vocabulo fôrça e vigor, e tor-

n : *ans*, *ens*, *ins*, *ons*, *uns*. Além d'isso, no proprio singular, deve escrever-se :

— *bambolin*, *arestin* — do CASTELHANO : *bambolina*, *arestin.*
— *francolin*, *borzeguin*, *paschin*, *arlechin*, *jardin*, *espadachin*, *escarpin*, *malandrin*, *cuchin* — do ITALIANO : *francolino*, *borzacchino*, *paschino*, *arlechino*, *giardino*, *spadaccino*, *scarpini*, *malandrino*, *cuscino ;*
— *patin*, *caixetin*, *bocassin*, *berbequin*, *revelin*, *bulletin*, *boquin*, *clarin*, *brin* — do FRANCEZ : *patin*, *cassetin*, *boccassin*, *vilebrequin*, *ravelin*, *bulletin*, *bouquin*, *clairon*, *brin ;*
— *merlin*, *schilling* — do INGLEZ : *marline*, *schilling ;*
— *manequin* — do ALLEMÃO : *männchen ;*
— *jasmin*, *alfenin* — do ARABE : *iasmin*, *alfenna* (*al henna*);
— *rin*, *latin*, *ruin*, *fin* — do LATIM : *ren*, *latino*, *ruina*, *fine*.
— *porco espin* (de espinho) ; *marroquin* (de marroquino); *rossin* (de rosse, de que se-fez rossinante) ; *chatin*, *motin*, *malsin* (de chatinar, motinar, malsinar) etc., etc.

Algumas outras palavras acabam em *in*, mormente diminutivos (como espadin, botin, carrocin, botequin, fortin, muchachin, galopin, etc.) ; mas como nem essas, nem outra alguma tem rasão etymologica para se-inscreverem com *m*, devem, por analogia, seguir a sorte da grande maioria, que, com egual desinencia, tem rasão de escrever-se com *n*.

O mesmo digo das palavras em *on*, tão raras hoje como outr'ora frequentes, e das em *un* ; essas tambem deveriam orthographar-se com *n*, por quanto — *son* vem de *sono* —, *ton*

nar sua pronúncia viva e firme, introduziram o *h*, como vivamente representando uma aspiração. Parecem ter dos athenienses adoptado este uso, sendo certo que muitos termos havia, na lingua attica, taes como ἰχθὺς (peixe), ἱρὸς (sagrado), cuja primeira lettra era aspirada (espirito aspero ou forte denominavam este accento), em contradicção com a práctica do resto da Grecia. Assim disseram os latinos *lachrymæ*, *sepulchro*, *aheno*, *vehemente*, *inchoare*, *halucinari*, *honusto*. É sabido que, no logar onde se-acha o *h*, imprimiam mais nervo e energia (*).

Propendo para pensar que 'nalgumas palavras portuguezas, em que entra o *h* (mormente destinadas

e *semiton* de *tono* —, *don* de *dono* —, *bon* de *bono* —, *jejun* de *jejuno* —, *athun* de *thuno* —, *perun* de *peruano* —, *algun* de *aliquo uno* —, *un* de *uno* —, *nenhun* de *nec uno* —, *commun* de *commune* (**).

Eis-ahi termos que me não desculparia de mal graphar, só pela covardia ante o tal uso (*norma loquendi*, mas não *scribendi*), si não tivesse por imprudente, antes de julgada a questão, multiplicar extranhezas, que aos olhos dos meos juizes se-converteriam em prevenções.

(*) Mal comprehende hoje o nosso ouvido o elogio que os latinos davam ao verso de Virgilio:

Aut foliis undam tepidi despumat *aheni*,

attribuindo suprema elegancia a essa aspiração da penultima syllaba.

(**) Resta uma palavra: *fartum*, que tambem se-escreveria com *n*, si fossemos buscar *midi à quatorze heures*, como Constancio, que a-deriva de *forte unguen*, e que denomina *fortum* o cheiro desagradavel de bode, carneiro, etc., quando o vocabulo é, segundo penso, *fartum*, que vem de egual palavra latina, onde significa o recheio até das mal-cheirosas tripas, forçuras, etc. (*Intestina et fartum eorum: os intestinos e seo conteúdo;* diz Plinio); d'ahi fizeram: *fartor*, o salsicheiro; *fartrix*, a gallinheira, em cujas casas rescendem aromas, primos co-irmãos do que em portuguez denominam *fartum*, palavra que o povo, legitimo dono d'ella, melhor conservou que os lexicographos.

á intimativa de desafôgo de paixões, e a interjeições), existe tal qual aspiração: por exemplo: *oh*! *holá*! *hirra*! *ah*! *ahi*! *hui*! *hum*! Talvez fosse aspirada a palavra *ódio* (que se-escreveu *hodio*), assim como o artigo (á moda grega) que se-traçou *ho* (*).

Mas ainda que isto se não desse, cumpriria respeitar a lei da derivação, com a qual, em muitos casos, o uso do *h* etymologico irmana palavras, que em apparencia se-achavam profundamente distanciadas. ¿Quem diria, si não fosse o *h*, que *homem* e *femia* representam a mesma palavra, só com a differença da respectiva terminação dos dous generos (**)?

(*) Sendo o francez lingua suave, imprega todavia consideravel número de aspirações. Não obstantes as excepções, affigura-se-me que ésta aspiração franceza é destinada tambem a onomatopeias, a dar intimativa a vocabulos de natureza mais alta, ou que exprimam paixão, respeito, sentimento fundo, choque, etc. Por exemplo, aspiram as palavras: *héros*, *haine*, *hideux*, *hache*, *hauteur*, *hardi*, *haïr*, *honte*, *cohorte*, *hâbler*, *hagard*, *hai*, *halte*, *haut*, *hérisser*, *harpie*, *heurter*, *hâtif*, *harasser*, *etc.*, e não aspiram palavras de mais branda e inoffensiva idea, como: *harmonie*, *hésitation*, *huile*, *huître*, *habile*, *habit*, *habitant*, *haleine*, *hégire*, *hétérogène*, *herbe*, *hellenisme*, *hébété*, *hélice*, *héritier*, *hémistiche*, *hebdomadaire*, *etc.*

(**) *Homem*, vem de *homine*; *femia*, de *femina*. A mudança do *h* em *f* é vulgar, como *hilo*, fio; *habitus*, fato. Tambem o-era entre os latinos, que anteriormente disseram *hemina* (*). Eis como de *homine*, *hemina*, se-fez *homine*, *femina*. A mudança para o portuguez foi naturalissima: o *homine*, mudou-se em *homem*, como: em *imagine*, imagem; *farragine*, forragem; *cartilagine*, cartilagem. Quando ao *femia*, é exactamente o *femina*, com a suppressão tão commum do *n*, como: em *persona*, pessoa; *catena*, cadeia; *moneta*, moeda; *luna*, lua; *balena*, baleia; *strena*, estréa; *vena*, veia, etc.; e assim se-vem a reconhecer que naturalissimamente são a mesma palavra *femia* e *homem*!

(*) E talvez a palavra fôsse identica, a princípio, sem diversidade siquer para distincção dos sexos, solecismo então vulgar, e que tambem em portuguez o-foi, pois o sr. D. Dinys escrevia: *minha Senhor*; muitos antigos *o peccador, a peccador*.

Ésta pobre atropellada lettra, alvo de tantos debates, campo de tão velhas batalhas, tem, entre nós, inquieto pendulo, oscillado de extremo a extremo: uns até lhe-negam a existencia, mandando escrever *omem, onra;* outros até a-impregam onde a etymologia a não tolera, escrevendo, *hir*, *cahir*, *hum*, *theor*, *contheudo*, *he*, que na lingua mãe se-traçam: *ire*, *cadere*, *uno*, *tenore*, *contento*, *est*, fazendo assim servir este *h* portuguez, o mais das vezes, de muralha tartara entre duas vogaes para se não diphthongarem (*), e isto inutilmente, pois o accento agudo sôbre a vogal separada e longa basta para evitar esse perigo, como em *caír*, *saír*, o que é muito preferivel, para não forçar éstas familias a receberem em seo seio uma intrusa, perturbadora da harmonia que a sua mãe e irmãs as-ligava.

Proponho portanto que a lettra H se-desterre, quando não dever a sua conservação ás prescripções etymologicas.

§ X.

Sobre as lettras b, v.

Costuma-se lançar em rosto aos habitantes de alguns ponctos das provincias do norte de Portugal,

(*) Para evitar estes hiatos, alguma cousa similhante fizeram os francezes, sendo por esse motivo que escrevem *Wahal* o rio *Waal*, em quanto outras vezes pronunciam o *h* sem o-escreverem, como em *alcool*.

especialmente interamnense, transmontana, e beirense confinante, a confusão d'essas duas consoantes. É sem dúvida defeito, que importaria corrigir, mas que até como defeito mergulha raizes no proprio Lacio. Os gregos não tinham *V* consoante, mas, depois que extenderam commércio com os latinos, lh'a-tomaram, e de tal sorte a-confundiram com o *B* que essa confusão veiu a inficionar muitos termos latinos (*). D'aqui nasceu que o insino do latim ja trouxe originariamente aos nossos antepassados aquella confusão, que em muito maior escala perturba a lingua castelhana.

Mas, pois que é tambem minha ambição conquistar, pela orthographia, melhor pronúncia, e mais correcta, ousaria recommendar que se-rectificassem 'neste

(*) *Prædominantibus in Italia Græcis*, V *migravit in* B. *Cum vocem de Latinis Græcam facere vellent, si ab* V *consona cæpisset*, *per* B *sonum reddebant. Sic* LIVIUS, VIRGILIUS, *ipsis est* LIBIOS, BIRGILIOS, etc. Hinc V *in* B *veteres etiam Latini mutarunt, siquidem dixere* ALBEOLUS, BILE, PROBINCIA, VNIBERSA, *pro* ALVEOLUS, VILE, PROVINCIA, etc. (Vide: *Sigismund. a S. Silverio, in Observation. Orthogr. Græc. et Latin. Ling. Part.* 1 *cap.* 8. *cap.* 13, *et cap.* 15).

Les grecs changeaient aussi souvent ces deux lettres l'une pour l'autre: V *consonne on le trouve souvent dans les inscriptions latines, et grecques pour le* B, *et de même le* B *pour le* V *consonne. Dans les anciens jurisconsultes le* B *est souvent changé en* V, *ou cette dernière lettre en* B. (*Diction. de Moreri*).

Até mesmo, na composição das palavras, parece que esse *V* tinha, de per si, outra significação. Macrobio (*Sat.* XV), affirma que *vidua* quer dizer *valde idua* (fortemente separada) ou *a viro divisa* (separada do marido), etc.

Calepino (lettra B) repete que, innumeraveis vezes, nos antigos monumentos, e sem precisão, punham *b* em logar de *v*, como *ababus* por *abavus*, *bixit* por *vixit*, e seiscentos outros casos.

sentido muitas palavras que no uso commum andam desvairadas (*).

(*) Eis-aqui como eu desejaria que se-emendassem varios, entre outros muitos identicos vocabulos. Porei na primeira columna a palavra como é escripta por muitos ou por alguns; na segunda a emendada:

Bainha	Vaínha	Abestruz	Avestruz
Arvore	Arbore	Absorver	Absorber
Abano	Avano	Cobarde	Covarde
Azeviche	Azzabixe	Azevre	Azebre
Bagem	Vagem	Belliscar	Velliscar
Bespa	Vespa	Bôdas	Vôdas
Bolatim	Volatim	Erva	Herba
Caboqueiro	Cavoqueiro	Fevre	Febre
Lavareda	Labareda	Nuvem	Nubem
Revelia	Rebelia	Taverna	Taberna
Turvação	Turbação	Dever	Deber
Fava	Faba	Governar	Gubernar
Haver	Haber	Alcova	Alcobba
Bexiga	Vexiga	Gingivre	Zingibre
Barrer	Varrer	Trave	Trabe
Verruma	Berruma		

As palavras em latim acabadas em *ile* (*amabile, terribile, etc.*) eram quasi as mesmas em portuguez, que apenas, segundo o costume, lhes-supprimia o *e* mudo (*amabil, terribil, etc.*) Hoje esse uso tem-se ido antiquando, e sem apparencia de rasão, visto ser o *vel* não só mais anti-etymologico, como menos harmonioso. Ganhariamos certamente em que os escriptores, e por elles o povo, voltassem ao, denominado obsoleto, uso, tanto mais quanto ainda existem numerosas palavras que se não corromperam (*), e portanto, si se-quizesse pôr termo a ésta anomalia, mais natural fôra recollocar os outros vocabulos na sua terminação natural em *il*, do que admittir uma infundada transformação em *vel*.

Por ésta occasião terei a coragem de accrescentar que o povileo de muitos logares não contaminados pelo attrito de extrangeiros, e onde por isso a tradição conserva a lingua mais inalterada, usa termos de que é moda zombar, sendo aliás muito preferiveis aos geralmente recebidos. Por exemplo :

A plebe transmontana conserva a ultima syllaba *on* do antiquissimo portuguez, proveniente do *one* e do *une* latino.

(*) Taes como : agil, ignobil, facil, vil, gentil, servil, juvenil, pueril, civil, feminil, infantil, subtil, febril, etc.

§ XI.

Da condicional SI.

O uso mais geral manda escrever SE ésta conjuncção hypothetica, sem imbargo de bons esforços de competentes. (*)

A beirense diz: *non*, *som*, mais proximos do *non*, *sum*, do que *não*, *sou*. Acaba os verbos em *are*, *êre*, *ire*, mais correctamente que *ar*, *êr*, *ir*.

A extremadurense (onde circulam as mais indesçulpaveis incorrecções, apezar de, ou talvez por, pertencer a essa provincia a grande cidade de Lisboa) tambem commette chamados erros, dos quaes se-póde dizer: *felix culpa!* como por exemplo, a palavra *mensa*, *etc.*

Estes estudos poderiam ir longe, e convenientemente, uma vez que se-concordasse em generalizar os vocabulos (qualquer que a sua origem fôsse), quando em algum poncto se-pronunciassem ja com mais pureza.

(*) Eis o que escrevia o sabio philologo Timotheo Verdier no seo prólogo da segunda edição do *Hyssope* (París, 1817):

«Acêrca da conjuncção *condicional* latina SI, que hoje vertemos em SE, observará o leitor, que em muitos logares d'este poema, ella se-acha impressa SI. Seguimos este modo de a-escrever, não só por ser mais etymologico e adoptado em outras linguas que, como a nossa, derivam da latina, mas tambem porque, em manuscriptos e livros antigos portuguezes, temos incontrado ésta *condicional*, escripta SI, e não SE. Ainda mais, como esta conjuncção SI sempre precede e começa todo o inciso que a-pede, é indubitavel que nunca se-póde equivocar com o pronome SÎ, que sempre tem de ser precedido e acompanhado de alguma preposição: a *sî*, de *sî*, por *sî*, apos *sî*, etc.

« Observará outro-sim o leitor que o pronome SI, quando regido por verbo, muda-se em SE, e que 'neste caso muitas vezes precede o verbo; e, essencialmente, si o inciso é condicional: ora, incontrando-se com a conjuncção SI, si ésta se-escrevêr e pronunciar SE, e si o verbo que se-segue, começa pelas syllabas SE, ou CE; o triplice successivo som de SE será sem duvida sobejamente desagradavel, por exemplo: *se se-separa*, *se se-segura*, *se se-segue*, *se se-celebra*, *se se-semeia*, *se se-ceifa*, *se se-cega*, *se se-ceia*, *etc.*

O argumento dos que assim practicam consiste em que tal conjuncção mudou totalmente o seo valor phonico em portuguez, pronunciando-se constantemente *se* e não *si*. (*)

Fôsse isto exacto, e eu não me-atrevêra a escrever *si*, depois de haver assentado a regra, de pág. 95, recommendando a phonographia, sempre que a pronúncia houver por tal fórma alterado o valor da palavra, que o som se não possa alcançar com as lettras da lingua matriz.

«Observe finalmente o leitor, que, si a euphonia das linguas modernas pede muitas vezes alguma alteração, na prolação de palavras que nas linguas de que são derivadas se-pronunciam bem diversamente; em a nossa, como a mais chegada de todas á latina, a mesma euphonia pede tambem em alguns casos, e mormente 'neste, que nos-não desvairemos da etymologia e da orthographia, e que evitemos tão ingratas cacophonias, como a que fica aponctada. As linguas hispanhola e franceza, hoje mais distantes que a nossa da fonte latina, de que ellas manam, conservaram a orthographia e a pronúncia da condicional SI; os nossos maiores assim a-pronunciaram e escreveram; escrevamol-a pois, e pronunciemol-a como elles. Declarâmos que sempre escreveremos d'esta maneira, e que nos peza de algumas, e não poucas, *condicionaes*, que ainda se-acham 'nesta edição, impressas em SE, por haverem escapado á nossa correcção.

(*) Escrevia-me Castilho Antonio: « O *si* que impregas constantemente, em logar da condicional *se*, será tão latino quanto quizeres, mas o que não é, nem provavelmente será nunca (*porque rasão?*), é portuguez.

«Cicero diz, 'numa das *Familiares*: *Nunquam labere si te audies; nunca escorregarás se te-escutares*. Suppõe que, por alguma esquipação, o cálamo, a descuido seo, traçava:

Nunquam labere SE *te audies!*

que risadas não dariam o Hortensio, o Attico, o Cesar, e sobre tudo os *marraristas* do seo tempo! Pois é a mesma sensação que produz o: *Nunca escorregarás* SI *te escutares*. Arranha o tympano. »

Mas aquella asserção não é fundada. A condicional não soa permanentemente uniforme; o seo som *depende da lettra que se-lhe-segue.* O uso a -approxima do *se*, quando adeante vem articulação; mas de *si*, vindo vogal. (*)

Eis-nos, pois, com relação a ésta palavra, na situação em que estamos com outras muitas; temos questão orthoepica. É certamente defeito que *uma só palavra*, maxime de tão frequente uso, tenha *dous sons diversos*; e si entre os melhoramentos aconselhados figura o da correcção da linguagem, é óbvio que, existindo hoje dous sons, não devendo a mesma palavra graphar-se de dous modos, tendo conseguintemente um de sacrificar-se ao outro, deve prevalecer o soar e escrever que tem rasão philosophica, sôbre o que nenhuma rasão acoberta.

Ora, a nossa condicional descende do latim, onde se-escreve *si* (e não casual, mas intencionalmente, por se-derivar do conjunctivo *sit*); para escrever *si*, temos pois a nossa regra etymologica; mas para escrever *se*, qual teremos?

¿Será o dizer-se que nunca o *i* após consoante tem o som *e* em portuguez? e que conseguintemente *si* nunca poderá ser lido *se*? Responderei, convertendo o argumento, que tambem nunca o *e*, formando

(*) O ouvido dá-nos: *se poder*, *se fizer*, *se mandar*, *se colhêr*; *si a gloria*, *si eu*, *si hoje*, *si um*, *si antes*, *si arrastar*, *si unir*, etc.

palavra com anterior consoante, tem o som *i*, e conseguintemente *se* não poderia valer *si*. (*)

Devemos primar em que a nossa feliz lingua seja a mais similhante á sua illustre mãe; 'neste caso, sería o portuguez que se-afastasse do latim, quando todas suas irmans se-conservaram fieis á origem. Escreve-se *si* em hispanhol, francez e italiano; só nós estropiariamos o vocabulo: não é preciso que seja; não póde ser (**).

(*) Accresce outra circumstância ponderosa. Ha sem dúvida em portuguez outro *si* (variação do *sibi*, pronome da 3.ª pessoa); mas não só é de raro uso, como nunca pode confundir-se com a conjuncção, visto precederem-n-o sempre as preposições *a*, *de*, *por*, *para*, *em*, nenhuma das quaes antecede a condicional. Escrevendo porém *se*, homographariamos, confundindo-os, dous vocabulos (de uso communissimo, por ser tão frequente a conjuncção como o pronome designativo da pessoa objecto da acção, e o instrumento com que os verbos activos se-passivam). Portanto o orthographico *si* nunca suscitará dúvidas nem hesitações; o selvagem *se* a cada passo.

(**) Bom será que esta reforma orthographica arraste a orthoepica. Si assim succeder aqui (como com tão innumeraveis casos tem acontecido em nossa lingua), teremos practicado o mesmo que os francezes exactamente. Quando essa lingua se-foi aperfeiçoando, no escrever e no falar, *passou por ésta mesma modificação*. Os francezes tiveram tambem, além de um *si*, um verdadeiro *se*, por quanto em remotas eras usavam assaz geralmente a elisão ante as palavras começadas por vogal, lendo-se nos antigos auctores: — *s'elle*, *s'on*, *s'amour*, *s'en*, *s'estiez*, *s'aucun* — por: *si elle*, *si on*, *si amour*, *si en*, *si estiez*, *si aucun*. Hoje aquelle *se* desappareceu, uniformando-se o som *si*; a elisão foi para todos os casos abolida, qualquer que seja a vogal seguinte, restando apenas uma insignificante excepção (essa mesma começando por *i*, pois ésta conjuncção, em francez, só troca o *i*, pela apóstrophe, ante o pronome *il*, *ils*).

Sería vergonha que, 'num melhoramento linguistico, de approximação ao latim, ficassemos á retaguarda da França.

ARTIGO XII.

Dos accentos, ponctuação e outros signaes.

§ I.

Dos accentos, prosodia e orthoepia.

Comquanto a nossa regra fundamental seja a etymologia, desejavel fôra que o systema de escrever se-levasse á possivel perfeição, a qual se-alcançará talvez com poucos signaes de convenção, que tornem improvavel ao proprio extrangeiro, desconhecedor dos vocabulos, o equivocar-se sôbre o som das vogaes.

Não ha negar que o primeiro fim das lettras é figurar aos olhos o que ja era claro ao ouvido; fixar a palavra; daguerreotypar o som (*). Bom

(*) Confesso que, si estamos atrazados nas questões orthographicas, muito mais nas orthoepicas; aquellas têm ainda chamado a attenção de muitos competentes, não éstas; como si o *bem falar* tivesse menor valia que o *bem escrever!* Ora, sendo certo que na pronúncia grassa anarchia maior que na escripta, é para desejar que os amantes d'esta formosa lingua estudem tão grave poncto, para assentarem em principios solidos, com que se-uniformize, quanto possivel, o idioma, a despeito das ruins prácticas de campanario, ou de um uso, certamente susceptivel de melhora.

Assim como desejo que a orthographia da lingua seja só uma, assim quizera esforços para que uma fôsse a pronúncia d'ella, em todo o universo. Affigura-se-me que a opposição ao alvitre não sería grande, desde que buscassemos estabelecer as regras da recta pronúncia, não em aristocracias de localidade, mas em principios philosophicos; gostosos obedecemos á lei, que paternalmente em seo preâmbulo convenceu a nossa rasão. Repelliria eu, portanto, em tal materia, toda a phonica imposição, que apresentasse

sería, quanto possivel, que, si a palavra é a moeda, as lettras fôssem o trôco d'essa moeda. Fio que poucas

como título unico o proferir-se a palavra de tal modo em tal terra, sempre que similhante soar contradissesse as regras.

Ha, portanto, um estudo nôvo para tentar, em lingua portugueza, cheio de espinhos, mas tambem de delicadezas — o da orthoepia. Cumpre que se-estabeleçam preceitos rasoaveis, que modifiquem a pronúncia de innumeraveis vocabulos, abstendo-se o amor proprio de cada logar de combater o sacrificio imposto pela rasão. Fixem-se preceitos para o valor das vogaes isoladas ou unidas entre si e com as consoantes. Feito isto, decrete-se o salutar princípio das analogias, para que o actual arbitrio não venha stultamente impor, a cada passo, valores diversos a cousas identicas. Formosissimo progresso sería o retrocesso, quando dos disparates do uso voltassemos ás leis da rasão; quando em vez da anomalia, dictasse leis a analogia.

Scei que a revolução sería ousada, mas talvez vingasse. O *valeroso*, *frol*, *craro*, *contrairo*, ja hoje, por consenso universal, se-melhoraram para *valoroso*, *flor*, *claro*, *contrário*, *etc.* Ahi se-alcançaram conquistas rasoaveis no escrever e no pronunciar. Onde a impossibilidade de extender o ambito d'esses melhoramentos? Tente-o quem se-sentir com fôrça—os nossos sabios são, de juro e herdade, legisladores da nossa locução.

E quem assim houver resolvido este apparentemente secundario problema, grão serviço haverá prestado á arte da palavra, pois então se-poderão com mais firmeza e permanencia promulgar as tão importantes, como pouco estudadas leis do número oratorio, d'essa modulação, resultante, não só do valor syllabico, mas tambem da qualidade e do arranjo das palavras:—relação de longas e breves não fortuita, mas (na rapidez ou morosidade) subjeita ao ouvido—imprêgo das palavras, em sua qualidade de sons, brilhantes, surdos, lentos, precipitados, asperos, suaves — temperamento d'esses sons uns por outros (interessante segrêdo da prosodia), pois nem os-ha tão rudes que se não possam adoçar, nem tão fracos que se não possam robustecer—disposição dos vocabulos para harmonia, clareza ou energia, transpondo-os, e até membros de phrase, ou invertendo-os; por tal arte combinando e ordenando um tecido de syllabas, que resista á imputação de duro ou laxo, curto ou longo, pesado ou saltitante.

Não ha por certo eloquencia sem ideas, mas tambem a não ha sem periodos *numerosos:* são até estes que mais frequentemente attrahem applausos, inthusiasmo. A similhante complemento da arte do dizer só pode aspirar-se depois de firmada a orthoepia da lingua.

regras nos-ajudarão a approximar-nos d'esse *desiderandum* (*).

A perfeição do alphabeto consistiria em que as lettras fôssem constantemente unisonas com todas as graduações da pronúncia ; isto é, tantas lettras, quantos sons. Infelizmente isto não se-dá, como atraz ponderei, nem já hoje sería possivel reforma tal ; ao contrário, temos que, emquanto a mesma lettra se-impréga excusadamente em usos que a outra lettra competem, ha uma multidão de sons que não têm signal apropriado. Larga é a distância do *verba visibilia* ao *signa audibilia*. Persuado-me, porém, que poderemos, sem revolução, aproveitar o nosso alphabeto, com sons invariaveis para cada caso, desde que consentirmos em dispor dos accentos ja recebidos, sempre que haja accôrdo no soar do vocabulo (**).

(*) Não apresento as ideas d'este artigo com egual firmeza, e só como alvitre para discussão, totalmente independente do restante systema orthographico.—Nem se-me-impute contradicção em prestar aqui consideração ao soar das palavras : 1.°, porque accentos não são lettras, e nunca, em lingua alguma, se-buscou estabelecer regularmente uma *relação etymologica* entre os accentos das matrizes e derivadas ; ora no systema orthographico só me-referi ás lettras; 2.°, porque, si não tolerei que os vocabulos se-escrevessem somente como soam , reconheci todavia que, nos casos em que o pronunciar geral de uma palavra tornasse impossivel graphál-a segundo a etymologia , por termos radicalmente alterado esse som (como *eu entro* em logar de *intro*), cumpria que ahi prevalecesse o escrever phonico sobre o etymologico ; 3.°, porque, referindo-se as lettras á derivação, e os accentos á pronunciação, não me-contradigo, sendo severo para a filiação das lettras, e tolerando que os accentos (tanto quanto possivel, e não obstantes as diversidades locaes) preemcham a sua missão, exclusivamente phonica. Quem attender a ésta fundamental differença, retractará a censura de contradicção.

(**) Os nossos antigos, sentindo ésta necessidade, e não usando

Estabeleçamos o seguinte:

1.º O som natural de cada vogal não accentuada é sempre o mais brando: *a* em *rosa*, *e* em *parte*, *o* em *raro*, são os valores naturaes d'essas tres lettras.

2.º Na lettra *a*, tanto se-approxima esse som natural do circumflexo (ou com elle se-confunde), que póde dispensar-se tal accento, excepto nos vocabulos esdruxulos. O *a* agudo revela-se pelo accento agudo.

3.º A lettra *e* tem quatro sons: *e* mudo, como em *parte*; *ê* como em *cêra*; *é* como em *féra*; *i* como em *estima*. O primeiro escreve-se com *e* simples; o segundo com circumflexo; o terceiro com agudo; o quarto (que é de raro uso) proponho que se-accentue grave, caso unico em lingua portugueza, ou, si se -preferir, pelo signal de diérese, *èstima* ou *ëstima*.

4.º A lettra *o* soando *u*, como em *canto*, não tem accento; soando *ou*, como em *gôtta*, com circumflexo; *ó*, como em *Jerichó*, com agudo.

Assim concordes nos valores elementares, vejamos ora de que modo deveremos proceder, quando esses

accentos, procuraram remediál-a por meios inadmissiveis, mas que por muito tempo vogaram. Por exemplo: dobravam as vogaes para designarem syllaba longa, multiplicando elementos, attacando a etymologia. Assim, escreviam *saa*, *fee*, *tuu*, *see*.

Note-se, porém, que esses erros dos nossos velhos eram ainda sabios erros: repetiram o que ja se-tinha dado no latim, onde por longo tempo se-dobraram vogaes para representar syllabas longas (Quinct. Inst. I. 7: « *Usque ad Accium et ultra, porrectas syllabas geminis vocalibus scripserunt*). »

elementos constituirem palavra. É mister investigarmos, 'neste poncto, a indole da lingua.

Quasi todas as palavras têm um accento predominante, uma vogal ou som aberto, em que parecemos insistir (raras palavras, e essas talvez só por serem compostas, offerecem mais de uma pausa; rarissimos monosyllabos nenhuma). O logar, onde esse accento recai, produz as palavras esdruxulas, graves ou agudas. Comquanto as *syllabas* portuguezas não correspondam á divisão natural dos latinos, em *quantidades*, para o verso, nem haja relação entre os onze pés do distícho latino, e o número de syllabas do verso nacional, é, todavia, certo que a mesma classificação do que no portuguez, se-póde dar aos vocabulos do latim, que egualmente os-conta agudos, graves, e esdruxulos, no que nós nos-afastâmos do idiotismo francez, o qual não segue a prosodia latina. Geralmento o nosso idiotismo é que os nomes derivados do latim, no qual são compostos, e os gregos ou hebraicos por origem, não fazendo accento dominante nas derradeiras syllabas, sigam a prosodia dos latinos (*).

(*) Por via de regra, o portuguez colloca o accento no mesmo logar que o latim; as systoles e diastoles, abbreviando syllabas largas, e alargando breves a bel-prazer, têm numerosos exemplos no latim, numerosissimos no italiano, quasi nenhum no francez, inglez e allemão, raros no portuguez. Não comprehendo bem como os romanos podessem pronunciar palavras, em que todas as syllabas são breves, como as palavras que serviam no pirrichio *pŭĕr*, no tribaco *lĕgĕrĕ*, no proceleumatico *hŏmĭnĭbŭs*; porém regulemo'-nos pelo modo como se-qualifica o valor das respectivas vogaes, e acharemos que a nossa prosodia é a latina. Raras vezes fugimos d'ella como em *adamantino*, que os latinos contavam *adamantīno*; e assim tam-

Existe enorme desproporção entre as desinencias portuguezas: disse que só em palavras compostas ha mais do que um accento; tres quartos dos vocabulos são graves, apenas um quarto, quando muito, agudos e esdruxulos (*). Sendo, pois, indole da lingua collo-

bem contavam *adjūdĭco*, *rūbrĭcă*, *etc.* (sendo todavia para notar que os proprios latinos seguiam 'nisto extranhas regras, pois, por exemplo as palavras em *inus*, derivadas do latim, como *equinus*, de *equo*, tinham larga a penultima; e sendo do grego, breve, como *adamantinus*, de *adamas*).

Por ésta occasião confessarei que as lettras dobradas tinham no latim, ao que parece, muito maior rasão de ser, por isso que os romanos as-pronunciavam ambas (e d'isto alguma cousa resta nos italianos), em quanto nós só ouvimos uma. É de crer que elles assim procedessem, attenta a sua regra de que a vogal antecedente ficasse sempre longa, por fôrça da sua posição; mas frequentemente hei repetido que as lettras representam, não só valores phonicos, como tambem certificados de origem.

(*) Não ha dúvida de que este pendor da lingua para accentuar a penultima, tem modificado a prosodia de varios vocabulos; todavia alguns philologos hão reagido; por exemplo, José Bonifacio lia *Acadêmia*, e não *Academia* (apezar de que si o *i*, era breve em latim, tinha accento agudo no grego); Castilho Antonio lê *órgia* e não *orgia*, *daguerreótypo* e não *daguerreotypo*; deve ler-se *hippódromo* e não *hippodrómo* etc.; mas tal systema nos-levaria longe, si houvessemos de lhe-ser sempre fieis, obrigando-nos a pronunciar *réprimo*, *Jóaquim*, *Thómas*, *lethárgia*, *irónia*, etc. Não póde ser.

Como, porém, estamos aconselhando a emenda de muitos erros vulgares, direi que esse trabalho de consciencia sería longo, pois varios hão invadido até as supremas camadas sociaes. Um exemplo entre mil:

A guerra da Crimea absorveu a attenção offegante do mundo inteiro; as suas peripecias eram lidas geralmente nas fôlhas francezas, ou traduzidas dos jornaes francezes para os nossos. Acharam lá uma cidade, que 'nessa lingua extrangeira se-chama *Sebastopol*, e introduziram logo sem correctivo entre nós o abstruso vocabulo, com manifesto êrro. O nome vem de *sebastos*, (imperial, augusta) e *polis* (cidade). Não ha um só caso, em nossa lingua, que adopte

car o accento dominante na penultima, fica intendido que não é mister accentuar essa, quando for longa, isto é, quando seguir a lei.

Pelo que toca ás palavras esdruxulas, ponha-se sempre o respectivo accento na antepenultima.

Das palavras agudas, accentue-se a última syllaba, excepto 'naquellas, cuja desinencia tiver ja o character agudo (*).

§ II.

Da ponctuação.

Quanto á ponctuação, e disposição das linhas, considero-lhes dous intuitos: — contribuir (não exclusiva mas efficazmente) para apresentar aos olhos a dis—

o famoso *pol* em similhantes combinações. Deve ler-se *Sebastopoli* ou *Sebastopolis*, como se-diz: Petropolis, Theresopolis, metropoli, Nicopoli, Heracleopoli, Hermopoli, Pompeiopoli, Poneropoli, Andrinopoli, Agathopoli, Cynopoli, Alexandropoli, Areopoli, Athenopoli, Chrysopolis, Claudiopoli, Dionysiopoli, Parthenopoli, Heliopoli.

Como este, andam na lingua muitos outros termos intrusos, mas que será facillimo aportuguezar.

(*) Por exemplo são geralmente longas as palavras acabadas em *i*, *eu*, *ou*, *ão*, *l*, (menos os adjectivos em *el*, *il*), *r*, *im*, *om*, *um*, *an*, diphthongos, *z*, etc. Ésta regra é singela para fixar. Tambem sóem ser agudas as palavras em *r*; porém quanto ás que acabam em *er*, *or*, tendo éstas 2 sons, deixaremos sem accento o *êr*, *ór*, por ser o mais commum (como *poder*, *cor*, — e não *podêr*, *côr;* e accentuaremos agudo os termos *podér*, *cór*).

tincção das orações, ou de seos membros — tornar mais claro o sentido, mais facil e elegante a leitura, graduando os signaes segundo a adhesão das ideas.

Portanto considero a vírgula practicamente sob o aspecto grammatical, para divisão de orações; e sob aspecto logico, para separação de termos de egual natureza ligados, ou mesmo para segredos de pausas, que mais se-podem apreciar que regular-se. Penso que, em regra, nem se-deve multiplicar tanta virgulação que interrompa a unidade do discurso, nem tão pouca tambem que deixem de distinguir-se os seos sentidos parciaes (*).

Imprégo o poncto e vírgula, quando ja a oração formou um corpo de extensão assaz consideravel; ou particularmente quando o sentido da phrase seguinte nem é tão ligado que baste vírgula, nem tão diverso que tolere poncto final.

Só devem servir os dous ponctos para preceder: exemplo, sentença, citação, phrase esclarecedora, corollario ou resumo.

Poncto final, quando a phrase, com todo o pensamento 'nella involvido, se-concluiu.

(*) O poncto de admiração applica-se não só ao chamamento e invocação, mas a tão multiplices transportes da alma, que util fôra adoptar novos signaes, pelos quaes se-distribuissem as várias significações d'este.

§ III.

Do paragrapho, interrogação, admiração, apóstrophe, travessão e dierese.

Sirvo-me do paragrapho, quando passo a materia nova, e recommendo duplo ou triplo espacejamento, quando falta transição facil e natural, passando-se mais violentamente a assumpto diverso.

Si a phrase é interrogativa, ponho o respectivo signal no fim, sendo ella mui curta ; porém, sendo longa, é preferivel collocar o respectivo signal tambem ás avessas, no logar onde o leitor deve começar a inflexão da voz (*).

Imprégo a apóstrophe posterior, quando depois de uma consoante se-ellidiu vogal, como : *d'ahi*, *amâmo'-nos*, *retribuir-lh'a*, *dar-m'os*, etc. Alguns (e eu assim practiquei 'nesta memoria) usam á apóstrophe antes da lettra em *'nelle* e *'nella*, para representar a apherese do *i*. Concordo, em virtude do motivo porque escrevo : *d'elle* ; mas considero supprimivel a apóstro-

(*) Tanto no verso como na prosa, quem bem declamar ou ler impregará tons, inflexões, uma calculada escala de voz, e varios alvitres da música, taes como as *ligações*, as *pausas*, os *crescendo*, os *fortissimo*, os *diminuendo*, e até mesmo o *trémulo*, quasi o *pizzicato*. Comquanto só no discernimento de quem declama, e não em pautas musicaes se-aponctem essas notas e signaes, cumpre descobrir as relações sympathicas ou antipathicas, as correspondencias entre a idea e a voz. A ponctuação é um elemento, aliás imperfeitissimo, d'essa co-relação ; muitas vezes concorre para expressão do córte mais ou menos amplo da idea pintada.

phe em ambos os casos, por considerar que essa combinação da preposição *in* ou *de* com aquella terceira pessoa forma uma só palavra composta, como succede na mesma e em outras preposições com o artigo, em: *no*, *na*, *do*, *da*, *ao*, etc., o que tudo se–toma por uma só palavra, e tanto que até uma temos (*á*) que dentro de uma só lettra fundiu a preposição e o artigo ou pronome.

Travessão, em comêço de fala ou quando, entre dous signaes d'esses, se–quer dar á phrase figurada mais relêvo de que entre vírgulas ou parentheses.

Nunca imprégo diérese, cujo uso, em portuguez, é perfeitamente substituido pelo accento agudo.

ARTIGO XIII.

Das maiusculas ou cabídolas.

Considero ridicula a idea de que o grau de veneração se–meça pelo tammanho das lettras. Sendo assim, deveriamos ter dous estalões: um para ir successivamente agigantando as iniciaes até a palavra *Deus*, outro para as-ir microscopizando, até a palavra *Satanaz*; deveriamos medir o termo *honra* por uma craveira, o *infamia* pela opposta; classificar vocabulos patricios e plebeos; e em novas Vienna e Aix–la–Cha-

pelle orthographicas estabelecer entre éstas altas partes contractantes uma lei de precedencias !

Não deve ser. O tammanho do *J* em *Jose* proletario é egual ao da mesma lettra em *Jose* rei ; o do *S* em Satanaz egual ao do *D* em Deus. . . que nos-livre de similhante doctrina de aristocracias e democracias de lettras, as quaes são todas teclas do mesmo instrumento, e nenhuma d'ellas tem importancia por si, mas só ligadas com outras constituem harmonia.

Repugna-me, portanto, o uso das *cabidolas de respeito !* Só as-desejo impregar quando tiverem uma utilidade, a saber : no princípio da escripta, paragrapho, citação ou verso, nomes de pessoas, terras ou titulos de obras litterarias ou artisticas.

Multiplicar ainda taes maiusculas é inutilizál-as, porque, destinando-se a dadas distincções, não significarão cousa alguma, si significarem de mais. Todavia, como elemento de effeito visual, chamamento de attenção, poderá, discretamente impregada, usar-se a maiuscula para começar palavra que resuma algum pensamento importante da dicção. Estes segredos artisticos são exteriores e superiores a todas as regras.

ARTIGO XIV.

Do hyphen.

O nome dado a este signal indíca seo uso e sua utilidade : ὑφέν, ou o imperativo ὑφιην, do verbo ὑφιημι,

subordinar. Liga-se a verbos pronominaes, tanto reflexivos como reciprocos.

Todas as vezes que, em qualidade de paciente pronominal, ao lado do verbo se-incontrar *o*, *os*, *a*, *as*, *lhe*, *lhes*, *nos*, *vos*, *se*, *te*, *me*, prender-se-ha, por uma risca de união, esse paciente ao verbo, com quem temporariamente constitue um só corpo. Hyphen, tirado dos gregos, chamaram tambem os latinos á reunião occasional de duas palavras em uma. Eis o pensamento, eis a utilidade do hyphen. Esse signal singelo imita o cordão umbilical que prende um pronome ao verbo, isto é, á acção a que se-refere. A palavra *amo*, de per si, não daria sentido, por falta de objecto; porém *amo-te* completa a idea, porque indíca o sentimento, e quem o-nutre, e quem d'elle é objecto. Ha, portanto, vantagem de clareza em patentear instantaneamente aos olhos que aquelle substantivo é o pronominal paciente d'aquelle verbo. Tambem fica óbvio, que, si ha fundamento para ligar com hyphen o verbo ao paciente pronominal posposto, egual consideração milita para a união com o anteposto.

Como adeante falarei novamente d'este assumpto, no artigo III da *Memoria Complementar*, em resposta ao *Parecer*, aqui me-limito a ésta curta exposição da regra.

Tambem no seguinte artigo tracto do hyphen, considerado como signal de partição de palavra, em fim de regra.

Não ha inconveniente em que o hyphen ligue palavras compostas, mas ainda não totalmente fundidas, como: *lingua-mãe*, *sem-sabor*, *gentil-homem*, *sem-rasão*, *sobre-posse*, *arco-iris*, *bem-aventurado*, *passa-tempo*, *guarda-portão*, *el-rei* etc.

Ha casos em que a euphonia manda trocar o *r* do infinito do verbo anteposto ao paciente pronominal em *l*, e em outros casos o *s*, *z*, etc. Em vez de *tu amas-o*, *amar-o*, *distinguir-o*, *nós defendemos-o*, *vós posestes-o*, *diz-o*, etc. escrevemos: *tu amâl-o*, *amál-o*, *distinguil-o*, *defendemol-o*, *posestel-o*, *dil-o*, etc. A lettra assim mudada deve conservar-se no logar da que substitue, por antithese; e conseguintemente cumpre escrever *amal-o*, e não *ama-lo*. Por identico motivo escrevo: *dir-vol-o-hei*, etc. (*).

(*) « Os nosos orthographos — diz J. Soares Barbosa — costumam na escriptura junctar o *l* euphonico (em *amal-o*, *querel-a*, *fal-o*, *dil-a*, *pol-a*, etc.) ao pronome; mas está claro que, como elle substitue o logar do *r* ou *s* final da primeira palavra, 'nesse mesmo se-deve pôr. »

Sinto, portanto, não podêr compartir a opinião do sabio sr. Rivara, que, nos seos magistraes additamentos ás *Reflexões sôbre a lingua portugueza*, observa:

« Nos infinitos dos verbos, por causa da euphonia, substitue-se o *r* por *l*; ex.: *dispol-o*, *ouvil-o*; em vez de *dispor-o*, *ouvir-o*. O *l* com o artigo fórma a última syllaba, motivo porque não gostâmos de escrever *dispol-o*, ainda que alguns (mestres respeitaveis) assim o-insinam, estribando-se em que o *l* está substituindo o *r*. »

Por ésta occasião direi que, sendo frequentissima tambem ésta troca do *s* em *l*, EUPHONICO, entre os nossos melhores escriptores (o que nada tem de hispanholado, como alguns pretendem, sendo perfeitamente portuguez), nas palavras *tôdolos*, *tôdalas*, em vez de *todos os*, *todas as*, reprovo a rejeição d'essa variante, quando ella

Interpõe-se ás vezes um *n*, por euphonia tambem; por ex: *amam-n-o*, em vez de *amam-o* : esse *n*, entre dous hyphens, significará sempre tal prothese. Assim egualmente: *não n-a-intende*, *vão-n-a-buscar*, etc.

ARTIGO XV.

Divisão no principio e fim das regras.

Recommenda a perfeição evitar, quanto possivel, que as palavras se-scindam, por isso que, formando um todo unico, apresentam uma anomalia, partindo-se (*).

não só apresenta para a linguagem grave uma fórma mais veneranda, mas evita a concorrencia cacophonica do lúgubre *duzús*, em *todos os*, ja porque a palavra dactylica daria esses sons fugindo, ja porque evitaria a repetição sibilante.

Ha quem se-opponha, com dizer que, por isso que tivemos essa locução e passou, é rasão para a-abandonnarmos como affonsinha, rançosa e archaica. Peço licença para retorquir que com tanta indústria como vantagem têm os nossos modernos practicamente seguido o preceito horaciano de resuscitar muitas finadas palavras, sempre que haja em tal resurreição algum proveito. Venerem-se todas essas venerandas reliquias da eloquencia dos nossos antepassados, tal como outr'ora sustentou os decoros da materna lingua; mas sempre que a palavra velha não houver sido substituida, resurja! Mais velho é o sol, mas ainda não appareceu revolução que o-desthronasse, e só a elle devemos ainda a luz.

(*) Note-se bem que não são éstas convenções secundárias aquellas em que tenhamos de respeitar *tradições*, aliás sempre arbitrárias e contradictorias. Observa-se, por exemplo, nunca se-haver descoberto similhante divisão de palavras nos antigos manuscriptos hebreos, pois os copistas recorriam ao expediente de alargarem as

Mas, pois que nem sempre é possivel essa indivisibilidade, por não caber muitas vezes na regra a palavra inteira, passa-se o final d'ésta para a regra seguinte.

Sendo o signal de divisão que se-adoptou para taes casos, o mesmo que para a ligação pronominal, acontecerá frequentemente que o hyphen se-possa tomar —ora por fim de palavra unido a paciente, sendo palavra cortada — ora por palavra cortada, sendo simples hyphen. Ha, porém, meio singelissimo de obviar ésta confusão, segundo practicamente o-provou ja a *Lysia Poetica*, adoptando-se a seguinte regra:

Impregue-se, como usualmente, o risquinho divisorio, para ambos os intuitos, mas intenda-se que, *no final da regra*, significará *palavra partida*, e quando quizer dizer *união de verbo a paciente ou de paciente a verbo*, colloque-se o risco em princípio da regra immediata.

Vejamos como devem partir-se as palavras, onde isto se-tornar indispensavel. Ainda 'neste poncto grassa notavel confusão.

lettras, ou as-espacejarem, ao finalizar a linha, para evitar taes partições, que tanto repugnavam a elles, como a nós a partição de syllabas. Ainda hoje, em várias nações, é uso, nos documentos legaes, quando a palavra não cabe no manuscripto convenientemente, passar um traço até o fim da linha, para começar o seguinte vocabulo na sotoposta.

Suetonio (c. 87), diz ter visto nos manuscriptos, de Augusto Cesar, que este nunca dividia as palavras, e antes punha as que sobravam da regra por baixo da palavra respectiva, passando um traço em tôrno.

Concordâmos geralmente (bem ou mal) em que tal divisão se-deva effectuar, por syllabas; — em que, havendo duas consoantes eguaes, se-admitta, por convencional ficção (*), que uma d'ellas fique pertencendo á syllaba anterior, outra á posterior; — que duas di-

(*) Confesso que o raciocinio me-leva a lembrar (*sem insistir*) outra proposta mais audaciosa. Eis como os orthographos justificam o preceito que impõem: — «Como as consoantes não se-podem « pronunciar sem vogaes (e 'nisto consiste a natureza de *con-soan-* « *tes*), necessariamente se-dividem com as vogaes, a que perten- « cem, ou com que fazem syllaba, verbi gratia: *ab-ba-de*, *ac-com-* « *modar*, *an-na-lis-ta*, *an-ne-xo*, *etc.*»

Affigura-se-me que ésta regra assenta 'num dado falso. Éstas lettras que assim se-duplicam, e não pronunciam, têm missão etymologica; só servem para os olhos e não para os ouvidos. A segunda, sim, é *consoante*, porque vai *soar com* a vogal subsequente, mas a primeira não tem existencia apreciavel; é um ornato, um insino, mas não uma *consoante*, porque nem por si, nem por cousa alguma soa. Nas lettras dobradas, a primeira incosta-se á segunda, funde-se, reproduz-se 'naquell'outra: o consórcio natural é, portanto, entre as proprias consoantes repetidas, mas nunca entre a primeira e a vogal precedente. Não sería mais philosophico dividir as palavras, junctando as lettras dobradas?

Compõe-se o discurso de dicções, éstas de palavras, as palavras de syllabas, e as syllabas de lettras; e 'nesse successivo decrescer, é ao som que se-attende, no pronunciar da palavra, no dividir da syllaba. Definem syllaba: « *Vogal só ou juncta a outras lettras,* « *que se-proferem com uma só emissão de voz.* » Parece, logo, que uma lettra não ouvida tem mais marcado o seo logar com a mesma lettra que a seo lado se-ouve, do que intromettendo-se com outra vogal, em qualidade de consoante, não soando com ella. Das duas lettras dobradas, só a segunda é phonetica, e a primeira simplesmente radical. A segunda representa a palavra pelo intermedio do som; a primeira adverte o pensamento pelo intermedio dos olhos; mas, si é certo que a syllaba significa uma emissão de voz, as consoantes devem pertencer ás vogaes com quem similhantes lettras soam. Não veria, conseguintemente, sinão bom alvitre em escrever *a-bba-de*, *a-cco-mmo-dar*, *a-nna-lis-ta*, *etc.*, isto é, a dividir de egual fórma, graphica e phonicamente. (Peço a Deus que os hypercriticos, confundindo cousas diversas, me não acoimem aqui de contradictorio).

versas consoantes, não formando corpo obrigado com a vogal precedente, syllabem com a vogal seguinte — que a concorrencia de vogaes forme syllabas diversas, excepto nos diphthongos. Assim, escreve a maioria: *an-nunciar*, *re-flectir*, *pa-cto*, *me-lhor*, *ve-ado*, *amai-nar*, *etc.*

Como, porém, dividir as syllabas nas palavras, começadas por preposições? Aqui pedirei venia para divergir dos que prescrevem a partição segundo a junctura dos componentes. Observam (aliás excellentes ingenhos) que esses vocabulos são *compostos*, e que portanto, obrigados a dividíl-os, devem voltar aos seos naturaes elementos (*).

Discordo, por muitas rasões, e eis-aqui as principaes:

1.° A palavra fórma um todo unico. Póde ella, de per si, composta ou simples, offerecer ao pensamento muitas ideas, mas ainda assim a palavra é una. *Saudade* não é termo composto, e todavia presuppõe pessoa que recorda, cousa recordada, tempo que passou, sentimento de sympathia para com o objecto, ambição de o-rehaver. *Homem*, está no mes-

(*) Este alvitre, cumpre confessál-o, vem de longe e de alto. Quinctiliano, por exemplo (Inst. Or. I. VII), manda que se-parta, sim, por syllabas, mas que se-tome bem sentido a qual pertence a consoante média. Exemplifica na palavra *aruspex*, dividindo *aru-spex*, por vir essa segunda parte do verbo *spectare;* e *abs-temius*, por vir de *abstinentia temeti.* — Onde nos-levaria similhante exigencia! Não só preposições, mas palavras compostas, dariam origem ao mais complicado, difficil e excusado dos estudos.

mo caso, mas, apenas vibrada a palavra, a imaginação nos-offerece todas as fórmas physicas do rei da creação e a sua alma. *Palacio* não vem á mente, sem o acompanhamento da edificação, das paredes, das portas, das janellas, das escadarias, das salas, dos tectos, da grandeza, etc. D'aqui se-infere que pouco importa de que moleculas o vocabulo se-formou: composto ou simples, póde dar mui variadas noções, e são essas que as palavras transmittem; suppondo que estas devem o valor ás syllabas componentes, esse concurso confunde-se no vocabulo; é como o manjar, em que intraram diversos ingredientes, mas cujo sabor differe de todos e cada um. Na separação, apenas *material*, que fazemos da palavra, não practicâmos operação *intellectual*; não tractâmos de decompor termos, mas só de os-accommodar materialmente onde cabem. Parecem, pois, extravagantes todos os raciocinios, quanto aos elementos intellectualmente componentes, quando só temos que procurar as articulações physicas da palavra.

2.° Similhante systema de partição sería contradictorio. Estabeleceu-se que ella se-fizesse pelas syllabas; mas d'aquella forma, se-atacaria a regra, que as syllabas ficariam esquartejadas (*).

(*) Segundo tal regra, para preposições e termos compostos, deveriam escrever-se des-arrancar, des-azo, des-alento, des-amparo, des-inganno, trans-acção, trans-ito, ab-solver, ab-orto, ab-uso, ad-herir, ad-optar, ad-scripto, ant-olhar, ant-olhos, anti-strophe, ant-arctico, circum-stante, circum-screve, con-scripto, con-stellação, contra-ste, de-screver, de-scendente, di-sperso, in-star, in-stante,

3.º Tal preceito, sim, obrigaria o povo a errar a cada passo, ou dar prova de conhecimentos, que se lhe não podem presumir. Facilmente intende o ignorante, que *ambito* se-parte em tres syllabas, mas não comprehenderá que deva tal palavra dividir-se em *amb* e *ito*; saberá instantaneamente dividir: *res-pi-rar*, mas não se-intenderá com *re-spirar*. A partição pelas syllabas é facil, natural, popular; a pelos componentes difficil, complicada, e completamente inutil.

4.º Finalmente, si tal partição fosse destinada a *revelar os ingredientes que entram na palavra composta*, chegariamos a outro absurdo: tão ingredientes são os do principio como os do final da palavra, tanto as preposições como as desinencias. O mesmo raciocinio nos-levaria a separar a radical da desinencia; e então teriamos de fender esses finaes, cortando-lhes os pés como lhes-cortassemos as cabeças (*).

inter-sticio, in-undar, es-alviçado, ex-asperar, ex-igir, ex-onerar, ob-liquo, ob-staculo, ob-umbrar, per-scrutar, per-orar, pre-stito, pre-scindir, post-humo, pro-specto, re-s-caldo, re-spirar, re-spingar, re-sponder, re-speito, sub-ordinar, sub-alterno, sub-alpino, sub-urbano, súb-ito, sub-stituto, sobre-star, sobr-ôlho, super-stição, tres-andar, cata-strophe, fronte-spicio, hemi-spherio, manu-scripto, micro-scopio, sol-sticio, tele-scopio, apo-stata, hypo-statico, dia-stole, amphi-scios, syn-onymo, syn-odo, hydro-statico, dys-enteria, atmo-sphera, peri-styllo, pros-odia, epi-stola, armi-sticio, pan-egyrico, pan-acea, Demo-sthenes, ro-ma-n, e centenares de outras palavras, que de tão extranho modo teriam de partir as syllabas.

(*) Assim scindiriamos, em fim de regra: *Nós am-amos*, *faz-er*, *fundament-al*, *adopt-ado*, *escript-ura*, *similh-ança*, *invenciv-el*, *adher-encia*, *pint-ura*, *etc.*

Nem se-me-attribua contradicção, por me-exprimir agora assim, tendo ja dicto que o povo escreveria como os mestres lh'o-insinassem. Os casos não têm paridade. Na etymologia ha vantagens, ha leis; aqui nem uma nem outra cousa. — Lá, o leitor, si a escripta adoptar a boa orthographia, terá constantemente sob os olhos os vocabulos, que a cada momento lhe-surdirão nos livros, nos jornaes, nos manuscriptos; mas passará annos e a vida inteira sem que se-lhe-apresente uma multidão d'estas partições sábias. Quer-se que elle aprenda por práctica: práctica é successão de actos; onde taes actos faltam, a práctica é impossivel. Por falta de base e insino, erraria, pois, a cada instante; difficultar-se-hia a generalização de um escrever uniforme, e multiplicar-se-hiam, sem sombra de lucro, as probabilidades de cacographar.

A partição não tem por fim o *insino de radicaes*, mas uma pura operação mechanica. Ésta junctura natural trincha-se pelas syllabas; tal a regra que deve prevalecer.

ARTIGO XVI.

Contradicções da minha actual orthographia.

Eis-me de sacco e cilicio.

— « Tens por sôbre todas boa a orthographia que recommendas?

— « Tenho; *ex imo cordis*.

— « Séguel-a rigorosamente?

— « Não.

— « Então cala-te, que és contradictorio. »

— « Peço venia!

Não desconheço ser eu uma d'essas vozes desauctorizadas, que, em vez de baixarem de tribuna veneranda, se-perdem na turba a que pertencem. Si ja meia duzia de alterações do uso commum (em todas as quaes tive predecessores, de mui superior quilate) desafiam iras violentas, e são alcunhadas de *innovações* ignaras, e *vicios* de que importa premunir a juventude, ¿ que seria si eu começasse logo orthographando com rigor? Levantaria contra a minha audaciosa philaucia as pedras das ruas; teria o dissabor de ver o meo pobre *Iris Classico* em auto-da-fe queimado pelo archote do algoz (*).

(*) 'Numa aturada correspondencia que, sobre este assumpto, troquei com meo irmão e mestre, Castilho Antonio, dizia-me elle, referindo-se á publicação da *Paraphrase dos Amores*: — « 'Numa obra, que é feita para ser lida fluentemente, as exaggerações etymologicas, para que tu hoje propendes furiosamente, estão de contínuo sobresaltando os olhos, a attenção e o gôsto dos leitores, mais talvez do que o-faria uma escripta rigorosamente prosodica. » Concordo; e por isso:

Video meliora, proboque,
Deteriora sequor.

Digo, com Varrão, que, assim como a ama não arrebata de subito o leite ao infante, antes lhe-vai conservando o alimento que

Não ; ja em muitas outras obscuras obras (especialmente entre as mais recentes — a *Livraria Classica* — o *Relatorio sôbre as Bibliothecas* — o *Iris* — a *Mulher Catholica* — a *Grinalda Ovidiana* — o *Iris Classico* — como no manuscripto da *Pharsalia*, e *Grinalda Lucaniana*, que vai passar ao prelo) tenho ido, a pouco e pouco, acompanhando os que, menos incompetentes, procuram conquistar este terreno, lembrado de que assim poderemos successivamente alcançar o que de chofre, e por juncto se nos não daria (*).

lhe-quer tirar, acompanhando-o de outro gradativamente, assim deve ser gradual e progressiva a correcção da linguagem e da escripta. Digo mais: não reconheço em mim direito de decretar alterações radicaes; mas posso, como qualquer do povo, submetter propostas, que só depois de lograrem a fortuna de ser acolhidas, produzissem todos os seos effeitos.

(*) Si é tal o horror contra essas poucas palavras orthographadas, mais ódio haverá contra a *Lysia Poetica*, cujas sábias ousadias vão muito além. O *Iris Classico* ainda não escreveu : *mansebo, exquecer*, *rhasgo*, *sdrucholo*, *gryllo*, *comptar*, *schismar*, *rhasgar*, *haghora*, *desiphrar*, *aphoitado*, *absorpto*, *mactar*, *gazzetta*, *axxacado*, *reddor*, *chi-sá* (quiçá), *manah* (manná), *pappa*, *disphar-çar*, *gharbo*, *phaisca*, *hassassinar*, *gabbar*, *cursel*, *ochala* (oxalá), *rhispido*, *etc.* É verdade que essa obra ainda respeitou o *se* por *si*, o *seu*, *meu*, *teu*, como si a palavra portugueza não viesse do ablativo, etc. Todavia não hesito em proclamar esses exemplares mancebos mui benemeritos da orthographia nacional. Não quero, porém, hypocritamente esconder sob nevoeiros o pôrto para onde vogo; a seo tempo, si a vida m'o-permittir, e os sabios me não desanimarem provando-me que laboro em êrro, conto dar um diccionario etymologico, manual e popular, só com os vocabulos devidamente orthographados, e indicação do motivo que para cada um determina o respectivo graphar. Levar-me-ha esse *desiderandum* a escrever *amamus*, *usu*, *spiritu*, *eo*, *stamus*, e uma multidão de outras SINGULARIDADES que, no primeiro momento, causarão extranheza, não, porém, maior que a produzida por tantas outras alterações, hoje admittidas, quando vieram contrariar inveterados usos, aliás reprehensiveis.

Tambem commetterei erros, a cada passo, por ignorancia da derivação, ou por attribuil-a a inexacta origem. Tão injusto fôra increpar de taes erros o systema, como si dos desacertos dos medicos fôsse censurada a medicina.

Entretanto lealmente confessarei que a unica *difficuldade grave* d'ésta correcta orthographia, *na práctica*, pois a theoria ainda se-me-affigura inexpugnavel, está na segurança da filiação. A notícia das dicções (dizia Socrates) é principio de toda a erudição: *Cognitio nominum, eruditionis est principium.* Quem, por exemplo, estuda o grego, divide a linguagem em duas classes: termos primitivos e derivados; de cada tronco, se-seguem numerosas ramificações; certas regularidades e analogias gruppam os vocabulos, e esse estudo faz sobresair o real valor de muitas expressões, familias não raro numerosas de um remoto avô. Mas quão penosas e arriscadas não são essas interpretações! Epimenides (nota Varrão), depois de haver dormido 50 annos, ja não foi reconhecido, ao despertar, sinão por pessoas rarissimas, e Teucro, na tragedia de Livio, por nenhum dos seos foi saudado, apenas volvidos 15 annos. Que são 15 ou 50 annos, em relação á edade dos vocabulos? Comparando a primitiva lingua de Roma com o seo periodo aureo, e suppondo que os versos dos salios não remontam além de Numa Pompilio, intermearam septe seculos, quasi tanto quanto hoje nos-separa do berço da monarchia portugueza. Como censurarêis o escriptor que igno-

rar quem fôsse o quarto ou quinto avô de um homem célebre, quando vós mesmo mal poderêis nomiar a mãe do vosso avô ou do pae de vosso quarto avô? e esse lapso de tempo não representa o terço do que separa aquelles dous termos das linguas.

Outros vocabulos tambem surdem solitarios e monasticos ao primeiro relance, mas regras intelligentes os-trazem ao regimen geral da sociedade. Éstas investigações linguisticas collocam o observador 'numa eminencia, d'onde possa dominar a extensa planicie, e conhecer-lhe o terreno, e as árvores, com suas raizes, troncos, ramos e fôlhas, desde a alterosa mangueira, soberana da selva, até á infima cryptógama.

Voltando, porém, ao grego, principal origem do latim, como este é a principal do portuguez, lembrarei que muitos d'esses vocabulos não nasceram no solo da Grecia, nem proromperam alli como os guerreiros dos dentes da serpente: foram buscar origem a linguagens anteriores: — ao hebreo, com seos varios dialectos, ao chaldeo, syriaco, arabico e ethiopico, sanscripto, palevi ou antigo persa, etc. Essa raiz, trazida pelo Egypto, e outras partes do oriente, ás costas da Grecia, pelas torrentes de emigração, que agitavam as primitivas edades do mundo, foi frequentemente

Melhor tornada no terreno alheio;

nem o homem, totalmente desconhecedor d'esse primevo falar, póde explicar o sentido de uma primitiva

palavra grega, melhor do que explicasse, por exemplo, as primitivas palavras inglezas, quem fôsse totalmente extranho ao gothico e saxonio, matrizes suas.

No juizo que dos etymologistas fizermos, cumpre, para sermos justos, reconhecer antes o que elles hão descoberto, do que reprehendêl-os por seos reaes ou suppostos erros, ou pelo que deixaram de descobrir, visto serem os proprios que declaram a impossibidade de profundar a origem de todos os vocabulos, comquanto a todos appliquem elles a observação de que, ao ver um pomo, nasce a certeza de que pendeu de um ramo, de que esse ramo ornou copa de uma árvore, de que essa árvore se-sustentou 'num tronco, de que esse tronco la se-foi de raiz em radicula escondendo e minando a terra.

Páro aqui, pois estes desinvolvimentos levariam longe; mas fique assentado que, si nem sempre escrevo como devêra, provém isso: — da regra de Bentham, que estabelece ser o *melhor* inimigo figadal do *bom*; — do temor de que, pedindo muito juncto, se -me-responda com uma negativa *in limine*; — das difficuldades gravissimas, que acompanham taes estudos; — da impossibilidade de marchar seguro, emquanto não apparecer um vocabulario orthoepico, ou ao menos, por emquanto, orthographico; — de aventar eu simplices projectos, ainda não sanccionados por quem tem jus de legislar; — de considerar meo dever discutir estes ponctos, na linguagem agora recebida — e finalmente da minha ignorancia.

ARTIGO XVII.

Conclusão.

Eis aqui quanto baste para pôr a nu o meo pensamento sôbre a grave questão do futuro da orthographia portugueza. Muitos ponctos seriam susceptiveis de mais amplos desinvolvimentos, mas nem a natureza d'esta Memoria (que não aspira ás honras de Tractado) os-comportaria, nem para maior extensão me-chegariam os 15 dias (ainda intercortados por indeclinaveis trabalhos), que mediaram entre a recepção dos dous *Pareceres* e a remessa da presente resposta.

Fio, porém, que ja 'nesta exposição ficam patentes os fundamentos em que procurei estribar a these de que: a orthographia do *Iris Classico* não é um escrever infundado, arbitrario, caprichoso; e que, antes do que vicios cacographicos, suppunha eu lançar no espirito da juventude sementes do mais puro escrever (*), pedindo que se-substitua por um stylo definido, elegante e nobre a nossa actual architectura

(*) Nem se-tomem por despreziveis estes trabalhos, tendentes em seo complexo a um nobre e utilissimo estudo, ao aperfeiçoamento do idioma. Diz Quinctiliano que, em grammática (termo de largo alcance entre os antigos) só o superfluo é censuravel. Baixarêis Cicero do seo pedestal de orador, por ter mostrado tal paixão para com aquella arte, que até de seo filho foi severissimo censor na linguagem, como suas epístolas patenteiam? Afogar-se-hia a *fôrça* de Cesar no seo tractado *Da analogia?* Diminuiria a elegancia de Messala, por ter composto alguns livrinhos sôbre palavras

linguistica, amphibia e ridicula, de dourados e marmores fingidos, e de columnas anomalas, como Garrett classificou a moderna implastação e degradação dos nossos monumentos (*).

Implicita na exposição que antecede, está a resposta a todas as observações especiaes dos nobres censores; mas têm elles, no meo profundo respeito, jus a mais explícitas soluções: não confundirei eruditos criticos com grammaticomástiges.

e lettras? Não prejudicam taes disciplinas aos que por ellas passam, mas só aos que 'nellas param.

Diz Bluteau que se não desprezem as notícias dos etymologistas. A Varrão, que compôs os livros da *Origem da lingua latina*, grangeou ésta occupação o título do mais sabio dos romanos. Entre as virtudes de S. Isidoro, muito se-accreditou a paciencia com que trabalhou o livro de suas *Etymologias*. Não renóvo a memoria do *Grande* e *Pequeno Etymologico*, com que se-illustrou a antiguidade da lingua grega. Não faço menção dos Martinios, nem dos Vossios, nem de Julio Scaligero, que em 80 livros sobre ésta materia, os quaes se-perderam, deixou aos curiosos inexplicaveis saudades.

Alguns auctores affirmam que Augusto Cesar dimittíra um legado consular, por ter escripto *ixi* por *ipsi*, aresto que lhe-faria arriscar o imperio, a ser certo (Suet. 88) que elle costumava, com a maior sem-ceremonia, trocar e preterir lettras e syllabas. A pena foi desproporcionada ao delicto, mas não ha duvidar que a correcta graphia merece consideração e estudo.

Quod munus reipublicæ adferre majus meliusve possumus (disse Cicero *de Div.* II. 2) *quam si docemus atque erudimus juventutem?*

(*) Dá-me gana de applicar á orthographia portugueza o que elle escreve no seo prologo á *Lyrica de João Minimo:* — «. . . Capellinha abandonada, cheia de teias d'aranha, indecente! 'Nessa estava o túmulo de D. Dinys: especie de sarcophago, meio moderno afrancezado, meio antigo agregado ou egypcianado, feito de estuque, pintado a morte-côr, fingindo pedra-lioz.»

Poderia interpretar-se como falta de aprêço o resumir-me na declaração de que ja aquellas theses responderam ás hypotheses: por isso o não farei; antes deixarei ésta Memoria como alicerce do meo edificio orthographico, que submetto ao bom criterio dos intendidos. 'Noutra Memoria Complementar, transcreverei, e respeitosamente discutirei as asserções dos srs. directores da instrucção da provincia das Alagoas.

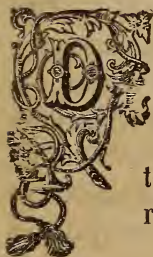
Concluirei o presente trabalho, repetindo que o-considero mui deficiente; que a imprêsa era superior ás fôrças; que foi traçado *stans pede in uno*; que não houve laser de brunidura nem polimento (*perfectum decies non revocavi ad unguem*); mas que, si me não cabe a gloria do architecto, permitta-se-me a condição do operario obscuro, que arranca ou brita a pedra. Sabios artistas, que ergam agóra o monumento!

Pelos tempos que vão correndo, por boa estrêlla tenho, apezar de nossas tranquillas dissidencias, ver que os espiritos cultivados e superiores applicam attenções ao que é ja irracional moda desdenhar. O mundo nôvo é o herdeiro e continuador do mundo velho. Nossas riquezas, em lettras, em sciencias, em progresso, em sabedoria, no grande, no util e no bello, embora ingrossadas por innumeros regatos adventicios, trazem da Grecia e Roma o seo manancial. Por fortuna, o idioma entre nós falado nasce d'essas puras e admiraveis fontes. Ninguem melhor

que o portuguez póde ufanar-se de que 'nelle o latim não vive, mas sobrevive. Para augmentar esse título, e *progredir* em audaz e patriotico retrocesso, affigura-se-me que ésta reforma orthographica talvez possa contribuir.

MEMORIA

COMPLEMENTAR.

Apreciação das especiaes censuras orthographicas dos Pareceres de Maceió.

DIFFICIL será tractar ésta materia, na cola das que nos-occuparam, sem incorrer em repetições. Todavia esforçar-me-hei por apresentar cada uma das questões controvertidas ainda sob mais clara luz.

Só ponctos ha que abandonnarei, como ora pleonasticos, pois me-parece ficar levado á evidência: — que não anda bem avisado quem recommenda nos-acheguemos á orthographia dos classicos, os quaes a não tinham; que diversificavam entre si; que nem siquer eram consistentes comsigo mesmos; que escre-

viam pessimamente — e bem assim que não é orthographia *singular* aquella por que pugno.

Venhamos agora ás outras especialidades... ja que os *Pareceres* não abraçam materia geral, sinão questiunculas secundárias. Continuemos com o systema da transcripção litteral.

ARTIGO I.

« As innovações sôbre orthographia são proprias de obras escriptas
« para adolescentes, e nunca para meninos. »

(Parecer dos censores.)

Affigurava-se-me o diametralmente opposto. A questão prévia é: *si uma orthographia deve ou não ser admittida.* Sendo ella merecedora de adopção, claro está que a infancia é o mais accommodado terreno para se-lhe-confiar a boa semente em vez da ervilhaca, ja que esses cerebros virgens são, como taes, innocentemente aptos para, sem discriminação, receberem até aos reconcavos da alma o optimo e o pessimo. Quando essa geração chegar ao seo vigor, terá bebido todas as boas doctrinas com o leite intellectual; mas, si reservarem para a adolescencia indireitar paulatinamente o que intencionalmente se-intortou na infancia, resultarão tres deploraveis effeitos: 1.°, perdendo duplamente o tempo, convertidas as cabeças infantis em estrebarias de Augias, sem certeza de que os mancebos adquiram fôrças herculeas para as-varrer; 2.°,

formando de um máo systema segunda natureza, a qual (quando não seja sinão por inveterada) acaba por se-amar e defender; 3.º, prejudicando assim o progresso, pois as tendencias da educação, por tal arte generalizada, tornariam impossivel o melhoramento.

Repito, portanto: si o systema é aproveitavel, o mais conveniente meio de radicál-o consiste em o-imbeber nos animos, desde que os sons começam a pintar-se-nos aos olhos em figuras. Sabido é quão muito o costume e o tempo contribuem para calar funda e indestructivelmente.

ARTIGO II.

« Fez mal o auctor do *Iris Classico* em colligir excerptos das diversas
« obras classicas, alterando-lhes a orthographia a seo bel-prazer! »

(PARECER DOS CENSORES.)

Perdoe-se á minha rudeza não attingir o sentido d'ésta accusação. Que quiz dizer o nobre censor?

Que Camões orthographava como o marquês de Paranaguá? Amador Arraes como Gonzaga? Barros como Bocage? Rezende como Bluteau? Luis de Sousa como Durão? Vieira como Caldas? Nunes de Leão como Filinto? Manuel Bernardes como Lôbo? Sá de Miranda como D. Francisco Manoel de Mello? Gil Vicente como Candido Lusitano? Não injuriarei a sabedoria do meo censor, professor de anályse dos classicos no lycêo alagoano, attribuindo-lhe tão er-

rada asserção, que elle não toleraria certamente ao último dos seos alumnos.

Si, pois, o escrever de todos os classicos diversifica, ¿ intenderia acaso o docto crítico, que uma obra dada para instrucção da mocidade devia ser uma manta de retalhos, com 80 modos de escrever diversos, isto é, tantos quantos os dos auctores transcriptos, lançando a desordem no espirito das creanças, ignorantes da escolha que entre tantas cacographias lhes-cumprisse fazer? Fôra absurdo de magnitude tal, que peço perdão de aventar ésta variante.

...Mas o peior é que não acho terceira alternativa, e é por isso que profundamente deploro a curteza de minha comprehensão.

ARTIGO III.

« É erro usar da risca de união nos pronomes, que precedem aos « verbos, o que se não acha em auctores antigos nem modernos. A rasão « de se-usar d'aquella risca nos pronomes pessoaes pospostos aos verbos, « é para subordinál-os na pronúncia á palavra antecedente, formando, « figuradamente, com esta, uma palavra, cujo accento tonico fica na pe- « nultima syllaba; e ás vezes tirar o equivoco do imprêgo do pronome; « por exemplo: Em *Amo-te*, *Amaste-me*, fica o accento na antepenultima; « em *Mandei-lhe*, *Deixae-nos*, na penultima; e em *Deixei-o doente*, « *Achei-o bom*, tira o equivoco, que podia haver, si escrevessemos sem « a risca, verbi-gratia: *Deixei o doente, achei o bom* (isto é, o objecto « bom). No uso contrário da risca de união, não se-dá utilidade al- « guma; e é ociosa, por não se-poder dar equivoco. E assim como as « conjuncções e preposições, precedendo substantivos e verbos, não pre- « cisam risca de união, para, na pronúncia, ficarem subordinadas (como « palavras *inclytas*) ao accento da palavra seguinte, não existe rasão para « os pronomes precisarem. »

(Parecer dos censores.)

Passemos a desfiar todas éstas proposições :

Será certo que nenhum auctor, antigo nem moderno, usou jamais o hyphen anteposto ao verbo?

Tem o censor alguma idea do nome do Varrão portuguez, de Luis Antonio Verney, que o voto dos que o-podem proferir na materia não duvidou considerar ja *o maior sabio portuguez do seculo dezoito* ?

Tem de certo, si leu alguma das tentativas de história litteraria portugueza, e 'nellas viu como as ideas expostas por este *insigne philósopho*, *philologo e latinista* no *Verdadeiro Methodo de Estudar* (Valença, 1746) revolucionaram e *mudaram a situação do mundo litterario*.

Pois bem: 'nesse mesmo livro, carta I, a pág. 35, dizia elle ha mais de um seculo, tractando da risca de união:

« Julgo que se-deve usar 'naquellas que compõem duas palavras perfeitas, que costumam estar ás vezes separadas, verbi-gratia: *fazemos-lhe*, *lhes-fazem*, *nos-dizem*, *dizem-no*, *etc.* Com isto se-mostra quando os pronomes unem com os verbos, não só no sentido, mas na pronúncia, e, finalmente, quando muitas dicções na pronúncia compõem uma. Deve-se tambem pôr entre a particula *se*, quando é pronome, e o verbo, verbi-gratia: *se se-fizer*. O primeiro *se*, é conjuncção condicional; o segundo, é pronome, e une com o verbo. Onde a dicta linha é de grande

utilidade, para mostrar as palavras que devem pronunciar-se unidas. »

Entre os mais conscienciosos, extensos e meditados livros, que se-hão escripto sôbre a materia que nos-occupa, figura, na vanguarda, o *Compêndio* de orthographia portugueza (livro de 800 páginas) de Fr. Luis do Monte-Carmelo, o qual (na edição de 1767, a pág. 461) se-exprime assim :

« Quando se-antepõe éstas particulas, tambem alguns orthographos usam da mesma *união*, como verbi-gratia : *a-mandou*, *os-estima*, *te-pêza*, *vos-rógo*, *lhe-traze*, *se-jacta*, *etc.* Eu uso d'ésta orthographia, porque não ha maior motivo para que se-sigam aquellas particulas unidas aos verbos antecedentes e não aos subsequentes. »

É excusado multiplicar citações facillimas ; e ja que, na mente do crítico, tanto pésa o meo triste isolamento, dir-lhe-hei que a sábia regra d'aquelles velhos mestres, tem sido, ao contrário, 'neste seculo, e até mui modernamente, seguida em obras de vulto, entre as quaes citarei as seguintes :

O *Jornal de Coimbra*, Lisboa, 1812 a 1820 (27 vols) ;

O sr. dr. Teixeira de Mello, *Sombras e Sonhos*, Rio, 1858 ;

A Sociedade Philomathica d'ésta côrte na maxima parte das fôlhas do seo jornal;

Os editores da *Lysia Poetica*, Rio, 1857;

O sr. dr. Hamvultando de Oliveira, no seo livro dos *Sentimentos Harmonicos*, recentemente impresso em París.

§ II.

Será certo que a risca nos pronomes pospostos serve para subordinál-os aos verbos, *na pronúncia?*

Não libra aqui o poncto em impugnar essa observação (comquanto podesse desafiar o illustre crítico a pronunciar *Mandei-lhe*, *Deixae-nos*, de um modo diverso com o hyphen do que sem elle); mas o que permanece inquestionavel é que, em muitos casos, tanto se-unificam ao ouvido as duas palavras com o pronome posposto como anteposto. Pronuncie-se: *Dize-lhe*: *amo-o!* e *Dize-lhe que o-amo!* e achar-se-ha indubitavelmente que (por causa da natureza das vogaes) muito mais intimamente se-vinculam 'numa só palavra figurada as palavras *o-amo* do que as *amo-o*. Portanto, si o hyphen tem esse intuito, e como tal é approvado pelo censor, deve este, para ser consequente, adoptál-o indistinctamente na anteposição e na posposição.

§ III.

Será certo servir o hyphen tambem para tirar o equívoco, que poderia resultar da falta d'elle?

Não impugno; mas então permitta-se-me ponderar que exactamente o mesmo equívoco, receado em alguns casos pelo illustrado crítico, quando o pronome é posposto, se-dá sendo anteposto (*); e que

(*) Escrevendo a particula *se*, como o pronome *se* (assim faz, ao que parece, o docto censor, segundo o uso vulgar), ainda se-augmenta a lista dos equivocos, que podería ser interminavel; mas, para acompanhar os dous exemplos, bastarão meia duzia d'elles, em que a anteposição póde deixar o ânimo tão perplexo como a posposição:

— « *Ê Maria que a lança fere e mata.* » Com o hyphen, Maria lançou outra mulher; sem elle, Maria é morta pela lança.

— « *Escreves assim! que motivo te-guia? — Muitas vezes o uso.* » Com hyphen, quer dizer que assim costumo practicar; sem elle, que me-dirijo pelo uso.

— « *Se acaba tudo na morte.* » Significa, segundo tem ou não risca, ou—Se é certo que tudo acaba—ou—Tudo se-acaba incontestavelmente.

— « *E porque tal rancor?—Porque... a inveja...* » Será o verbo *invejar*, ou o nome *inveja?*

— « *Assim é que o desejo ou o meo trabatho m'o-affiança.* » Quem me-dirá si sou eu que o-desejo, ou si será o meo desejo que o-affiança?

— « *Uma vez que o costume, ou que a indole o-induza.* » Que elle o-costume fazer, ou que o costume o-induza?

— « *Ê porque o cego, e João e Pedro não veem,* » Será que o cego e o João não vejam; ou será que eu o-ceguei?

— « *Só si o amar, ou si o interêsse for motivo.* » Quem dirá si isto significa—Si ella o-amar,—ou—Si o amar e o interêsse, etc.

conseguintemente os seos argumentos do *Deixei-o doente*, *Achei-o bom* são armas cortantes para a mão que as-impunhou.

E pois se-recommenda conjungir o verbo anterior ao pronome, por podêr em algum caso evitar equivocos, cumpre adoptar o signal posterior, dês que se-prova darem-se ahi exactamente identicas circumstâncias.

— « *Sou eu, sim! o mando, o sceptro e o throno me-dão jus.* » Dão-me jus mando, sceptro e throno, ou mando eu?

— « *Ignora a orthographia e a censura.* » Ignorará elle ambas éstas cousas, ou só a orthographia que censura?

Poderiam imcher-se muitas páginas, mas é desnecessario. Esses equivocos se-poderão dar, sempre que verbo e nome fôrem homophonos, como: basta, consumo, bota, jura, livro, lustro, mente, voto, peça, alegre, papa, pesar, pio, prego, cobra, somma, talho, toque, etc. Tambem essa confusão póde dar-se com verbos que se-escrevem com as mesmas lettras que nomes, só diversificando no soar, e por isso no devido accentuar; por exemplo:

PALAVRAS	ISOLITTERAS.
Verbos.	*Nomes.*
Colhêres	Colhéres
Péso	Pêso
Podér	Podêr
Gloría	Glória
Noticía	Notícia
Critíca	Crítica
Copía	Cópia
Fórmas	Fôrmas
Acérto	Acêrto
Córte	Côrte
Fórro	Fôrro
Péga	Pêga
Pélo	Pêlo
Sê	Sé, etc.

São numerosos os casos de homogeneidade de nome e verbo; além d'isso temos o lusitanismo de impregar os infinitos na qualidade de substantivos de acção (como: *o romper d'alva*, *o andar do tempo*, *etc.*), e do absoluto substantivar dos infinitos (*o explicar*, *o amar*, *etc.*); e portanto até se-me-affigura serem mais numerosos os equivocos possiveis, quando o pronome é anteposto do que posposto ao verbo.

§ IV.

Será certo que se não dá utilidade alguma no uso do hyphen?

Ja se-viu que, ao menos, se-dão no anteposto as mesmas que no posposto, e conseguintemente a sentença foi proferida pelo nobre censor, ao prescrever o segundo.

Direi todavia mais. Éstas linhas de união servem menos para a pronúncia da palavra que para a intelligência rapida do trecho. Imprimem ao escripto mór clareza. Declaram instantaneamente ao leitor que entre aquellas duas palavras unidas existe reciprocidade, consórcio, relação íntima, promiscuidade; e, quando éstas vantagens carregam na concha de uma balança, em cuja outra concha não pesa sombra de inconveniente, devem indubitavelmente aconselhar adopção.

Ha mais: a analogia, a harmonia assim o-pres-

crevem. Porque rasão toleravel se-escreveria : *manda-se-nos*, e se-prohibiria escrever : *se-nos-manda* ?

Além d'essas utilidades, outra ha, de valia. Fica frequentemente o pronome intalado entre dous verbos; de qual d'elles é paciente ? Com o uso do hyphen, a resposta será immediata; sem elle, ficar-se-hia apalpando, 'numa momentanea perplexidade; por exemplo: *quero te-fugir*, *pódes me-mandar*, *etc*.

Por muitas conveniencias, parece, pois, recommendavel a generalização do hyphen, ligando os verbos, anterior ou posteriormente, aos seos pacientes pronominaes.

§ V.

Finalmente, ignorando o que sejam *palavras inclytas* (*), não comprehendo a argumentação final, nem posso responder á coarctada de que as conjuncções se não prendem por hyphen, pois fôra tomar ao serio o que é impossivel ter sido escripto sem surrir pelo nobre censor.

Ao que havia de *critica* 'neste poncto do Parecer, creio haver sufficientemente redarguido. Passemos a outro assumpto:

(*) Suspeito ser êrro de cópia, em vez de : *palavras encliticas*, apezar de não ter sido corrigido nas ulteriores publicações do sr. professor.

ARTIGO IV.

« A mudança que faz o auctor do *Iris Classico* do *e* mudo de algumas
« palavras para *i*, é contrária á indole da lingua portugueza, e reprovada pelos
« lexicographos. Elle escreve *intender, idificar, inxertar, intrigar, impe-*
« *nhar-se* etc. em vez de *entender, edificar, enxertar, entregar, empenhar,*
« etc ; a mesma alteração faz nos substantivos e adjectivos, derivados
« d'esses verbos. Ésta alteração deve ser reprovada, não só por contrária á
« indole da lingua portugueza, mas tambem porque em algumas palavras,
« como no verbo *intrar*, formaria um barbarismo, porque obrigaria a escre-
« ver : *eu intro, tu intras, eu intre, tu intres* ; e quando se quizesse oppor
« que o verbo ficaria irregular, dar-se-hia outro maior inconveniente, o de
« perder a regularidade de um verbo. É da indole da lingua mudar as pre-
« posições latinas *in, im,* em *en, em,* quando o sentido é positivo, e con-
« servar aquella inicial, quando negativo.

« Mui poucas palavras latinas existem em portuguez com o *in* ou *im* po-
« sitivo. A alteração, que se-vê causará aos principiantes a confusão do *in*
« nos sentidos affirmativo e negativo. »

(PARECER DOS CENSORES.)

O nobre censor usa frequentemente a expressão *indole da lingua portugueza*, de um modo assaz aventurado. Não applico eu essa expressão sinão ás peculiaridades congenitas, excepcionaes ; e si é assim, nunca o Parecer, a que alludo, imprega o termo com propriedade ; *mas, como resolvi collocar-me exclusivamente na defensiva*, passarei avante ; e, si de passagem toquei 'neste poncto, foi porque poderia attribuir-se á energica locução maior alcance do que ella comporta.

Ser-me-hia licito, em resposta, limitar-me a declarar que, na regra etymologica, acharia o docto crítico a solução de suas dúvidas; mas prefiro dissecar todas suas proposições, por se-me-affigurar que uma só d'ellas não ha, que deixe de ser *errada* e *perigosa* .

§ I.

É inexacto que os pensadores e mestres da lingua sejam unanimes em reprovar o uso do IN, *em vez de* EN, *como preposição.*

Repetirei que o aristotelico *magister dixit* não bastaria para convencer-me. Ao mundo inteiro contrariando-o, respondia Gallileo: *E pur si muove.* Ja na anterior Memoria estabeleci que, sendo a orthographia de nossos predecessores vária, antinomica, contradictoria, cumpria considerál-a como não existente, excepto nos ponctos que com a rasão e as regras se-conformassem. Portanto a práctica irracional de lexicographos não gosa, a meos olhos, de outros foros que a do vulgo, como adeante justificarei. Na declaração universal de que a orthographia está por estabelecer, se baseia o reconhecimento de que em orthographia não podem ser *irrecusaveis* auctoridades aquellas *que em nenhum systema se-estribam.*

É sestro de alguns não admittirem a verdade, sinão como acto de podêr executivo, com a referenda de um alto ministro responsavel. Si eu tiver rasão, a lamentavel obscuridade do meo nome a-annullará!

Pois bem! já que assim é, e o uso do *in* inicial, por ser só recommendação minha, tem de ser proscripto, apresentarei respeitosos imbargos ao accordam, porquanto sou apenas triste echo de muito auctorizadas

vozes. Citarei, entre varios, uma das mais altas intelligências, nas terras da nossa lingua, o desembargador Borges Carneiro, que, a páginas 176 da sua *Grammática e orthographia portugueza*, impressa ha 40 annos, se exprime assim:

« Outra consequencia da nossa regra fundamental se-vê nas palavras que no latim principiam por *im* ou *in* (pela maior parte compostas da preposição *in*), e assim mesmo em portuguez, como *impedir*, *impeto*, *impetrar*, *inimigo*, *injusto*, *incumbencia*, *etc*. Não foi, portanto, sinão pela inadvertencia que os nossos maiores tinham a respeito da etymologia, que se-introduziu escrever algumas d'ellas por *em* ou *en*: aberração ésta que devemos emendar, escrevendo como no latim, *ingenho*, *inferno*, *intendimento*, *incantar*, *incantamento*, *illaçar* (*illaqueare*), *etc. ibid*, como guiados pela dicta regra emendámos ja *imminente* (por sobranceiro, não excellente) *imperador*, *impigem*, *incarnação*, *incenso*, *informação*, *inquiridor*, *impedir*, *involver*, *inveja*, *imprensa*, *imprimir*, *inculcar*, *informar*, *infundir*, *interêsse*, *interromper*, *investigar*, e outras que algum tempo se-escreveram por *en* e *em*. »

Citarei, entre muitos, o visconde de Almeida Garrett, que pugnou por ésta orthographia, e practicamente a-usou. Leia-se, por ex., o prologo á *Lyrica de João Minimo*, e ahi acharão: *impenhar*, *insanchar*, *implastar*, *ingasgar*, *incarniçar*, *interrar*, *intender*, *impestar*, *inrugar*, *incanecer*, *impregar*, *incantar*, *etc*.,

etc. (*em opposição com a virgem doctrina dos* EN *positivos e* IN *negativos*).

Omittirei identicas outras transcripções; ficando desde ja assente que nada provaria, quando fôssem a uma boa regra contrarios todos os escriptores da actual cacographia — que menos humildes vozes que a minha hão pugnado pela devida restituição do *in* — que ja nas poucas linhas transcriptas apparecem motivos irrecusaveis para essa urgente reforma.

§ II.

É inexacto que a indole da lingua mande trocar as preposições latinas IN, IM, *em* EN, EM.

De que lingua se-tracta? Da escripta ou da falada?

Da escripta! Então, si dever servir-nos de regra, para não melhorarmos nem alterarmos, o escrever errado dos velhos portuguezes, voltemos ao chaos e renunciemos a pôr-lhe ordem(*)! Pois como? Estamos dis-

(*) Si isso é rasão, escrevamos: *moirer*, *sentiredes*, *seer*, *algunha*, *desy*, *sen*, *rem*, *alá*, *nembrar*, *nozir*, *gradesco*, *trobar*, e milheiros de outras, que hoje, pela mor parte existem, mas melhoradas, pela restituição á analogia.

Ha actualmeute muito maior uniformidade, como tambem mais pureza. S. Rosa Viterbo, no *Elucidario*, nota que, em innumeraveis dos nossos antigos documentos variava a escripta á proporção da pronúncia, que muitas vezes até em cada provincia discordava! *Verbi gratia*: S. Cibrão, S. Cipriam, S. Cibriam, S. Cidram, por S. Cypriano! — Sanhoane, Sanoanne, Sanoane, S. Oan, S. Jam, S. Jom, por S. João! — Serão estes os antigos usos orthographicos que a regra de *escrever segundo a indole* nos-aconselha?

cutindo a reforma do escrever portuguez : logo é signal de que o-considerâmos incorrecto. Si é incorrecto, ¿como se-irá procurar 'nessa mesma incorrecção o motivo de o-perpetuar ? Comquanto seja certo, que desde antigos tempos se-ha conservado o êrro de escrever *en* no lugar de *in*, nunca êrro constituiria natureza, que não devesse curar-se, sinão depois de se-nos-provar ser crime a orthopedia, que indireita um membro, ainda quando á propria nascença houvesse sahido tôrto. Não é, portanto, com a lingua escripta que se-nos-póde argumentar.

Será com a lingua falada ? Então ainda o êrro se-tornaria mais palpavel. Ninguem, que fale correctamente o portuguez, pronunciará sinão soando *in* as palavras : *impossivel*, *invencivel*, *entrar* ou *embargo* ; as preposições *im*, *in*, *en*, *em*, lêm-se indistinctamente *in*, na quasi totalidade das palavras portuguezas. É o instincto da perfeição arcando com o desvairar do exemplo ; é a sanctidade do direito revoltando-se contra a brutalidade do facto. Si portanto a palavra, quando de origem latina, tem sempre o som *in*, e a derivação é egualmente *in*, que significou a velha, stulta transformação em *en*? Importámos inalterado do latim o verbo *intendo* ; a derivação manda escrever *in* ; não se-oppõe a pronúncia, que dá *in* egualmente : ¿ que explicação póde haver para motivar a mudança do *in* etymologico e phonico, 'num *en* que nem se-pronuncía assim, nem assim se-deriva ?

Parece, conseguintemente, heterodoxo bradar-se

que a IND OLE do portuguez converteu as preposições *im*, *in* , em *em*, *en*. É ver as cousas pela rama. A lingua incorrectamente escripta nada prova; a lingua correctamente falada prova o contrário.

Ora agora, vou mais longe : nem mesmo nas palavras de preposição portugueza, se-deve escrever sinão *in*, apezar do uso. Vejamos :

É certo que as preposições *in*, *inter* (depois de apalpadelas, pois tambem se-escreveu *on*, *antre*, etc.) fixaram troca do *i* em *e*,analogamente a outras linguas, dizendo-se *em*, *entre* (*),como tambem preferimos *e* em *elle*, *este*, *sem*, etc.; mas, após esta corrupção da preposição *em*, os nossos, como invergonhados, corrigiram-se,no pronunciar dos vocabulos compostos. Não ha quasi uma só palavra (cousa curiosa!) que, apezar de escripta com *em* portuguez inicial, não seja lida por grão número dos competentes (e esses são os que lêm correctamente), como si alli estivesse *im*. *Embaraçar*, *embaciar*, *embaír*, *embaínhar*, *embalançar*, *embalsamar*, *embandeirar*, *embaralhar*, quasi todas se-pronunciam como si a primeira syllaba fôsse *im*.

(*) ¿ E quem sabe si ésta palavra *em*, quando simples e independente de composições, terá mais alta origem? ¿ Não será resto do idioma lusitano? ¿ Não torna provavel ésta suspeita a observação de que, antes dos latinos, conversámos os gregos,os quaes pronunciavam *en*, *eni*, *ein*, talvez com um som exactamente egual ao do nosso hodierno *em*? Uma cousa é o som da palavra simples; outro quando entra como ingrediente de outra palavra.

O proprio *em* fundido com o artigo, e supprimindo a primeira vogal, foi logo transformar-se em *no*, *na*, (isto é, *in o*, *in a*,) e não *mo*, *ma*, como succederia si a palavra composta fôsse buscar o *em* portuguez ; e assim : *'neste*, *'naquelle*, *'noutro*, *'num*, e em todos os casos analogos. D'aqui se-collige que 'numa circumstância unica (a palavra simples, e talvez raras compostas e nem amalgamadas, como *emfim*, *embora*), o graphar se-alterou; nos mil casos (a quasi universalidade das palavras compostas) a orthographia se-conservou pura. Fôra cousa nunca vista, que a excepção impozesse leis á regra ; que a minoria sobrepujasse a maioria. Èsta determina que o proprio *em* portuguez, iniciando palavra portugueza, se-leia e escreva *im*, como em todos os casos de analogas composições, derivadas de outros idiomas. (*)

(*) Em similhantes peculiaridades é que se-estuda a *indole* da lingua. A de que ora nos-occupâmos, por exemplo, é excepcional do portuguez. Os francezes, convertendo o *in* em *en* (como de *inversus* fizeram *envers*, *etc.*), e lendo-o *an*, conservaram este valor, tanto no termo simples, como em todos seos compostos, ou sejam de origem latina, ou de combinação franceza (*) ; como : *enluminer*, *enlever*, *enjamber*, *enjoliver*, *enraciner*, *enrayer*, *ensemencer*, finalmente em todas, pois só pronunciam *in* como nós em expressões tiradas do latim ou do italiano, como *in manus*, *in naturalibus*, *in pace*, *in petto*, *in reatu*, *etc.* Nós, porém, si um instante, na palavra simples, voltámos costas a nossa mãe, para logo arrependidos nos-abraçámos a ella, no som de todas as palavras compostas. Quando analogo á verdadeira derivação, deve ahi escrever-se como se-deriva e soa.

(*) E não só do *in* fizeram *en*, lendo *an*, mas onde conservaram, na composição o *in*, poseram-se a ler *ein !* Por isso diz Du Rozoir : — « Póde dizer-se que os povos « do norte e os francezes até o alphabeto grego e romano alteraram ! Pronunciam *e* « como si fôsse *a* em *prudent ;* o *i* como *e* em *invincible*. Foram essas anomalías todas « da orthographia franceza que fizeram a Voltaire exclamar que *só o hábito lhes-póde* « *supportar a incongruidade.* »

Note-se mais que ja hoje somos obrigados a introduzir variações do uso em vocabulos, cuja primeira syllaba nasce do *im* latino , e não do *em* portuguez (*). Si pois essas alterações são forçadas , façam-se , em todos os casos similhantes , tanto mais quanto d'ahi resultará uniformidade e simplificação da orthographia.

Antes de passar avante, importa aquilatar o valor do argumento de ser *indole da lingua portugueza* a mudança do *in* em *en*. Não nego que, si fôsse isto peculiaridade da nossa lingua, idiotismo, feição excepcional, um sentimento de justa veneração bem poderia explicar o respeito á arca sancta. Mas não é assim : nas linguas neo-latinas, toletana e mais hispanholas, roman, provençal, franceza, e italiana se-perpetrou egual transformação do *in* no *en*, a qual, não sendo particularmente nossa, não tem jus a uma patriotica latria.

E por ésta occasião, direi ser commum (do que nôvo documento se-nos-acaba de dar) tentar demover-se-nos da estrada que trilhâmos, com dizer-se que taes mudanças devem ser adoptadas, por isso que as-naturalizou a lingua italiana, aquella que ainda hoje se-usa no proprio torrão de Roma, Napoles, Mantua e Sulmona. Admirando a lingua italiana, em seos dotes de suavidade e harmonia (sim ou não exaggerada), reconheço todavia que ella se-afastou mais que a portugueza do latim. Nem surprenda o *phenomeno!* Talvez se-dê, não *a pezar de*, mas *por causa de* habitarem esses povos no proprio territorio do Lacio. O decaír da lingua dos Ciceros nasceu das irrupções *dos barbaros*, e não houve terra mais por elles victimada que o solo romano. Eis a origem de mil vicios e barbarismos, resultantes do tracto com barbaros. O italiano é apenas uma ruina majestosa de perfeita architectura, que permitte addivinhar a grandeza do monumento, através das edificações grottescas que o-occultam ou desfeiam.

(*) Traçam usualmente EM*beber*, palavra que vem de IM*bibo;* EM*buste*, vindo de IM*posito?* EM*pécer*, de IM*pedicare;* EM*pregar;* de IM*plicare;* EM*pinhorar*, de IM*pignorare;* EM*briagar*, de *inebriare, etc.* , *etc.;* assim como tambem EM*pôla*, vindo de AM*pulla!* EM*bigo*, vindo de UM*bilico!* e outras quejandas monstruosidades.

§ III.

É infundado o argumento, saccado do verbo INTRAR *e outros similhantes.*

Em primeiro logar, poderia considerar como habil estrategia, o apregoar a existencia de ALGUMAS palavras, nas condições d'essa, cuja primeira syllaba, ora se-leia *en*, ora *in*, si o elevado conceito que formo do meo juiz me-permittisse explicar sua asserção por outra cousa que um descuido. Não me -occorre em taes circumstâncias mais que a palavra *imcher*, proferida no indicativo: eu *encho*, como *intrar*, *eu entro!* Não vêdes vós a grande necessidade de destruir regras universaes, por causa de duas palavras entre tantos milheiros, que compõem a lingua?

Diz-se que isto arrastaria ao barbarismo de forçar a conjugar: *eu intro*, *tu intras!* Por certo! do mesmo modo que do verbo *seguir* concluo eu disparatadamente que se-deve dizer: *eu sego*: de *pentear*, *eu pentéo*; de *medir* e *pedir*, *eu medo* e *eu pedo*; de *dormir*, *eu dormo*; de *perder*, *trazer*, *sair* e *valer*, *eu perdo*, *trazo*, *sáo* e *valo*, e uma montanha de outras bellezas, no genero do epigramma do nobre censor.

Resalva-se elle, dizendo que, a não se-conjugar *eu intro*, perderemos a regularidade do verbo! Como assim? pois o verbo é regular? isto é questão de futuro condicional ou de passado? Desde que o

ouvido escuta no infinitivo *intrar*, e no indicativo *eu entro*, o verbo é irregularissimo; e portanto só resta que aos olhos se-reproduza uma irregularidade que preexiste, e não se-inventou (*).

(*) Demais, essa inculcada regularidade só existe na pronunciação amaneirada e erronea dos que timbram em espivitar uniformemente o *en* de *entro*, *entrâmos*, *entrais*.

Mas éstas antinomias e irregularidades que a orthographia etymologica (e bastava dizer orthographia) não hesita em acceitar; que os etymologos como o marquês de Paranaguá e o seo consocio na academia real, Ferreira da Costa, levam ainda mais longe, escrevendo *concorrem* e *concurrer*, *discorrem* e *discurrer*; e que os editores da *Lysia Poetica* vão accrescentando com as novas conjugações de *dubrar* e *dòbro*, *subrar* e *sòbro*, *curtar* e *corto*, *suffrer* e *soffro*; éstas irregularidades, digo, são tambem da cacographia de uso, que escreve na mesma familia de palavras:

Sete, *setenta*, *septuagesima*, *septenario*, *septentrião*;
Estender, *extensão*, *extensivo*;
Sanctuario, *santo*;
Junto, *conjuncto*;
Lição, *leccionar*, *prelecção*;
Dito, *dictar*, *interdicto*;
Misanthropo, *philantropia*;
Hum, *uno*, *unico*;
Penhor, *pignoraticio*;
Roto, *corrupto*;
Rima, *rhythmo*;
Escola, *scholiaste*;
Fallar, *confabular*;
Myrrha, *mirrado*;
Local, *lugar*:
Tratar, *extractar*;
Outubro, *octogesimo*;
Correr, *discurso*, *excursão*;
Igreja, *ecclesiastico*;
Horrido, *aborrido*;
Hespanha, *hispanico*;
Luta, *reluctancia*, *etc.*, *etc.*, *etc.*

A ésta lista de incorrecções teriamos de accrescentar:

Entrar—introito, *intrancia*, *reintrante*.

§ IV.

São completamente gratuitas as asserções de que a indole muda o IN *latino em* EN *quando o sentido é positivo, e conserva o* IN *quando negativo, sendo raras as palavras portuguezas que conservem o* IN, *com sentido positivo.*

Pobre *indole da lingua portugueza* ! a que mortificações não estás subjeita !

Perdoe-me o docto crítico: não só tal não é a *indole*, mas nem siquer existe a imaginária distincção; e são tantas, tantas as palavras portuguezas que conservam o *in*, em sentido positivo, que quasi nem scei si o seo número não excede a das de sentido negativo! (*)

(*) Alguns dos muitos vocabulos em que têm « valor positivo »:

Imbuir, etc.; immersão, etc.; imminencia, etc.; immolar; impedir, etc.; impellir, etc.; impender, etc.; impeto; impetrar; impingir; implantar; implicar; implicito; implorar; impor; importação; importe, etc.; impostor; impostura; imprecação; impregnar; imprensa; imprimir; impulso; imputar; incutir; inaugurar; incendiar; incêndio; inchar; incidente; incinerar; incitar; inclinar; incluir; inclyto; incola; incontrar; incorporar; incorrer; incurso; incremento; increpar; incubação; inculcar; incumbir; indigitar; inducção; induzir; inebriar; inflammar; influencia; influir; informação, etc.; infracção; infundir; infusão; ingerir; ingrediente; ingreme; ingresso; inherente; iniciar; inicial; injectar; injecção; innovação; innovar; inquirir; inscrever; insculpir; inserir; insigne; insinuar; insistir; inspecção; inspector; inspiração; inspirar; instar; instaurar; instigar; instillar; instincto; instituir; instruir; instrumento; insufflar; insultar; insurgir; insenso; intentar; inti-

Assim anniquilada a base de facto, em que se-exalçava o phantastico arcabouço do argumento, caducam os corollarios de um princípio falso, e la fica Ixion abraçado com a nuvem.

ARTIGO V.

« Faz mal o *Iris Classico* em mudar o *i* para *e* nas palavras : *idade*, « *igual, igreja,* escrevendo *egual, edade, egreja,* alteração inutil, e con- « trária á orthographia inveterada. É contra a boa rasão, porque não res- « taura a orthographia da palavra latina, e altera a portugueza, formando « uma especie de barbarismo, pois *edade*, *egual*, *egreja*, nem é latim nem « portuguez : o latim é *œtas, œtatis*; *œqualis, œquale*; *ecclesia, ecclesiœ*, « d'onde se-vê que se-fizeram muitas alterações. »

(Parecer dos censores).

Ha aqui mais do que uma asserção, e todas se-me-antolham pouco acceitaveis ou meditadas. Procedamos methodicamente.

tular; intricar; intumecido; inundar; invadir; inverter ; investigar ; investir ; inveterado; invocar ; invocação, etc.

Só aqui estão septenta verbos. Juncte-lhes o censor todas as modificações, e mande-os escrever com *e*, para que as creanças se não embaracem na intelligência da inceptiva *in* !

Isto que succede comnosco, deu-se com o latim, pois não só ahi era o *in* particula , como preposição que regia accusativo e ablativo. Ora, na composição, longe de significar essa sonhada missão de exclusivas negações, representava tambem superposição , applicação, repouso, permanencia, direcção, tendencia.... e até ás vezes (o que é mais) accrescentava á intimativa do simples.

§ I.

É inexacto que exista graphia inveterada de IDADE, IGUAL, IGREJA, *e que os exemplos em contrário sejam apenas em raros escriptores.*

E pois que o meo censor tanto se-imbevece nas prácticas orthographicas de uma lingua que ainda não assentou a orthographia ; e pois que pretende transformar-nos em carneiros de Panurgio; no seo mesmo terreno o-seguirei, com quanto haja declarado que não se-tracta de examinar o que outros disseram, mas sim de estabelecer o que deva respeitar-se.

Começarei, porém, por provar que ainda no facto delatado se-ingannou.

Carlos Augusto de Figueiredo Vieira, auctor de um breve mas meditado, racional e precioso *Ensaio sôbre a orthographia portugueza* (Pôrto, 1844), diz a este proposito :

« Quando em portuguez corresponder á vogal da palavra originária, alguma das que em nossa lingua se-trocam e confundem, usaremos da que melhor se-conformar com a do radical. Devemos, pois, continuar a escrever a conjuncção *e*, como até aqui se-fazia, por ser derivada do *et* latino, apezar de na pronúncia parecer que mais soa *i* do que

e; e devemos tambem escrever *egual*, *edade* com *e* no princípio, por ser isso conforme a etymologia e indifferente para a pronúncia. »

Constancio (*o melhor lexicographo da lingua portugueza*), assentando os canones da nossa orthographia, estabelece o seguinte preceito fundamental:

« Regra I. Nas palavras derivadas do latim devem conservar-se todas as lettras que o uso, não absolutamente antiquado, tem conservado aos vocabulos latinos puros, ou convertidos em vozes portuguezas por mudança de terminação, transposição, omissão, addição ou substituição de lettra ou lettras.

« Portanto, havendo entre os auctores classicos antigos ou *entre os bons escriptores modernos* ALGUM que mais se-incoste á derivação, deverá ser seguido de preferencia aos mais. » (*Nôvo Diccionario critico e etymologico*, ed. de 1844, pág. XLVIII).

E accrescenta, a pág. L:

« Emquanto ás vogaes, deve egualmente seguir-se a regra geral da derivação combinada com a analogia das inflexões, e com a pronúncia constante. »

Ora, em que pêz aos ramerraneiros, grande

número de bons escriptores contemporaneos se-serve de *e* na inicial de *edade*, *egreja*, *egual* (*).

(*) Tenho aqui á mão algumas publicações modernas, portuguezas e brazileiras. Verifiquemos :

Escrevem *egual*, *edade*, etc.

O visconde de Almeida-Garrett, *Obras*, Lisboa, 1839-1856 ;

O sr. Mendes Leal, Junior, *Canticos*, Lisboa, 1858;

O sr. Innocencio Francisco da Silva, na sua classica edição das *Poesias de Bocage*, 6 tomos, Lisboa, 1853; e no *Dicc. Bibliographico Port.*, 1858 e seguintes ;

O sr. Pina Manique, *Ensaio phraseologico da lingua portugueza*, Lisboa, 1856;

O sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, distincto professor de oratoria, poetica e litteratura classica no lyceo nacional de Coimbra, *Instituições elementares de Rhetorica*, Coimbra, 1857 ; *Bosquejo Historico da Litteratura Classica*, 1856;

O sr. Francisco Evaristo Leoni, no seo profundo e eruditissimo estudo do *Genio da lingua portugueza*, 2 tomos, Lisboa, 1858 ;

A *Encyclopedia das Escholas de* INSTRUCÇÃO PRIMÁRIA, Lisboa, 1857 (**).

O sr. João de Lémos, *Cancioneiro*, Lisboa, 1858;

O professor Jose da Fonseca, *Dicc. Portuguez-Francez e Francez-Portuguez*, París, 1850 (***) ;

O sr. D. José Maria Correia de Lacerda, no *Diccionario da lingua portugueza*, 2 tomos, Lisboa, 1859-1860 ;

O *Archivo Pittoresco*, semanario illustrado de Lisboa, que não cede ás publicações francezas do genero, seja em merito litterario, seja em nitidez typographica.

O sr. L. M. (dr. Landulpho Medrado): *Os cortezãos e a viagem do imperador*, Bahía, 1860 ;

(**) Ahi se-defende nervosamente a orthographia etymologica ; ahi se-propõem questões de primeira discussão que « *convencem de impossivel toda a reforma que intentasse remodelar radicalmente a lingua falada para a-representar depois rigorosamente por um systema de signaes phoneticos.* »

(***) Declarando que o-resolveu a imprehender este fastioso trabalho o « desejo de realizar um projecto que ha muito meditava, qual o de fixar a orthographia portugueza, escorando-se na auctoridade de nossos melhores orthographos, ou recorrendo ás etymologias grega e latina, quando não escreveram correctamente as palavras », dá em lettra romana os vocabulos *edade*, *egual* assim escriptos, e lança em italico as modificações orthographicas, isto é, a sua incorrecta orthographia.

§ II.

Que se-inganna o censor, dizendo que EDADE, *vem de* ÆTAS *ou* ÆTATIS; EGUAL *de* ÆQUALIS, *etc.*, *e que o portuguez fez grandes alterações.*

Pelo contrário, seguiram tão ligeiras mudanças as mais suaves das leis. Todas essas palavras, como

O sr. dr. José Alexandre Teixeira de Mello, *Sombras e Sonhos*, nitida e caprichosa edição do Rio de Janeiro, 1858 ;

O *Almanach do Maranhão para* 1860 ;

O *Diario do Rio de Janeiro* em 1858 ;

A *Revista popular, jornal illustrado*, Rio, 1859-1860 ;

O marquês de Paranaguá, *Elementos de geometria*, 5.ª edição authêntica, Rio de Janeiro, 1846 ;

A *Lysia Poetica*, nova serie, Rio, 1857 ;

O sr. J. T. Cabral de Mendonça, *Compêndio de Orthographia Portugueza*, Lisboa, 1860 , diz, a pág. 220, que *edade, egual, egreja* é melhor orthographia que *idade, igual, igreja.*

Aproveito o insejo para dar notícia d'ésta última obra :

Hoje, 2 de octubro de 1860, revia eu, ja 'nesta altura , as provas da presente 2.ª edição, quando me-chega ás mãos um livro recem-impresso em Lisboa, composto pelo sr. Julio Teixeira Cabral de Mendonça , intitulado : *Compêndio de orthographia portugueza, accommodado á intelligência das pessoas que ignoram o latim, etc.* , volume de 277 páginas, sendo 40 de regras, e o resto de vocabulario, ou tabellas.

É ainda outra prova de quanto a attenção pública se-acha inclinada para similhantes assumptos. As modestas aspirações do auctor vedaram-lhe debater os principios, e motivar escolhas, limitando-se por isso á parte dispositiva, em fórma de aphorismos.

Eis a segunda proposição do *Compêndio* : — « *Qual a orthographia mais geralmente adoptada ?* »— « *É a etymologica , isto é, a que insina a escrever as palavras, conforme a origem d'ellas.* » Folguei de ver este nôvo cavalleiro em nossa cruzada ; porém reconhecendo que elle determinava se-graphassem os vocabulos *engenho*,

busquei demonstrar, vem, não do nominativo ou genetivo, mas do ablativo.

Ora, a regra geral da derivação diz-me que o diphthongo latino Æ sempre em portuguez se-converte em *e*. (*)

sujeitar, *cobarde*, *taboa*, *tisica*, *sahir*, *resplandor*, *necedade*, *isenção*, *caderno*, *estrenuo*, *estavel*, *embeber*, *etc.*, *etc.*, emquanto prescrevia orthographia em *gibboso*, *sabbado*, *acceso*, *accôrdo*, *becco*, *peccado*, *sacco*, *Thaddeu*, *exaggerar*, *sommar*, *etc.*, e até apresentava palavras escriptas diversamente da etymologia e do som (manda escrever *abbade*, *abadeça*, *etc.*, *etc.*), tive de examinar qual era seo systema, e colhi, da *Advertencia*, ser principalmente a etymologia, modificada pelo uso dos mais distinctos escriptores contemporaneos. Ora, como os modernos, tanto como os antigos, diversificam; como se -póde ser, na actualidade, optimo escriptor, e pessimo orthógrapho; e como, finalmente, eu me não supponho auctorizado a qualificar e extremar superioridades, concluo que o nôvo livro assenta sôbre os dous pilares do uso e do eclectismo, com o contraforte da etymologia para as perplexidades. Como systema, ja sôbre elle ficou, bem ou mal, emittida opinião.

Revela, porém, este trabalho tão sincero e ingenuo desejo de ser util ás lettras, que o tempo e meditação levarão sem dúvida seo auctor a firmar mais solidamente os principios e applicações, em segunda edição. Não parecem fundamentaes os ponctos de divergencia.

(*) Ahi estão, para o-comprovar, todos os nomes historicos, todos os de geographia e mythographia — *Eaco*, *Egeo*, *Emilio*, *Eneida*, *Esculapio*, *Eschylo*, *Eson*, *Esopo*, *Ethiopia*, *Etna*, *Egypto*, *Eolo*, *Eschines*, *etc.*

Edificar, *edilidade*, *émulo*, *enigma*, *eolio*, *equoreo*, *erario*, *eripede*, *estimar*, *estivo*, *eterno*, *ésto*, *ether*, *evo*, *ecloga*, *economia*, *ecumenico*, *etc.*

Ora, um observador judicioso, o auctor da *Orthographia da lingua portugueza*, publicada em París sob o pseudonymo de Tristão da Cunha Portugal, intende que:

« Sendo todas as excepções, como em verdade são, extravios da regra simples e natural, deveremos forcejar polas trazer rasoavelmente á generalidade da mesma regra, para que a lingua se-torne, quanto ser possa, regular e uniforme. »

Portanto : o ablativo *œtate*, com a vulgarissima troca do *t* em *d*, representa exactamente a palavra *edade*.

O ablativo *œquale* (ou, como creio ter mostrado, por causa do *e* mudo, *œqual*) com a vulgarissima troca das gutturaes *q* e *g*, dá exactamente *egual*.

Finalmente o ablativo *ecclesia*, seguindo leis de permuta frequentes (*), origina (um pouco mais remota, porém mui reconhecivelmente) *egreja*.

Descobre-se a mais íntima consanguinidade entre as citadas palavras portuguezas e latinas, e, longe de resultar um barbarismo de escrever conforme recommendo, proviria do contrário a monstruosidade de serem as palavras *egual*, *edade*, as *unicas* derivadas do *œ* latino, que deixassem em portuguez de se-escrever com *e* !

§ III.

Espirito do argumento de que EDADE, EGUAL, EGREJA, *não são latim nem portuguez.*

Ora, que significará isto ? Pois alguem disse jamais que o portuguez é o latim ? Disse-se, sim, que

(*) Tres mudanças todas naturaes : *C* duro em *G* (gutturaes); *L* em *R* (linguo-palataes) como em *clavo*, cravo ; *gluten*, grude ; *blando*, brando ; *flaco*, fraco, etc. ; *idia*, *esia*, *asio*, etc. em *ejo*, *eja*, como em *invidia*, inveja ; *cervisia*, cerveja ; *basio*, bejo ; *desiderio*, desejo ; *casio*, quejo ; *hodie*, hoje, etc.

era *filho do latim*, e que ésta filiação legítima lhe-assegurava similhanças physionomicas, e nos gestos, e nos modos, e nas qualidades, e na herança ; mas, por isso mesmo que dizemos ser filho de um pae, reconhecemos ser entidade diversa d'esse pae. Si as palavras não forem exactamente as mesmas, ao menos approximem-se, quanto ser possa, embora a plena superposição se-torne impracticavel.

E pessimos argumentos são estes, que provam de mais ! Si o nobre censor intende que, por não ser a palavra portugueza nem latina, se não deve orthographar etymologicamente, e sim conforme o soar, então escreva *istio* e não *estio*, porque, apezar de vir de *æstate*, pronuncía ouvindo *i*; troque o *hodie*, o *excidere*, por *oje*, *isquecer*, e faça na escripta portugueza um olympo de alterações, que a sua regra impõem.

§ IV.

De como escrever com E EDADE, *etc. não é ocioso nem contrário á boa rasão.*

Contrário á boa rasão será escrever com *i*:

1.° Porque entre muitas palavras derivadas do *æ* latim, e que todas se-orthographam com *e*, appareceriam unicamente éstas, com algumas suas derivadas, apresentando a anomalia de serem escriptas com *i*.

2.° Porque se-fugiria ao princípio fundamental da etymologia.

3.º Porque mil vezes, em portuguez, as palavras, começadas por *e*, formando syllaba, produzem o som *i*. (*)

4.º Porque, além das mais contradicções, dar-se-hia o vergonhoso espectaculo da mesma palavra, intrando com os mesmos elementos, e soando estes da mesma fórma, na combinação de outras, todavia escripta, sem sombra de motivo, com lettras diversas. (**)

§ V.

Erros typographicos.

Censura o sr. professor haver eu adoptado anti-etymologicamente a lettra *i* em logar do *e*, na palavra *edificio* (***).

(*) São tão numerosas, que fôra mister imcher páginas de transcripções : *ebullição, eburneo, eclipse, edição, edital, educar, effectivo, efficacia, effusão, egregio, egresso, elaborar, elastico, eleição, electrisar, elegancia, elegia, elemento*....INOPEM ME COPIA FECIT.

(**) Quizera ouvir uma explicação da orthographia usual, que a par de *igual, igualdade*, escreve *equidade, equabilidade, equivoco, equador, equidistante, equilatero, equinoccio, equivalente, equiparar, equação*, etc. Teriamos, nas mesmas palavras, lettras fecundas e maninhas ? Para o estudo de taes monstruosidades, e taes theorias de anatomia philosophica, fôra mister evocar um exército de Geoffroys Saint-Hilaires linguisticos.

(***) Quando a composição typographica d'este trabalho ja ia mui adeantada, chegaram-me ás mãos os n.os 197 e 201 do *Diario das Alagoas*, onde apparecem dous artigos que, pela integral communidade de ideas e argumentos, ousaria attribuir ao mesmo erudito meo

Poderia limitar-me a dizer que é uma incorrecção typographica, a olhos vista, e prouvera a Deus que 'numa obra tão longa e tão rapidamente publicada se

censor, si não receasse accusação de injúria, por confundir com a linguagem de S. S.ª ést'outra, por certo muito menos medida e comedida. No emtanto, por attenção á gravidade do assumpto, houvera espremido dos referidos artigos, para tranquillo debate, os argumentos, si um unico achasse nôvo, ou que 'nesta Memoria não estivesse bem ou mal aquilatado.

Só descubro o seguinte trecho, que não seja reproducção, escripto com rispidez menor, e que lealmente transcreverei :

— « É extraordinario, no *Iris*, o número de vocabulos, que « começam por *i* (contra a orthographia dos diccionarios), e contan- « do um de cada familia, sommei 76. Digo : *de cada familia*, porque « não intraram na conta dos derivados e vice-versa, os compos- « tos, etc. »

Qui dixerit fratri suo Raca, reus erit gehennæ ignis. Aqui verá o escriptor quão cautelosos devemos ser no chamar nosso irmão *Raca*, pois logo 'nessas linhas de accusação foi víctima de typographos (attenta a impossibilidade que lhe-reconheço de commetter rudimentares erros grammaticaes).

É curiosíssimo o seo culto á *ignota Dea*, orthographia dos diccionarios ! Peço licença para repetir-lhe que desde Bento Pereira e Bluteau até Lacerda e Ramalho, cada lexicographo, como cada classico, adopta usos proprios e diversos entre o multiforme escrever. Essa não é a questão, e, sim, si o proposto systema é digno de approvação. Sendo-o, deverá antes elogiar-se a uniformidade revelada pelo improbo trabalho a que o articulista se-deu de sommar todos os vocabulos do *Iris*, para arregimentar as suas 76 familias. É demasiada honra.

Continúa elle :

« Pelo systema etymologico, que o ... Castilho diz que quer « seguir até ao fanatismo, só achei que foram escriptas septe pala- » vras.... Mas achei que outras foram escriptas contra a etymolo- « gia, como *idificar*, *imendar*, *imporio*, *imolumentos*, *inorme*, *iqui-* « *librio* (contra ésta não devia bradar quem escreve *igual*), *imulação*, « *iloquencia*. »

Será certo que essas palavras se-acham assim impressas na primeira edição ? (na segunda estou persuadido que nunca). Si o-estão, agradeço ao meo obsequioso collaborador, por ter tido a

não repetisse muito maior número, que francamente reconheço haver.

Poderia accrescentar que a primeira edição do *Iris Classico* não pôde ser por mim revista, e quando

bondade de fazer esse rol de erratas, lamentando somente que não completasse o serviço, indicando as páginas de suas referencias.

Si em 250 páginas, algumas de lettra microscopica, existem essas oito anomalias, julgava eu que um Aristarcho, e não Zoilo, reconheceria incontinenti não poderem ser sinão incurias typographicas, desde que tão alto proclamei ser minha regra a etymologica, devendo-lhe bastar o baluarte em que me-intrincheirava.

Sabe o articulista o que póde produzir de erros o solo feracissimo da composição typographica? Lance olhos para as poucas linhas que traçou, e seja para comigo tão justo como eu o-sou, quando lhe não attribuo os erros que ahi leio, taes como: — *lingoa* — *apezar que* — *dirivados* — *rasão sem rasão* — *uma conformidade* — *trastornar*, *etc.*

A estreiteza do tempo não me-permitte examinar de nôvo o *Iris* inteiro, para descobrir os (não aponctados) logares onde se achem os arguídos erros typographicos, mas um superficial lanço de olhos ja me-convence da leviandade da accusação, podendo affirmar que se-lêm orthographadas as referidas palavras com toda a correcção, nas seguintes páginas d'esse livro:

Eloquencia: — pág. 135 lin. 12—160,40—182,43—187,10
188,7—188,24— 189,21—189,40—229,31
—23,21—33,6—35,28—53,39—80,18
Emendar: — 168,46—177,8—186,46—221,44—65,34
Emulação: — 157,21—19,7
Enorme: — 222,8
Equilibrio: — 8,32.

Quanto aos erros *iquilibrio*, *inorme*, não os-achei, e sempre vi esses vocabulos bem escriptos. Quanto aos *imporio*, *imolumento*, só uma vez.

Nem se-perca de vista a difficuldade orthographica de uma primeira edição de excerptos de mais de 60 auctores, cada um dos quaes escrevia diversamente. Foi uma primeira tentativa de uniformização, que ja na segunda edição (não ainda expurgada, antes cheia de apalpadellas, indecisões e receios) se-melhorou. Cada successiva edição irá buscando corresponder ao público favor.

eu recebia ésta censura, ja dos prelos havia saído segunda edição, onde aquelle êrro se não repetiu.

Mas o que me-assombra é a perspicacia no descobrir tal troca de lettra (que realmente existe), e a cegueira para reconhecer a prova evidente de ser puro descuido typographico, visto como em muitos outros logares se-lêm as palavras *edificio*, *edificar*, assim correctamente traçadas! como por exemplo: pág. 137 lin. 14—143, l. 21—181, l. 20—172, l. 37—187, l. 24—223, l. 10—9, l. 7—33, l. 2—57, l. 14—65, l. 7—61, l. 9—71, l. 17.

ARTIGO VI.

« É mal escripto *docto, doctor, doctrina,* pois a pronúncia converteu o
« *c* em *u* no diphthongo, que bem distincto sôa em *douto.* Nisto dá um
« bom exemplo um escriptor distincto, que traça as palavras *sancto, sancti-*
« *ficar, e douto, doutrina.* »

(Parecer dos censores.)

Por maior que seja o meo respeito a qualquer nome justamente illustre, *magis amica veritas*! Não me-deslumbrarão citações, quando 'nellas intervir contradicção flagrante, indesculpavel. Si se-segue o som, deve escrever-se *santo*; si a derivação, *doctrina.* Quanto se-practicar ao revez d'estes principios, será desordem.

Direi, com Varrão, que o esmerilhar de palavras

no vasto pelago da lingua, para da sua adulteração pelo attrito, e pelo uso, concluir com a não existencia da analogia e dos preceitos 'nella fundados, é um batalhar de alfinete e não de espada (*). Tal valeria o argumento, si da disformidade de um touro mocho, de um homem zarolho, de um cavallo troncho, ou de um mastim zambro, se-concluisse que a natureza dos touros, dos homens, dos cavallos e dos mastins, não estivesse subjeita ás leis da analogia. Além d'isso, em taes assumptos, repito ainda uma vez : tregua de auctoridades ! Deixemos essa poeira, e venhamos ao raciocinio.

Suppõe o sr. professor que na palavra *docto*, o *oc* se-mudou no diphthongo *ou*. Perdoe-me o distincto humanista : é um lapso na lei da mechanica linguistica ; não ha um caso unico, me-parece, em que *oc* se-converta em *ou* ; isso , portanto, não se-passou como julga.

A denunciada modificação da pronúncia , em relação á escripta , deve (segundo a *indole* de taes transformações) ter seguido este pendor :

(*) Faz bem ao nosso proposito , apresentar aqui algumas linhas do mesmo sabio (*Ling-Lat. l. X*), relativas á analogia das palavras, ja entre si, ja com as linguas matrizes ; é um curioso simile : — Assim se-diz ser similhante o homem ao homem , cavallo a cavallo, porem dissimilhante o homem do cavallo; porque além ha paridade nas figuras dos membros, mas éstas fazem que uma especie de animaes divirja da outra. Por egual rasão, o varão é mais similhante ao varão que á mulher, o velho ao velho que á creança, por motivo das co-relações. Mais entre si se-assimelham os que menos differem em ar, em rosto, em corpo. São similhantes os que muito se-approximam ; são como gemeos os que vão até quasi á identidade.

Assim nas linguas.

O *c* foi, não trocado, mas supprimido na pronúncia (*); reduzida a primeira syllaba a *do*, deu-se a este *ô* o som, que o accento circumflexo insina, como accontece mui frequentemente (**).

Conseguintemente, si é certo que, em muitos casos ja se-admitte a mudez do *c* (denominado impacho pelos phonographos), e que um *o* tenha o som *ô*, consinta-se escrever *docto*, *doctor*, *doctrina*, porque ahi se-dão ambas essas usuaes circumstâncias, e porque esse graphar segue os preceitos etymologicos.

Concluirei aliás este artigo, convertendo contra o erudito censor o argumento que, em princípio d'elle, repelli, o da auctoridade. Da fórma que elle ora recusa escreviam, o mais das vezes ('nesta práctica mais bem aconselhados que a maioria dos modernos) muitos dos classicos e bons escriptores do seculo aureo. É lícito a mim não fazer grande cabedal d'esta rasão, mas não assim a quem se-pronuncía contra a audacia de tocar na arca sancta da *orthographia* classica.

(*) Succede isto em muitas palavras, por exemplo: *accento*, *activo*, *affecto*, *effectuar*, *acceitar*, *juncto*, *dicto*, *sancto*, *acção*, *acto*, *victoria*, *correcto*, *facto*, *exacto*, *tecto*, *scena*, *scenario*, *sceptro*, *espectro*, *sciencia*, *Scipião*, *etc.*

(**) Por exemplo: *Piloto*, *gota*, *gafanhoto*, *perdigoto*, *minhoto*, *canhoto*, *novo*, *lobo*, *povo*, *bocca*, *roxo*, *coxo*, *estojo*, *hoje*, *rolha*, *rola*, *tijolo*, *vôo*, *estopa*, *cachopo*, *roto*, *potro*, *cocho*, *mocho*, *dobro*, *doce*, *dono*, *etc.*

ARTIGO VII.

« Não se-devem fazer mudanças, reprovadas pelos nossos lexicographos. »
(Parecer dos censores.)

Ainda estou por comprehender qual seja a orthographia aconselhada pelos illustres criticos. Alli recommendam a dos classicos (que a não têm); acolá a do uso (que varía); 'noutra parte a do eclectismo (legislador de anarchia); agora a dos lexicographos (*). Julguei conveniente guardar o último assumpto para remate.

Que significa a determinação de nos-conformarmos com as prácticas dos diccionarios? Receio ser origem d'ésta prescripção a nobre convicção de que esses mestres do valor dos vocabulos o-sejam egualmente das suas condições graphicas. O sr. professor intendeu, em sua incontestavel illustração, que a orthographia merece considerar-se parte integrante da lexicographia; e, levado por esse patriotico impulso, proclamou como existente o possivel, e tirou de dados falsos acertados corollarios.

(*) Esta legislação dos diccionarios parece idéa fixa do meo illustre censor. No artigo, a que ja alludi, do n.º 197 do *Diario das Alagôas*, diz S. S.ª (ou quem com S. S.ª fez côro): — « Eu « pensava que os lexicographos eram homens sabios; agora es- « tou conhecendo que são.... » (perdôe-se-me não concluir a transcripção).

No outro artigo, do n.º 201 da mesma folha, firmado com as iniciaes do sr. professor, lê-se :... « Si alguem ignorar, nos diccio- « narios poderá tirar a dúvida, etc. »

Lamento haver de declarar que succede com os lexicographos o mesmo que com os classicos : *nemo dat plus quam habet*, e nenhum adoptou ainda orthographia em nosso idioma. Cada um segue regras arbitrárias, d'onde resultam palmares contradicções e antinomias. Além d'isso, póde affirmar-se não haver dous, entre tammanho número, plenamente accordes. (*)

(*) Não me-considero auctorizado para classificar meritos; e, comquanto forme, *para mim*, opiniões no tocante aos valores maximo, infimo, e gradualmente relativo de todos e cada um de nossos lexicographos, nunca me-abalançaria a manifestál-as. De mais, o nobre censor falou vagamente dos *lexicographos*. Não devo pois fazer escolhas, nem distribuir, a meo talante, Capitolios e Tarpeias. Passo a lançar olhos sobre meia duzia de termos da lingua, para exemplificar de que modo os-vejo traçados diversamente pelos diccionarios, que 'neste momento me-rodeiam.

Evitarei as repetições dos nomes de auctores, indicando um número para cada um, a saber :

1°.—Prosodia de Bento Pereira.

2°.—Vocabulario de Bluteau.

3°.—Elucidario de S. Rosa de Viterbo. (É claro que não me -refiro ás palavras antiquadas, e só ao escrever do auctor.)

4°.—Diccionario portuguez-latim de P. J. da Fonseca.

5°.—Dicto dicto de Costa e Sá.

6°. —Dicto italiano-portuguez do dicto.

7°.—Dicto portuguez-inglez de Vieira.

8°.—Dicto portuguez-allemão de Wagener.

9°.—Compendio de orthographia de Monte-Carmello.

10°.—Diccionario de Moraes, primeira edição.

11°.—Dicto da quarta edição, no que é escripto por Theotonio José de Oliveira Velho.

12°.—Orthographia portugueza de Tristão da Cunha Portugal.

13°.—Diccionario dos homonymos, de Couto.

14°.—Dicto portuguez-francez, de Constancio.

15°.—Dicto portuguez, do dicto.

Não é censura similhante reflexão. Longe de mim a stulta, ingrata e pertenciosa idea de desconhecer os relevantes serviços prestados á lingua (em menor ou

16°.—Dicto portuguez-francez, de Roquette.
17°.—Dicto portuguez, de Fonseca e Roquette.
18°.—Dicto portuguez-italiano,de Bordo.
19°.—Dicto portuguez,de Lacerda.
20°.—Dicto dito, de Faria,quinta edição.
21°.—Vocabulario, do Compêndio de orthographia, de Cabral.

Quando o diccionarista se-refere a mais de um escrever, intende-se ser preferido por elle o em que lhe-ajuncta a definição do vocabulo.

¿ Quer o nobre censor ver como estes lexicographos diversificam na escripta de alguns poucos vocabulos, tomados quasi ao acaso, e 'num relancear de olhos ?

Ora faça S.S^a^. de conta que um extrangeiro, rodeado d'aquelles diccionarios, imaginava as delícias de orthographar com firmeza, dirigido por taes guias... A' terceira linha,tinhamos nas palhas o nosso credulo extrangeiro !

Supponhamos o seguinte trecho, cuja correcta escriptura elle fôsse buscar aos lexicons.

« *Na physica e chymica, até na geographia, os escriptores*
« *coordenam suas licções, accelerando assim vantagens, e accenden-*
« *do desejos de accrescentar essas disciplinas na jerarchia. Não ha*
« *porém verisimilhança de que nos-lisonjeemos com a idea de que a*
« *litteratura, ou antes os meos auctores litterarios, por mais altilo-*
« *quos que sejam, ou de maiores appellidos, obtenham egual fructo*
« *na singela sciencia dos diphthongos, das metaphoras, do abeceda-*
« *rio ou alphabeto ! Muitos subjeitos, 'nesta epocha, vendo isto com*
« *pezar, e não acceitando ésta excepção, deram testimunho do seo*
« *amor á philologia, buscando, á fôrça de negociações e contractos,*
« *elevál-a do grau captivo em que se-conserva ha cinco seculos, ou*
« *antes desde o berço da monarchia, quando o moderno idioma nas-*
« *ceu, até outro mais vizinho da perfeição ; o que é synonymo de ar-*
« *raigál-a. Com o dicto sancto intuito, estudaram linguas irmans e*
« *o pae e a mãe d'ellas; mas ésta sciencia, caprichosa como linda*
« *mulher, escapa-se como anguia ; e a tal cousa, chamada ortho-*
« *graphia de vocabulos e phrases, é um chaos !* »

maior, e alguas em maximo grau) pelos lexicographos, com quanto algum haverá talvez que a-tenha seviciado, e como tal desservido ; mas a missão dos dic-

Eis aqui agora a sorte do desditoso consultante dos diccionarios, que para logo atordoado com as desegualdades de accentuações, separações e ligações, faria como o pretor, não curando de minudencias. Vejamos o que lhe-responderiam os taes *indefectiveis e uniformes* vocabularios, de cada vez que os-consultasse:

Principiou pela primeira palavra : *physica*. Determinaram-lhe que escrevesse : — *physica*, Bluteau, Couto, Constancio, Tristão da Cunha, Roquette ; — *fisica*, Bento Pereira, P. J. da Fonseca ; — *fysica*, S. Rosa Viterbo, Costa e Sá.

(Para poupar espaço, substituamos os nomes dos auctores pelos numeros de convenção :)

— *Physica* : 2. 13. 14. 15. 12. 17. — *fisica* : 1. 4. — *fysica* : 3, 5.
— *Quimica* : 10. — *chimica*: 2. 7. 18. 15. 16. 4. 17 — *chymica* : 21.
— *Geografia* : 4. 5. 10 — *geographia* : 7. 2. 14. 18. 12. 13. 17. 15.
— *Escriptor* : 12. 13. 21. — *escritor* ; 4. 11. 1. 5. 2. 14. 7. 18.
— *Coordinar* : 5. 7. 11. 13. 16. 2. 19. — *Coordenar* : 12. 14. 17.
— *Licção* (apezar de boa orthographia) : O — *lição* : 5. 10. 12. 18. 17. 2. 6. 14. 1. 4. 7. 13. 15.
— *Acelerar* : 2. 7. — *accelerar* : 14. 18. 1. 4. 5. 11. 12. 17. 21. 15. 19.
— *Ventagem* : 6. — *ventajem* : 2. — *ventaje* : 2. — *vantajem* : 7. — *vantagem* : 18. 16. 4. 5 9. 12. 15. — *vantage* : 1.
— *Acender* : 2. 7. — *accender* : 14. 18. 1. 4. 5. 13. 11. 12. 17. 21. 19.
— *Dezejo* : 2. 13. — *desejo* : 7. 14. 18. 1. 4. 5. 11. 12. 15. 19.
— *Acrecentar*: 2. 7.— *acrescentar*: 1. 17. 15. 19. — *accrescentar* : 4. 5. 13. 12. 21.
— *Jerarquia* : 7. 13. 14.—*jerarchia* ; 12. 17. 21 — *hierarchia* : 15.
— *Verisemelhança* : 4. 5. 10. — *verosimilhança* : 14. 21. — *verisimilhança* : 2. 17. 7. 18. 1. 16. 15.

cionarios não é exclusiva, nem primariamente ortho-graphica.

Como hão de esses auctores, forçados a seguir

— *Lisonjear* : 6. 12. 21. 1. 2, 4. 5. — *lisongear* : 3. 9. 13. 16. 15.
— *Ideya* : 10. — *idéa*: 2. 12. 14. 4. 7. 18. — *ideia* : 13,
— *Literatura* : 3. 4, 5. 6. 12. 13. 14. — *litteratura*: 2. 7. 17. 18. 15.
(Dá-se aqui, em alguns, a galanteria de escreverem *litterario* com 2 *tt* e *letra* com 1 *t*, como 7 ; *litterario* com 2 *tt* e *literatura* com um , como 5, etc.)
— *Meu, seu, teu* : 4. 6. 3. 14. 7. 15. 18. 4. 5. 12. — *meo, seo, teo* : 2. 13.
— *Autor* : 10. 14. 2. 18. 11. 1.— *author* : 4. 13. 6. 2.
— *Maior* : 18. 5. 15. 1. 4. 12. 17. 14. — *mayor* : 10. 2. 7.
— *Apellido* : 4. — *apelido* : 1. — *appellido* : 5. 12. 17. 7. 11. 2. 15. 19.
— *Egual, igual* (Ja disse.)
— *Fruto* : 4. 16. 2. 14. 7, 1. — *fructo* : 4. 5. 13. 12.
— *Ditongo* : 10. 16. 17. — *diphtongo* : 2. 11. 13. — *dipthongo* : 14. 18. 20. 15. 19. — *diphthôngo* : 7. — *dithongo* 5. 21.
— *Metafora* : 1. 4. 5. — *metaphora* : 2. 7. 14. 12. 13. 15.
— *Abecedario* : 5. 8. 12. 2. 7. 14. 18. 15. — *abcedario* : 13.
— *Alfabelo* : 4. 7. 19. — *alphabeto* : 2. 12. 13. 14. 15.
— *Sujeito* : 3. 17. 21. 7. 12. 4. 13. 15. — *sogeito* : 1. 2. — *sojeito* : 5,
— *E'poca* : 4. 6. 11. 2, 7. 14. — *epocha* : 13. 21. — *epoca* : 5. 18.
— *Pezar* : 4. 21. — *pesar* ; 1. 2. 5. 13. 12.
— *Aceitar* : 6. 17 11. 4. 2. 7. 14. 5. — *acceitar* : 1. 12.
— *Exceição* : 4. 5. — *excepção* : 2. 7. 12. 3. 14.
— *Testemunho* : 4. 5. 16. 17. 2. 7. 14. 1. 18. 15. — *testimunho* : 12. 13.
— *Filologia* : 1. 4. 5. — *philologia* : 2. 17. 7. 14. 12. 13. 18.
— *Negoceação* : 1. 2. — *negociação* : 4. 5. 7. 12. 14. 15.
— *Contrato* : 3. 4. 11. 2. 7. 14. 1. 18. — *contracto* : 13. 15.
— *Grão* : 3. 4. 12. 2. 7. 14. 1. 5. 15. — *grau* : 13.
— *Cativo* : 3. 17. 2. 4. 11. 14. 7. 18. 1. 5. — *captivo* : 12. 13. 15,
— *Cinco* : 2. 14. 18. 1. 12. 15. — *sinco*: 3. 4. 7.
— *Monarquia* : 4. 5. 6. 7. 2. — *monarchia* : 12. 13. 18. 16. 21. 15.

ordem alphabetica, deixar de conformar-se com uma qualquer? E significará isso adopção, convicção?

Antes de uniformemente accolhidas as regras do escrever, era impossivel exigir uniformidade dos lexicographos: d'essa variedade se lhes não pode imputar sombra de culpa.

— *Nacer* : 2. 7. — *nascer* : 1. 4. 5. 13. 12. 18. 15.
— *Visinho* : 1. 3. 13. 5. 7. — *vizinho* : 14. 18. 4. 12. 16. 15.
— *Synonymo* : 4. 12. 13. 5. 2. 7. 14. — *synonimo* : 18.
— *Arraigar* : 3. 17. 4. 12. 2. 5. 14. — *arreigar* : 1. 11.
— *Dito* : 4. 5. 14. 15. 19. — *dicto* : 13. — *ditto* : 1. 2. 7.
— *Santo* : 6. 17. 2. 4. 7. 14. 1. 5. 18. 15. — *Sancto* : 12. 13.
— *Lingoa* : 2. 4. — *lingua* : 3. 18. 1. 11. 13. 12.
— *Irmaans* : 2. — *irmans* : 14. — *irmaãs* : 7. — *irmãs* ; 4. 5. 12. — *irmãas* : 1. 13.
— *Pai* : 7. 14. 18. 4. 5. 13 17. 15. — *pay* :1 . — *pae* : 19.
— *Mãi* : 4. 14. 18. 16. 17. 15. — *mãy* : 1. 2. 7. — *mãe* : 13. 19.
— *Mulher* : 14. 18. — *molher* : 2.
— *Enguia* : 14. 17 1. 7. 18. — *Anguia* : 8. 12. 2. 4. 5.
— *Cousa:* 4. 17. 12. 2. 4. 6. 14. 11. 7. 5. 1.—*coisa:*—10—*couza:* 13.
— *Orthographia:* 2. 13. 7.14. 13. 18. 12.17. 14. 16. 21—*ortografia:* 5. 6, 10. 11—*orthografia:* 3. 4. 9.
— *Frase:* 1. 10.11. 16—*fraze:* 4—*phráze* :13—*phrasi:* 2—*phráse:* 7. 12—*phrase:* 13. 14. 17. 18. 21. 15.
— *É:* 12. 16. 17. 20. 19—*he:* 2. 4. 6. 9. 14. 7. 4. 13. 15.
— *Hum:* 4. 6. 9. 2. 3. 14. 5. 7. 18. 15. 1. 4. 13—*Um:* 12. 20. 16. 17. 19.
— *Cahos:* 2—*cáhos:* 13. 21. 11. 14—*cáos:* 5. 7—*chaos* 17. 18. 20. 15. 19.

Em verdade, quasi me-invergonho de pôr á luz do sol patentes estas miserias! Dos *Pareceres* se-colhe que nem mesmo os homens competentes se-haviam dado a tal confrontação. Palavras ha (inaccreditavel, si ahi não ficasse evidenciado!), que os lexicographos mandam escrever de mais diversos modos do que lettras essas palavras contém! Eis o que significaria *regular a orthographia pelos actuaes diccionarios!*

Ha mais em sua defesa. Um tractado de orthographia pode legislar para futuro ; mas um diccionario destina-se particularmente para o passado : é o subsídio de que lançâmos mão para estudar o que existe escripto ; daguerreotypo da lingua, até o tempo em que sai a lume. Cumpre, portanto, que o lexicon reproduza os vocabulos, perfeitos ou defeituosos, mas taes como os auctores os-traçaram. Dizer um lexicographo que os auctores hão impregado certas lettras, não é affirmar que esse uso fôsse racional, mas somente revelar um facto, não raro opposto á propria convicção, como por todos vos-bradará Moraes, quando não hesita em declarar ter seguido orthographia, que lhe-desagradava. (*)

Assim justificada a anarchia dos diccionarios do nosso idioma, direi que em centos e milheiros de palavras, elles mesmos deixam os consulentes indecisos entre 2, 3 e 4 variantes ! Diz um : — *Jerarchia*, *jerarquia*, *jerarchia* ; *arraigar*, *arreigar*, ou *arraygar*, *etc*. Deixar a facilidade de escrever de tantos modos é lançar a desordem no campo de Agramanto; é nada insinar.

Note-se mais que, em ponctos fundamentaes, divergem os diccionaristas, quanto ao valor das lettras,

(*) Declaro altamente e de bom som (diz Moraes) que, na maior parte, sigo a orthographia mais actual, contra o meo parecer, e porque assim o-querem.

quanto aos accentos, quanto ás convenções de primeira e segunda ordem.. É uma Babel. (*)

Si a orthographia cuja adopção advogo fôsse acceita e auxiliada por um vocabulario condigno, então, mas só então, o escrever se-poderia uniformar. Até lá, a recommendação seria prematura, e os pharoes lexicographicos só serviriam para alumiar os escolhos e recifes, a que elles proprios nos-arremessariam.

Não sem grandes precates de desconfiança, ahi ficam aventuradas humildes reflexões, em que supponho haver detidamente tocado todos os assumptos trazidos á controversia.

E pois que o processo vai pelo prelo ser submettido ao formidavel juizo público, não occulto a sensação de respeitoso temor que me-accommette 'nesta hora de perigos, tanto mais quanto a consciencia me -brada severa que, si o timoneiro é debil, é segura a nau; e, si sobrevier naufragio, culpa será d'elle, que não d'ella.

(*) Cada um segue seo rumo, em ponctos de immensa applicação, e em mil casos, por exemplo: — As tres pessoas de preteritos em *o* ou *u*.—As terminações em *oens* ou *ões*.—Uso ou proscripção do *y*, equiparado ao *y* molhado francez.—Respeito ou suppressão de lettras dobradas, especialmente *cc* e *ff*.—Convenção sobre as lettras correspondentes ás de radical grega.—Imprêgo ou destêrro do *h* divisorio... Fôra um nunca acabar esta enumeração.

Aos sabios, duas palavras. Perdoem os erros da minha ousada insufficiencia; e, si a importancia do assumpto advogar em meo favor a sua attenção e benevolencia, dar-me-hei por feliz quando me-honrarem, emendando e melhorando o meo trabalho. Serão, pois, bem vindas todas as correcções que supplico.

Quanto aos meos doctos censores, rogo-lhes que, si alguma vez a penna, rebelde ao pensamento, ousou expressão menos respeitosa, a-hajam por não traçada, pois cordialmente declaro que me-lisonjearam baixando olhos sobre o meo livro. Repugna geralmente a crítica d'aquelles que, sem bem ou mal escreverem, opilados de sempre abafada erudição, sentenceiam, desprezando fundamentar seos *hatti-scherifs*; mas quanto á crítica intelligente, convicta, urbana, tenho-a, ainda mesmo apaixonada, por testimunho de consideração. Que não será a censura comedida, sábia, benevola! Essa anima, corrige, premeia.

Rio de Janeiro, aos 2 de julho de 1860.

Castilho Jose.

INDICE.

Illusão, experiencia e desengano.— Maximas e pensamentos de um velho da terra de Santa Cruz. 2$ e 3$

Inauguração da estrada de ferro de Pedro II, em 29 de Março de 1858 ; estampa para grande quadro. 4$

Lareira, conto para meninos 160

Livro de Elysa, por João de Lemos Seixas Castello-Branco. 2$

Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior. 1$

O Casamento de S. A I. a Senhora Princeza D. Isabel com S. A. R. o Senhor Infante D. Luiz 1.º Duque do Porto. 1$000 e 2$000

O sentimento religioso. 320

Passarinho mimoso, conto. 160

Pedro Sem, conto em verso. 160

Romances emitados de Gesner, por D. Beatriz Francisca de Assis Brandão. 500, 1$ e 2$

Saia balão, e o collarinho de papelão, comedia 600 e 1$600

Typos burlescos, por Bruno Seabra 500

Vida de uma actriz, drama traduzido do francez por D. Maria Velluti, com o retrato de D. Ludovina Soares da Costa. 3$

Visões, por L. M. 1$

Viuva das camelias, comedia traduzida do francez por D. Maria Velluti, com o retrato da traductora. 2$